

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)**

AMARILDO PINHEIRO MAGALHÃES

**SENTIDO, HISTÓRIA E MEMÓRIA
EM CHARGES ELETRÔNICAS SOBRE O GOVERNO LULA:
OS DOMÍNIOS DO INTERDISCURSO**

MARINGÁ

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AMARILDO PINHEIRO MAGALHÃES

**SENTIDO, HISTÓRIA E MEMÓRIA
EM CHARGES ELETRÔNICAS SOBRE O GOVERNO LULA:
OS DOMÍNIOS DO INTERDISCURSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Lingüísticos.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Sônia Aparecida Lopes Benites

MARINGÁ

2006

AMARILDO PINHEIRO MAGALHÃES

**SENTIDO, HISTÓRIA E MEMÓRIA
EM CHARGES ELETRÔNICAS SOBRE O GOVERNO LULA:
OS DOMÍNIOS DO INTERDISCURSO**

Aprovado em 17 de março de 2006.

Trabalho de conclusão apresentado como requisito para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Maringá, sob apreciação da seguinte banca examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Sonia Aparecida Lopes Benites
Universidade Estadual de Maringá - UEM
Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Honório
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
Universidade Federal do Mato Grosso/ Cuiabá-MT

*Aos meus pais, José e Maria do Carmo,
incentivo e segurança em cada passo dessa jornada.*

AGRADECIMENTOS

*Agradecer é admitir que
houve um minuto em que se precisou de alguém.
É reconhecer que o homem jamais poderá alcançar
o dom de ser auto-suficiente.
(Autor desconhecido)*

A DEUS,

Princípio e Fim de todas as coisas, fonte inesgotável de sabedoria e consolo em todos os momentos dessa jornada.

AOS MEUS FAMILIARES,

Porto seguro em todas as etapas desta caminhada. Minha eterna gratidão aos meus pais pelo muito que fizeram diante do meu pouco merecimento. Carinho especial às minhas irmãs, pedras preciosas lapidadas na convivência nem sempre harmoniosa. Aos meus tios, tias, primos e a minha avó, pela preocupação, interesse e desejo de sucesso.

À PROFESSORA ORIENTADORA,

Pela confiança que sempre depositou em mim e neste trabalho, pela seriedade, dedicação (inclusive nas madrugadas) e, principalmente, pelo espírito de liberdade com que me conduziu ao longo deste empreendimento de pesquisa.

AO CHARGISTA MAURÍCIO RICARDO,

Pelo brilhantismo e criatividade que alimentam este trabalho e pela gentileza com que procurou me fornecer as informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa.

AOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA,

Por me honrarem com a leitura deste trabalho e por colaborarem com presteza e desprendimento para o meu crescimento e amadurecimento como ser humano e como pesquisador.

AOS AMIGOS,

Irmãos de alma que me fizeram cócegas no corpo e na mente quando as lágrimas queriam se aproximar, mãos fortes a me guiar em tempos de noite escura: José Roberto, Maranilde e Claudete, olhos, corações e joelhos sempre atentos; Márcia e Rosinéia (a grande culpada), refrigerio para o meu cérebro em chamas; Rosalva e Edileusa, confiança inabalável, mesmo quando eu me achava incapaz; Ticiania, amiga fiel que me conquistou nos embalos do PLE, a despeito de meus pré-conceitos; Sílvia, pérola preciosa que encontrei nos caminhos do PLE, perspicácia e inteligência inigualáveis; Jane, companheira-companhia de viagem, de trabalho, de “apê”, e de luta, generosidade e hospitalidade indescritíveis, certeza para as minhas horas incertas, incentivadora de meus sonhos mais inusitados; Jonas, ponto de equilíbrio de nossas almas inquietas; Sandra Torres, eterna torcedora; Geraldo e

Paulo, companheiros fiéis das tardes e noites intelectuais de Maringá, presença que se fez presente; Ivanize e Helena, ternura e doçura insuperáveis, irmãs de preocupação com os temas relacionados à linguagem, à educação e à vida; Rosi, coragem. Ímpeto e sutileza que encorajam, reanimam e fazem pensar; Cleder, Érika, Sônia e Vilma, companheiros de trabalho e de vida ao longo deste último ano na CRTE Loanda: generosidade e desprendimento incalculáveis; Shirlei e Regina, interesse desinteressado, sensibilidade que alcança as entranhas da alma.

AOS PROFESSORES DO PLE,

Pela seriedade com que conduzem os rumos do programa, pelo tempo (nem sempre disponível) dedicado para que tivéssemos a melhor formação possível. Meu muito obrigado à professora Sílvia Vasconcelos, primeira a me acolher no PLA; à Professora Clarice Zamonaro Cortez, pelo carinho dedicado em minha curta viagem pela Literatura; ao Professor Renilson José Menegassi, pela atenção dispensada mesmo antes do meu ingresso no programa e por ter sabido compreender a minha mudez. Minha gratidão sempre insuficiente à Andréa e à Marlene, secretárias sempre atentas às nossas necessidades.

AOS COLEGAS DE TURMA,

Com quem compartilhei sonhos, idéias e divergências. O tempo não será capaz de apagar as marcas que reciprocamente imprimimos em nossas almas.

AOS COLEGAS DE TRABALHO,

Juntos, compartilhamos não apenas o local de trabalho, mas muito de nossas vidas. Vocês são testemunhas da empolgação, alegria e lamúrias deste tempo. Muito obrigado pelo interesse sincero e por desejarem que eu superasse cada obstáculo dessa árdua caminhada. Minha gratidão à Direção, Coordenação e Colegas do Curso de Letras da Faculdade Novo Horizonte e da FACINOR, por entenderem as minhas dificuldades e colaborarem para que eu pudesse organizar a minha rotina sempre acelerada. Meus sinceros agradecimentos ao Diretor e colegas de trabalho do Colégio Estadual Guilherme de Almeida pela acolhida fraterna no pequeno período em que lá permaneci. Aos companheiros do Núcleo Regional de Educação de Loanda, que assistiram de forma mais próxima aos momentos felizes e difíceis dessa jornada, pela solidariedade nas palavras e nos gestos que, muitas vezes, foi a força que faltava aos meus passos vacilantes. Meu imenso carinho e gratidão sem limites à Professora Siloé de Lourdes Costa, Chefe do NRE Loanda, pelo apoio incondicional recebido ao longo desse período, pela generosidade, atenção e carinho com que procurou atender às minhas mais diversas e urgentes necessidades, por todas as vezes em que fechou os olhos do cargo e me olhou com os olhos do coração, bem como à Silvana, pelo desejo e esforço para que tudo desse certo. Não posso deixar de mencionar alguns amigos verdadeiros que deixei no meu antigo emprego na Escola Santa Edwiges, que viveram comigo os primeiros momentos dessa empreitada e que jamais deixaram de desejar que o termo se desse da melhor forma possível.

AOS MEUS ALUNOS

De todos os tempos e de todas as idades, com quem pude sorrir, chorar, brigar e, acima de tudo, viver momentos inesquecíveis, fonte de luz para percorrer esse longo e árduo caminho. Força humana que me faz mais humano.

A TODOS,

Que comigo colaboraram com gestos, atitudes e preces no desejo de que eu jamais perdesse as razões que me fazem sorrir.

Se a tua voz tivesse força igual

À imensa dor que sentes

teu grito acordaria

não só a tua casa,

mas a cidade inteira ...

(Legião Urbana)

RESUMO

Este trabalho pauta-se nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), tendo como principal referência os estudos de Michel Pêcheux. Seu principal objetivo é analisar os processos de comunicação mediados por computador, focalizando, especificamente, a produção de sentidos em charges eletrônicas. Dentro do quadro teórico adotado, o trabalho enfatiza a exterioridade como constitutiva dos fenômenos lingüísticos, destacando conceitos como interdiscurso, intradiscurso, formação discursiva e condições de produção. Em função das especificidades do *corpus*, contempla também conceitos concernentes à relação entre discurso, mídia, política e humor, em especial o conceito de derrisão, além de estabelecer princípios norteadores para a análise discursiva de imagens. Como requisito para a análise, são levantadas as condições de produção das charges, constituídas pela caracterização do ambiente virtual em que são publicadas, por seu processo de produção, e por um resumo do percurso histórico-político do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, personagem principal das sete charges eletrônicas analisadas. Estas focalizam o percurso de Lula, desde sua posse, em 2003, até as denúncias e o princípio da apuração de um suposto escândalo de corrupção envolvendo este governo, no segundo semestre de 2005. O trabalho pressupõe a perene incompletude dos fatos da linguagem, compreendendo que o dizer é sempre ponto de deriva para outros sentidos, sem compromisso com a literalidade. Isso permite afirmar que o processo de produção de sentido das charges, por sua natureza verbo-visual, se dá a partir da relação entre as suas condições imediatas de produção (historicidade) e o interdiscurso (memória discursiva), elementos constitutivos que atravessam o objeto discursivo em seu nível de formulação, a partir da posição ideológica de um sujeito interessado em desenvolver uma crítica que provoque riso, sem abrir mão do aumento da visibilidade do site, em função das coerções da mídia capitalista. Entendemos que pesquisas dessa natureza podem, através da rememoração dos fatos e dos discursos, materializados em palavras ou imagens, contribuir para a constituição de um novo olhar da sociedade para as complexas relações que permeiam a mídia e a política; tal olhar é particularmente relevante quando se pensa na charge eletrônica, objeto discursivo que agrada a um público potencialmente constituído de leitores-navegadores jovens.

Palavras-Chave: Análise do Discurso, sentido, interdiscurso, história, charges eletrônicas, Governo Lula.

ABSTRACT

Current research is based on the theoretical presuppositions of the French Discourse Analysis with special reference to Michel Pêcheux's analysis. Computer-mediated communication processes focusing on the production of meaning in electronic charges are analyzed. Through the above theoretical framework research emphasizes exteriority as a constituent of the linguistic phenomena involving interdiscourse, intradiscourse, discursive formation and production conditions. Due to the corpus's specificity, it also analyzes concepts on the relationship between discourse, social media, politics and humor, especially derision, and establishes the principles for the discursive analyses of pictures. Conditions for the charges' production are reviewed so that the analysis could be properly undertaken. These conditions are characterized by the virtual environment in which they are published, by their publication process and by a summary of the historical and political history of Brazilian President Luís Inácio Lula da Silva, the main character of the seven electronic charges under analysis. These charges focalize Lula's history from his Inauguration Day in 2003 up to the denunciation process and the beginning of probes on the alleged corruption scandal in his administration during the second half of 2005. Research supposes the perennial incompleteness of language. Discourse is always prone to flow towards other meanings without any commitments with literality. One may state that the process of the charges' production of meaning is undertaken through the relationship between the immediate conditions of production (historicity) and interdiscourse (discourse memory) due to its verbal and visual nature. The latter are constitutive items that cross the discourse object at formulation level from the ideological position of a subject who develops a critical attitude that causes laughter without any broadening of the site's visibility owing to coercions produced by a capitalist social media. Such researches on facts and discourses, materialized by words and images, may be a contribution for the establishment of a new gaze on society with regard to the complex relationships that pervade the media and politics. Since it is a discourse object that pleases a public potentially formed by young web readers and surfers, such a gaze is chiefly relevant when dealing with an electronic charge.

Key words: Discourse Analysis; meaning; interdiscourse; history; electronic charges, Lula administration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –Lula e Marisa: Quanta lameira!	51
Figura 2 –Lula e Serra cantando “Summernights”	55
Figura 3 – Lula cantando “Enquando houver sol”	55
Figura 4 – Heloísa Helena cantando “Máscara”	55
Figura 5 – Palocci após jogo de futebol na granja do Torto	55
Figura 6 – Heloísa Helena cantando “Máscara”	62
Figura 7 – Heloísa Helena cantando “Sorte Grande”	62
Figura 8 – Zeca Pagodinho cantando “O Penetra”	62
Figura 9 – Regina Duarte sendo entrevistada por Toby	63
Figura 10 – Visão geral da página principal do site, versão que permaneceu on-line até agosto de 2004	63
Figura 11 – Maurício Ricardo com Toby, Fimose e Espinha recebendo Info2001 ..	68
Figura 12 – Visão geral da estação Humor	72
Figura 13 – Visão geral da estação Jornais	74
Figura 14 – Layout atual da página de abertura do site	75
Figura 15 – Layout da seção “Gifs de Futebol”	75
Figura 16 – Toby entrevista o ET de Varginha	77
Figura 17 – Toby entrevista o touro “Bandido”	77
Figura 18 – Magela entrevistado por toby	78
Figura 19 – Layout da seção “E-mails Comentados”	79
Figura 20 – Layout da seção “Cartões Virtuais”	81
Figura 21 – Layout da seção “Piada do Dia”	83
Figura 22 – Layout da seção “Editorial”	84

Figura 23 – Layout da seção Bobagens.....	85
Figura 24 – Layout da página de abertura dos “Mini-sites”	86
Figura 25 – Layout da seção “Top Charges”	87
Figura 26 – Layout da seção “Top do Mês”.....	87
Figura 27 – Layout da página de abertura do “bate-papo”	88
Figura 28 – Layout da seção “Charges-okê”	88
Figura 29 – Abertura de uma charge eletrônica comum	89
Figura 30 – Abertura de uma charge-okê.....	89
Figura 31 – Layout da seção “Games”	91
Figura 32 – Layout da seção “Fale Conosco”.....	92
Figura 33 – Enquete.....	93
Figura 34 – Abertura da Charge1	138
Figura 35 – Ilustração principal da charge 1.....	139
Figura 36 – Quadro final da charge 1	146
Figura 37 – Abertura da charge 2.....	147
Figura 38 – Quadro inicial da charge 2	148
Figura 39 – Estrela tombada	149
Figura 40 – Lula canta: explode coração	149
Figura 41 – Arraiá do torto.....	149
Figura 42 – Lula e Kid Abelha: Nada Sei	149
Figura 43 – Quadro principal da charge 2	153
Figura 44 – Abertura da charge 3.....	157
Figura 45 – Quadro principal da charge 3	158
Figura 46 – Abertura da charge 4.....	173
Figura 47 – Quadro principal da charge 4	175

Figura 48 – Lula em 1975	185
Figura 49 – Lula em 1980	187
Figura 50 – Lula em 1984	190
Figura 51 – Lula em 2003	191
Figura 52 – Lula em 2004	193
Figura 53 – Lula em agosto de 2004.....	195
Figura 54 – Abertura da charge 6.....	199
Figura 55 – Trilha sonora de Seiobundade	199
Figura 56 – Trilha sonora de Seiobundade (final)	199
Figura 57 – Trilha sonora de Senhora do Intestino	199
Figura 58 – Trilha sonora de Senhora do Intestino (final)	200
Figura 59 – Trilha sonora de A Meleca	200
Figura 60 – Trilha sonora de A Meleca (final).....	200
Figura 61 – Trilha sonora de A Meleca 2	200
Figura 62 – Trilha sonora de A Meleca 2 (final).....	200
Figura 63 – Os três macaquinhos chineses	202
Figura 64 - Big Brother Brasília: Osmar Serraglio	204
Figura 65 - Big Brother Brasília: Delúbio Soares.....	205
Figura 66 - Big Brother Brasília: Ex-Deputado Severino Cavalcanti.....	209
Figura 67 -Big Brother Brasília: Ex-Deputado Roberto Jefferson.....	210
Figura 68 - Big Brother Brasília: Deputado José Dirceu	212
Figura 69 - Big Brother Brasília: Presidente Lula	214
Figura 70 - Quadro final da charge 6.....	215
Figura 71 – Abertura da charge 7.....	217
Figura 72 – Quadro principal da charge 7	218

Figura 73 – Dólares na cueca	222
Figura 74 – Quadro final da charge 7	224

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	DISCURSO, DESIGNAÇÃO E HUMOR: OLHARES TEÓRICOS.....	24
2.1	SENTIDO, LINGUAGEM E EXTERIORIDADE	26
2.2	TEXTO, DISCURSO E A TAREFA DO ANALISTA.....	40
2.3	DISCURSO E IMAGEM	43
2.4	DISCURSO POLÍTICO E HUMOR.....	47
3	CARICATURA, CHARGES E A (RE)APRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE NO JORNAL E NA INTERNET	52
3.1	A PROPÓSITO DO CONCEITO E DA NATUREZA DA CHARGE	53
3.2	CHARGES: O DISCURSO DO TEXTO E DA IMAGEM NO JORNAL E NA INTERNET	58
3.2.1	As condições de produção próprias da charge impressa e eletrônica.....	60
3.3	APROXIMANDO O OLHAR	65
3.3.1	De jornalista sério a chargista na internet.....	65
3.3.2	A produção das charges	69
3.3.3	“Charges.com.br” e UOL	70
3.3.4	Uma visão panorâmica do site.....	75
4	UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA	95
4.1	ANTECEDENTES	96
4.1.1	Nordestino, migrante, operário.....	96
4.1.2	Sindicalista	99
4.2	O PARTIDO E AS TENTATIVAS	101

4.2.1 A Fundação do Partido dos Trabalhadores	101
4.2.2 As primeiras campanhas	103
4.2.3 Lula lá: 1989	105
4.2.4 Lula Brasil: 1994	109
4.2.5 O Brasil que conhece o Brasil: 1998	111
4.2.6 Agora é Lula: 2002	112
4.3 LULA PRESIDENTE	117
4.3.1 A posse: cerimônias e festa popular	120
4.3.2 Os radicais	121
4.3.3 Aliados e descontentes	122
4.3.4 A Imprensa	123
4.3.5 Sob o olhar das CPIs	124
4.3.6 Mensalão ou caixa-dois?	126
5 O DISCURSO DAS CHARGES	138
5.1 A POSSE	138
5.2 A ECONOMIA E O RITMO DAS MUDANÇAS	147
5.3 ALIADOS HISTÓRICOS	156
5.3.1 O MST	157
5.3.2 Os radicais do PT	173
5.3.3 Citações	183
5.4 O MENSALÃO	197
5.4.1 A CPI e seus personagens	198
5.4.2 Evidências negadas	216
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	226
REFERÊNCIAS	233

ANEXO A – ENTREVISTA COM MAURÍCIO RICARDO	240
ANEXO B – <i>CORPUS</i> SELECIONADO.....	245

1 INTRODUÇÃO

O acelerado desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, principalmente, as formas de comunicação mediadas pelo computador, têm propiciado o surgimento de novos processos de interação. Tais processos, todavia, nem sempre se apresentam de forma totalmente inédita; são, geralmente, adaptações ou reconfigurações de formas convencionais de comunicação.

No caso das chamadas charges eletrônicas, cujo principal representante no Brasil é o chargista Maurício Ricardo, criador do site “charges.com.br”, o que pode ser percebido é que estas são produzidas com base nos mesmos objetivos das charges jornalísticas convencionais: a crítica social por intermédio do humor. O elemento determinante neste tipo de charges é a instauração de um novo suporte material¹ e, por conseguinte, a mudança em seu meio de circulação.

Como sabemos, as charges convencionais têm por suporte o jornal. Tal fato determina, entre outras coisas, os possíveis leitores deste tipo de texto. Sua transposição para a Internet transforma o universo virtual de leitores, agregando-lhe novos elementos e excluindo outros. Inicialmente, a charge publicada em meio eletrônico parece aproximar-se mais do público adolescente e jovem, nem sempre leitores típicos das charges convencionais.

No caso do site em questão, a leitura de comentários enviados por visitantes, leva à constatação da assiduidade de leitores adolescentes e jovens que, diariamente, divertem-se e informam-se no referido espaço eletrônico. A repercussão dessas charges faz-se sentir também pelos convites que seu autor, o

¹ Termo utilizado por Maingueneau (2004).

jornalista Maurício Ricardo Quirino, recebeu para produzir charges em um “reality show” de uma rede de TV de grande alcance nacional, além da abertura e inserções em um programa humorístico e charges esportivas para esse mesmo canal de televisão, sem falar nos dois prêmios recebidos em 2005 por indicação dos leitores da revista Info: “site do ano” e “empreendedor do ano”.

Considerando o caráter informativo e opinativo das charges e a ampla circulação social das produções eletrônicas de Maurício Ricardo, parece-nos interessante proceder a uma análise criteriosa a respeito dos elementos que determinam a produção de sentidos dessas charges, de modo a instaurar um processo de análise discursiva desse fenômeno midiático.

Embora não ambicionemos discutir questões ligadas diretamente à ciência política, alguns elementos aqui abordados podem, eventualmente, interessar a estudantes dessa área. Nesse aspecto, a opção por temas ligados ao atual Presidente da República deve-se às peculiaridades ligadas ao processo histórico que o conduziu ao cargo de líder máximo da nação e os desdobramentos desse fato na atual conjuntura nacional.

Partindo de uma concepção que pressupõe a não-transparência dos fatos lingüísticos, entendemos que a produção de sentidos de qualquer unidade textual vincula-se invariavelmente a sua exterioridade, de modo que se torna impossível qualquer conceito de neutralidade de tais fenômenos.

Nessa perspectiva, a análise discursiva desses textos, especificamente aquelas que envolvem Luís Inácio Lula da Silva, parece-nos ainda mais essencial quando levamos em conta as circunstâncias em que o atual Presidente da República chegou ao seu posto: mudança no tom do discurso, alianças com antigos adversários, recurso a estratégias de marketing. Além disso, suas atitudes no cargo

também têm sido motivo de controvérsia, principalmente no que se refere às medidas relacionadas às áreas social e econômica, bem como ao tratamento dado aos chamados “radicais” do seu Partido, que se opunham a medidas por ele adotadas.

Mais recentemente, as denúncias feitas pelo Deputado Roberto Jefferson a respeito de um esquema de pagamento de propinas a deputados e todos os desdobramentos decorrentes desse fato vieram intensificar nosso interesse pelo assunto, já que, como se sabe, o humor político é altamente profícuo em tempos de crise política mais acirrada.

Diante dessa complexa realidade, a produção do chargista configura-se, não pelas vias tradicionais da historiografia, mas a partir de um deslocamento de sua situação de leitor-expectador desses fatos que têm causado comoção, euforia, espanto e indignação nos diversos segmentos da sociedade brasileira. Desse modo, interessa-lhe menos o registro documental dos fatos e mais a exposição de um ponto de vista, crítico e bem humorado a respeito deles.

Tal fato parece exigir um leitor ainda mais atento, já que, nessas animações, história, política e humor se mesclam em um texto que manifesta a posição de um sujeito autor e que chega diariamente a milhares de leitores-navegadores, muitos dos quais sequer se preocupam em ler os jornais ou assistir aos noticiários do dia, mantendo contato apenas com o discurso humorístico-opinativo das charges.

É preciso ressaltar ainda que nem sempre os nomes, lugares e episódios são apresentados de forma explícita, aparecendo, por vezes, sob a forma de apelidos, metáforas ou trocadilhos². Desse modo, o processo de designação, visto sob a perspectiva discursiva, assume um papel importante, pois é ele que, em

² A esse respeito, ver entrevista com o chargista no anexo deste trabalho

muitas situações, aciona a rede interdiscursiva, resgatando o “já dito”, possibilitando e determinando os efeitos de sentido da charge em questão. Apresenta-se aí a oportunidade de refletir a respeito da ilusória neutralidade que os gestos de designação parecem assumir, ocultando as coerções que envolvem a posição-sujeito do chargista que nomeia, frente a um leitor-navegador nem sempre atento.

Desse modo, procuramos desenvolver nossa pesquisa com base no seguinte questionamento: “Como se dá a produção dos efeitos de sentido em charges eletrônicas sobre o governo Lula?”

Ao assumirmos essa tarefa, temos por meta evidenciar o papel da memória discursiva enquanto elemento determinante na produção de sentidos das charges em questão. Buscamos também destacar as formas pelas quais a charge não só reproduz, mas interfere na interpretação dos fatos da realidade. Almejamos, por fim, contribuir para uma análise discursiva dos processos de comunicação e informação desencadeados pelo uso das novas tecnologias, principalmente no que se refere à Internet, com vistas à formação de leitores críticos dessas novas discursividades, aparentemente despretensiosas.

Nessa perspectiva, durante o andamento da pesquisa, fomos remetidos ao dizer de Gregolin (2003, p.8), que apresenta as conseqüências metodológicas da tripla constituição da Análise do Discurso por elementos advindos da Lingüística, da Psicanálise e do Materialismo Histórico. Tais conseqüências são: “a busca de um dispositivo de análise do processo discursivo; a busca dos vestígios – da história e da memória – no discurso e a conseqüente interrelação entre a ordem da língua, a ordem da história e a ordem do discurso”.

A mesma autora (2003, p.7) destaca também que, desde os seus primórdios, a AD toma para si a tarefa de apreender o objeto discursivo e indagar a

respeito de suas condições de produção, “a partir do pressuposto de que o *discurso* é determinado pelo tecido sócio-histórico que o constitui”.

Sendo assim, em termos metodológicos, a análise a que nos propomos, precedida de uma revisão da literatura, observará o diálogo entre as teorias que embasam nossos estudos e a materialidade discursiva de que o texto verbal ou imagético é portador.

Desse modo, delinearemos no objeto discursivo, a partir da realidade material do texto, as formas pelas quais, consideradas as condições sócio-históricas de produção, o interdiscurso determina os efeitos de sentido possíveis de serem estabelecidos em relação ao objeto analisado. A esse respeito destaca Orlandi (2004, p. 54):

O texto, visto na perspectiva do discurso não é uma unidade fechada [...] pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis e imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos de exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer).

Ancorando-nos na complexa relação entre sentido, história e memória, procuramos mostrar as formas pelas quais os fios da história e da sociedade se fazem presentes na tecitura do objeto discursivo, resgatando elementos exteriores a ele e que se fazem significar por meio do recurso à memória discursiva, sem a qual, o sentido de uma charge eletrônica pode tornar-se inteiramente vago.

Levando em conta o conceito discursivo de “trajeto temático” (Charroudeau & Maingueneau, 2004), entendido como uma forma de ler o arquivo³ e considerando o período que vai da posse de Lula, em janeiro de 2003⁴ à cassação do mandato do

³ Charraudeau & Maingueneau (2004) destacam que, para Pêcheux, o arquivo se distingue dos corpora obtidos empiricamente (para os quais o analista monta uma cenografia), por ser recortado pelo analista entre os enunciados que foram conservados, aqueles que podem ser trabalhados pelos historiadores.

⁴ Como o site exibe somente as charges dos últimos dois anos, algumas das charges que analisamos não se encontram mais na internet, mas foram por nós armazenadas em meio eletrônico, a partir do recurso “download” disponível no próprio site.

Deputado José Dirceu, no final do terceiro ano do Governo Lula, recortamos as charges que nos permitem reconstituir o percurso histórico dos fatos ocorridos nesse período, tarefa um tanto difícil, quando consideramos o conturbado cenário político do Brasil no ano de 2005.

Considerando os pressupostos já mencionados, organizamos nosso trabalho em quatro capítulos. No primeiro deles, procuramos levantar, no campo teórico da Análise do Discurso de linha francesa, a partir dos estudos de Michel Pêcheux, os principais conceitos que nortearão a análise a ser empreendida, procurando compreender o duplo dispositivo (teórico e analítico) que constitui esse campo dos estudos das discursividades.

Em um segundo momento, refletimos a respeito da natureza da charge enquanto texto de circulação social e os efeitos de sua transposição para ambientes virtuais, além de propiciarmos uma descrição do contexto em que são produzidas as charges em pauta.

No terceiro capítulo, sem a pretensão de nos aprofundarmos em uma interpretação dos fatos, o que demandaria maior tempo e aprofundamento teórico no campo da ciência política, empreendemos, de forma panorâmica, um levantamento exclusivamente descritivo dos elementos da recente história política do Brasil, necessários à compreensão da análise que fazemos das charges eletrônicas. De modo bastante particular, interessamo-nos em descrever sucintamente a trajetória de Lula, do sertão de Pernambuco ao Palácio do Planalto, tendo em vista o conjunto das transformações que a vida política do país sofreu ao longo desse período. Resgatamos, igualmente, de forma preliminar, os principais acontecimentos envolvendo os três primeiros anos de seu mandato, incluindo aí, breves informações a respeito dos escândalos de corrupção envolvendo seu governo e seu partido que

vieram a público no ano de 2005.

Por fim, no quarto capítulo, desenvolvemos a análise propriamente dita, com base nos princípios já definidos, desejosos de usufruir, mesmo que de forma instantânea, da necessária (e ilusória) sensação de integralidade do trabalho em face às coerções da vida acadêmica.

2 DISCURSO, DESIGNAÇÃO E HUMOR: OLHARES TEÓRICOS

Pretendemos, nesta seção, delinear os elementos teóricos a partir dos quais procuraremos estabelecer nossas reflexões. Para tanto, ancorados nos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa (AD⁵), a partir dos princípios enunciados por Michel Pêcheux⁶ (divulgados no Brasil por Eni Orlandi, principalmente), em diálogo com as reflexões de Eduardo Guimarães em seus estudos visando a uma Semântica Histórica da Enunciação, buscamos em conceitos como condições de produção, interdiscurso e formação discursiva⁷, a possibilidade de construir uma abordagem coerente do processo de produção de sentidos no objeto definido, contemplando, igualmente, o conceito de designação.

Temos ciência, todavia, de que essa aproximação teórica envolve alguns riscos, principalmente se considerarmos a tendência pragmática e, por isso, subjetivista, dos estudos da Semântica Histórica da Enunciação. A esse respeito nos lembra Orlandi (2001, p. 45):

Isso não significa que não existam pontos comuns. E estes pontos estão na maneira como, a partir do discurso, a teoria histórica da enunciação passou a considerar a relação do sujeito com a língua. Mas certamente se diferenciam no modo como, a partir do discurso, trabalham o real da história e o real da ideologia. [...] diferença que reside no fato de que a semântica histórica da enunciação não produz uma ruptura mais profunda com a tradição dos estudos semânticos.

⁵ Por pressupormos a não-literalidade dos vocábulos da língua oscilaremos, neste trabalho, entre a utilização dos termos “Análise do Discurso” e “AD”, evitando a padronização e a sinonímia.

⁶ Temos consciência da profícua produção da AD na atualidade, mesmo depois do desaparecimento de Pêcheux, todavia optamos por concentrarmos nesse autor dada a relevância de seu gesto fundador e também como tentativa de evitar que, ao pôr em cena outros autores, produzamos efeitos de contradição teórica e analítica.

⁷ Conceito enunciado por Michel Foucault e trazido para AD por Pêcheux na fase chamada de AD2. Em alguns momentos deste trabalho, utilizaremos a abreviatura FD em lugar do sintagma Formação Discursiva. A esse respeito vale o que já postulamos na nota 5.

No que concerne às concepções teóricas deste trabalho, em consonância com a ruptura epistemológica proposta pela Análise do Discurso, conforme discutiremos mais adiante, optamos por um olhar menos subjetivista em relação aos fenômenos lingüísticos e uma maior aproximação com aquilo que se convencionou chamar de exterioridade. Nessa perspectiva, entendemos que o diálogo com a Semântica Histórica da Enunciação, a partir das reflexões de Guimarães, pode ser bastante enriquecedor, principalmente pelo fato de que esse autor reconhece um conceito que é central neste trabalho, o interdiscurso. Tal fato, longe de qualquer simplicidade aparente, representa um diferencial significativo quando pensado em relação às demais correntes dos estudos enunciativos da linguagem. Em função do reconhecimento por parte de Guimarães da relevância do interdiscurso, permite-se pensar, tal qual postula a AD, que a exterioridade não é um mero apêndice, mas elemento constitutivo das práticas da linguagem.

É exatamente esse reconhecimento do caráter constitutivo da exterioridade que nos permite pensar o diálogo da Análise do Discurso com a Semântica Histórica da Enunciação, principalmente com relação ao processo de designação, visto por Guimarães a partir do conceito de formação discursiva, igualmente pensado, em princípio, pela teoria do discurso.

Como se pode perceber, o trabalho a que nos propomos envolve, mais uma vez, uma realidade amplamente discutida nos domínios dos estudos da linguagem: o sentido. Conscientes de que falar em sentido significa remontar a discussões presentes em toda a história da lingüística, evitaremos, contudo, descrever as várias nuances teóricas que esse termo assumiu ao longo do tempo, centrando nossas proposições a partir do questionamento ao corte saussureano e no contexto epistemológico da Análise do Discurso.

2.1 LINGUAGEM, SENTIDO E EXTERIORIDADE

Em seu esforço para conferir à Lingüística o estatuto de ciência, Ferdinand de Saussure estabeleceu um sistema de oposições, sendo a principal delas a distinção entre aquilo que, na linguagem verbal, poderia ser considerado social e o que se situa no âmbito do individual. Elegendo o elemento social e abstrato, a que chamou *langue* (língua) como objeto de estudo da nascente ciência lingüística, Saussure, por conseqüência, exclui desse campo de estudos as manifestações individuais da linguagem, priorizando aquilo que, a seu ver, seria passível de sistematização.

Por todas essas razões, seria ilusório reunir, sob o mesmo ponto de vista, a língua e a fala. [...] Pode-se, a rigor, conservar o nome de Lingüística para cada uma dessas duas disciplinas e falar duma Lingüística da fala. Será, porém, necessário não confundi-la com a Lingüística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua. Unicamente desta última é que cuidaremos e, se por acaso, no decurso de nossas demonstrações, pedirmos luzes ao estudo da fala, esforçar-nos-emos para jamais transpor os limites que separam os dois domínios. (SAUSSURE, 2002, p. 28)

Como se pode notar a partir das palavras do próprio Saussure, essa separação, que tem sido denominada “corte saussureano”, gerou a imediata exclusão da área de interesse da Lingüística, de elementos como o mundo, a história e sujeito. A esse respeito, afirma Guimarães (2002, p. 19-20): “O corte saussureano é a “culminância bem sucedida teoricamente de uma história de exclusão do mundo, do sujeito, para tratar a linguagem como um percurso só interno”.

E ainda:

O corte saussureano exclui o referente, o mundo, o sujeito, a história. A Semântica de nosso século vem procurando repor esses aspectos no seu objeto. O corte saussureano exclui e dá o quadro da pertinência para o excluído. A questão é como incluí-lo. E isto só pode se dar a partir desse mesmo corte, que ao formular-se escapa da hipótese de que a língua expressa o pensamento, pois o signo de Saussure (lembrar o conceito de valor) não admite um pensamento noutra lugar que se expresse pela linguagem. (GUIMARÃES, 2002, p. 20)

Sendo assim, desde o corte operado por Saussure, vários lingüistas têm tentado repor em seu campo de estudos aquilo que o mestre genebrino deixou de fora. Entre esses esforços situa-se o trabalho de Benveniste que, ao propor uma teoria para a enunciação, atribui a colocação da língua em funcionamento a um ato de vontade desse sujeito, em relação a um interlocutor:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego. A subjetividade de que tratamos aqui é a capacidade do locutor se propor como sujeito. [...] É ego que diz *ego*. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo *status* lingüístico da “pessoa”. (BENVENISTE, 1995, p. 286)

Para o autor citado, portanto, constituir-se como tal é uma capacidade do sujeito, isto é, o sujeito é capaz de, pela linguagem, fazer-se sujeito. Tem-se, portanto, para os estudos enunciativos um sujeito psicológico, que se assume como tal a partir da categoria lingüística de pessoa, a mais importante no âmbito do Aparelho Formal da Enunciação proposto por Benveniste e que abrange também as categorias de espaço e tempo.

Na mesma efervescência dos anos 60, época em que Benveniste propôs seus estudos enunciativos, surge na França uma nova vertente do pensamento lingüístico, igualmente preocupada com a questão do sentido: a Análise do Discurso.

Essa nova área de estudos, cujo surgimento está diretamente ligado à figura

de Michel Pêcheux (MALDIDIER, 1994), configura-se a partir de elementos derivados de três áreas diferentes: a Lingüística, a Psicanálise e o Materialismo Histórico.

No que concerne à Lingüística, Pêcheux critica inicialmente o fato de terem feito dela a ciência piloto no campo das Ciências Sociais, a partir dos conceitos de sistema ou estrutura. O fundador da AD discordava dessa primazia atribuída à Lingüística, porque a acepção científica de Saussure excluía das Ciências Sociais elementos fundamentais referentes às relações entre a linguagem e o seu exterior:

A lingüística, na vaga do estruturalismo, se colocou como ciência piloto das ciências humanas. Como retorno, foram-lhe colocadas questões que se originam nessa sua relação com as outras ciências. No entanto, elas ficaram sem resposta, pois para se constituir nesse lugar, a lingüística teve, justamente, de se livrar disso que interessa mais de perto às outras ciências humanas e sociais e que diz respeito à relação da linguagem com a exterioridade. (ORLANDI, 1990, p. 26)

Além disso, em termos semânticos, o modelo estruturalista não coincidia com as preocupações de Pêcheux, conforme destaca Maldidier (2003, p. 31):

o sentido, objeto da semântica, excede o âmbito da lingüística, ciência da língua. [...] Sobre o próprio terreno da lingüística, Michel Pêcheux aprofunda sua afirmação. O raciocínio repousa sobre a intuição muito forte de que não se pode visar as sistematicidades da língua como um contínuo de níveis. Para além dos níveis fonológico, morfológico e sintático, cuja descrição Saussure autoriza, a Semântica não é apenas um nível a mais, homólogo aos outros. É que o laço que liga as “significações” de um texto às condições sócio-históricas desse texto não é de forma alguma secundário, mas constitutivo das próprias significações.

Nota-se, desse modo, que Pêcheux contraria uma tendência bastante arraigada em várias correntes lingüísticas segundo a qual a Semântica seria uma sucessão normal e imediata da Fonologia, da Morfologia e da Sintaxe. Deve-se destacar, inclusive, o fato de muitos dos manuais de gramática que circulam em

nossa sociedade conterem um capítulo denominado “Semântica”. Assim concebida, essa área dos estudos lingüísticos permaneceria atrelada ao conceito de estrutura e o sentido continuaria sendo visto como a soma dos sintagmas de uma sentença ou das sentenças de um texto. Ou ainda, restringir-se-ia o processo de produção de sentidos ao funcionamento interno da própria unidade textual. Esse autor pensa em uma realidade muito mais ampla, que extrapola os limites da superfície textual e avança em direção às margens do texto, reconhecendo nelas as relações que, apesar de não remeterem diretamente às supostas evidências da estrutura lingüística do texto, determinam a sua constituição e significação.

Assim, pode-se dizer que o esforço de Pêcheux em redefinir o objeto e os métodos da Semântica tem seu princípio na crítica veemente à Lingüística, ciência da língua e paradigma das Ciências Sociais, decorrente das teorias saussureanas. A esse respeito, referindo-se ao texto de Pêcheux e Fuchs (1975), afirma Orlandi (2001, p. 48):

A Semântica lingüística que, segundo esses autores ainda não está feita, seria uma teoria do funcionamento material da língua na sua relação com ela mesma, isto é, uma sistematicidade que não se opõe ao não sistemático (língua/fala) mas que se articula sobre processos (discursivos). Pêcheux opera com a distinção entre semântica discursiva e semântica lingüística, segundo o que penso, para distinguir o lugar correspondente à construção do efeito-sujeito, isto é, a simulação que põe em funcionamento uma forma-sujeito, a do sujeito lingüístico-discursivo (autônomo e submisso).

Já no que se refere à segunda área constitutiva da AD, a Psicanálise, contribuem para a Análise do Discurso os estudos que Jacques Lacan faz da obra de Freud. Tais reflexões se refletem principalmente para a constituição da AD enquanto um teoria não-subjetivista da linguagem, isto é, baseada nas considerações de que o consciente não é o responsável exclusivo pelas produções da linguagem humana. Antes, sob efeito do inconsciente e do pré-consciente, o

sujeito não tem condições de fugir aos equívocos e deslizes que são constitutivos da linguagem, pois, conforme destaca Pêcheux (1997, p. 293): “só há causa daquilo que falha⁸”.

Essa concepção de sujeito derivada da psicanálise está, no caso da AD, vinculada a uma teoria das ideologias, advinda do Materialismo Histórico, principalmente a partir da leitura sintomática (GREGOLIN,2004) que Louis Althusser faz da obra de Marx. Para Althusser (1977), é pela linguagem que a ideologia se materializa, de modo que os indivíduos são interpelados em sujeito pela ideologia.

Sem aderir totalmente à tese da interpelação de Althusser e buscando contribuições nos estudos de Michel Foucault, Pêcheux (1997, p. 161) afirma que: “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes”.

Por formação discursiva⁹, Pêcheux (1997, p. 160) define “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”. Essa noção de formação discursiva reforça uma tese central para a teoria do discurso proposta por Michel Pêcheux, aquela de que não há um sentido *a priori*. Ao contrário, o sentido das palavras pode ser modificado de acordo com a forma-sujeito a partir da qual são pronunciadas.

Essa realidade proposta por Pêcheux, além de negar de forma contundente qualquer possibilidade de transparência e neutralidade da linguagem, já que, em

⁸ Referência explícita a Lacan.

⁹ Estudos mais recentes, principalmente Maingueneau (2005), operam com a distinção entre universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Em função de nossa opção teórica por Pêcheux não nos aprofundaremos nesses conceitos, o que não quer dizer que neguemos sua relevância.

princípio, o sentido não depende apenas do significado isolado das palavras que foram ditas ou escritas, toca em um ponto nevrálgico da teoria do discurso: a subjetividade. Essa questão que, conforme mencionamos, já fora contemplada na teoria de Althusser, envolve um rompimento com as concepções subjetivistas dos estudos enunciativos, abandonando um sujeito capaz de, por si próprio, passar da condição de indivíduo para o exercício pleno da subjetividade, tendo assim, domínio total daquilo que diz e dos significados decorrentes desse ato enunciativo.

Sobre a concepção de assujeitamento de Pêcheux, afirma Orlandi (2001, p. 100):

Não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua. Em outras palavras, para dizer, o sujeito submete-se à língua. Sem isto, não tem como subjetivar-se. Outro modo de dizer isso, e que decorre do vínculo radical do sujeito ao simbólico, é que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Há um efeito que é o efeito ideológico elementar pelo qual o sujeito, sendo sempre-já sujeito, coloca-se na origem do que diz.

Referindo-se a esse teatro ideológico, o autor citado (1997, p.163), de acordo com o que Malidier (2001) convencionou chamar de segunda fase da AD, propõe a noção de esquecimento segundo a qual “o sujeito se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina”. O esquecimento de que trata a teoria de Pêcheux, ocorre em um nível inconsciente (Esquecimento nº 1) e em outro pré-consciente (Esquecimento nº 2).

O autor mencionado (1997, p. 173) chama “esquecimento nº 2 ao ‘esquecimento’ pelo qual todo sujeito falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e seqüências que nela se encontram em relação de paráfrase”. Isto é, entre as várias possibilidades existentes de dizer o que se vai dizer, o sujeito-falante tem a ilusão necessária de poder, livremente, escolher a melhor maneira de formular o seu enunciado. Já o

esquecimento nº 1

dá conta do fato de que o sujeito falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o *esquecimento nº 1*, remete por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que - como vimos - esse exterior determina a formação discursiva em questão.

Essa proposição remete ao pressuposto postulado pela AD, segundo o qual a ideologia não é uma opção consciente do sujeito, mas um elemento que permeia a sua própria condição de subjetividade. Situando-se sempre no interior de uma formação discursiva, o sujeito está, portanto, imerso na ideologia e, através do sistema inconsciente, possui uma indispensável ilusão de neutralidade dos enunciados que produz quando, em suma, o que ocorre é que, todo o seu dizer deriva de uma formação ideológica.

Complementando os conceitos de formação discursiva e de esquecimento, encontra-se, segundo a perspectiva de Pêcheux, a noção de interdiscurso. Esse elemento refere-se ao chamado já dito, isto é, estabelece a relação da seqüência discursiva com outros discursos, ditos em outro lugar, independentemente, e que retornam ao fio intradiscursivo.

Para melhor compreender os processos interdiscursivos, faz-se necessário pensarmos no processo de produção do discurso a partir dos conceitos de constituição e formulação.

Para Pêcheux (1997), o processo de produção do discurso se dá a partir de dois eixos: o da formulação (horizontal) e o da constituição (vertical). O eixo da formulação, chamado de intradiscorso, consiste no fio discursivo, isto é, aquilo que foi dito/escrito pelo sujeito. O autor afirma que:

o intradiscurso, enquanto “fio do discurso” do sujeito é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma “interioridade” inteiramente determinada como tal do “exterior”. E o caráter da forma sujeito, com idealismo espontâneo que ela encerra, consistirá precisamente em reverter a determinação: diremos que a forma-sujeito (pela qual o “sujeito do discurso” se identifica com a formação discursiva que o constitui) tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como puro “já dito” do intra-discurso, no qual ele se articula por “co-referência”. (PÊCHEUX, 1997, p. 167).

Vê-se, portanto que a relação entre intradiscurso e interdiscurso é a de constituição. Isto é, o fio intradiscursivo é atravessado por elementos que falam em outro lugar e que nele se fazem presentes através de um processo que não é mera relação entre elementos comuns aos dois textos. Isto é, estes elementos ultrapassam o conceito de intertextualidade, pois se dão em termos de constitutividade, a partir de relações que não estão ao alcance direto da consciência do sujeito.

É também bastante esclarecedor o dizer de Orlandi (2001, p. 90):

Há um longo percurso entre o interdiscurso (memória do dizer), nível da constituição do discurso, e o texto (intradiscurso), nível da sua formulação: ordem das palavras, repetições, relações de sentido, paráfrases que diluem a linearidade mostrando que há outros discursos no discurso, que os limites são difusos, passando por mediações, por transformações, relações obrigatórias ao imaginário.

Ainda relacionando forma-sujeito e interdiscurso, Pêcheux (1997, p. 163) destaca que:

A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do discurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito.

Deve-se também destacar que o interdiscurso comporta dois elementos diferenciais: o pré-construído e o efeito de sustentação. O primeiro elemento refere-

se àquilo que Pêcheux (1997) denomina de sempre “já-lá” da interpelação ideológica, que impõe a realidade e seus sentidos; assume, por isso, o caráter universal do mundo das coisas. Por sua vez, a articulação ou efeito de sustentação, refere-se à relação do sujeito com o sentido, representando, no interdiscurso, a dominação da forma sujeito. Essa articulação é também chamada por Pêcheux de discurso transverso:

Pode-se dizer que a articulação (o efeito de incidência explicativa que a ele corresponde) provém da linearização (ou sintagmatização) do discurso transverso no eixo do que designaremos pela expressão de *interdiscurso*, isto é, do funcionamento do discurso sobre si mesmo (o que eu disse *agora*, com relação ao que eu disse *antes*, e ao que eu direi *depois*; portanto o conjunto dos fenômenos de “co-referência” que garantem aquilo que se pode chamar o “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito)

Esses dois efeitos garantem, portanto, a legibilidade de um texto, já que possibilitam a sua coerência interna e a relação, aparentemente direta, com aquilo que foi enunciado em outro lugar, mas que constitui a unidade textual em questão.

No que tange especificamente à AD, o interdiscurso tem sido identificado como memória discursiva. A esse respeito, Pêcheux (1999, p. 52) afirma: “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc) de que sua leitura necessita: a condição legível em relação ao próprio legível”.

Referindo-se também à memória discursiva e ao conceito de esquecimento, Orlandi (2001, p. 180) destaca que:

A memória, nesse domínio de reflexão é o que chamamos de *interdiscurso*, o saber discursivo, a memória do dizer, e sobre a qual não temos controle. Trata-se do que foi dito a respeito de um assunto qualquer, mas que, ao longo do uso já esquecemos o que foi dito, por quem e em que

circunstâncias e que fica como um já-dito sobre o qual nossos sentidos se constroem.

Essa definição da autora assume relevância por reforçar a impossibilidade de controle dos efeitos de sentido do interdiscurso pela forma-sujeito do discurso e, principalmente, por destacar o fato incontestável de que, ao constituir-se como discurso transversal com relação ao eixo das formulações, a interdiscursividade não se configura como mera repetição do que foi dito, como sentidos que igualmente se repetem. Ao contrário, da posição postulada por Orlandi, percebe-se que, a partir do que foi dito em outro lugar, o que ocorre não é uma reconstrução dos sentidos anteriores, pertinentes às condições primárias de sua produção, mas uma nova construção de sentidos que se dá, sim, sobre os sentidos anteriores, que têm, todavia, a possibilidade de configurar sentidos totalmente diferentes: inevitavelmente atravessados pelos primeiros, mas cujos efeitos podem e devem ser exatamente outros.

Em função dessa realidade, a memória discursiva não pode ser vista de forma cumulativa, com em uma série matemática em que a um elemento soma-se outro, sucessivamente. O autor citado destaca que

o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sobre a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regulação anterior. (PÉCHEUX, 1999, p. 52)

Nesse percurso teórico-metodológico a que a Análise do Discurso tem se dedicado, destaca-se a preocupação com a História. Essa historicidade distingue-se da historiografia e do sentido temporal, expandindo-se para muito além da narrativa cronológica.

Preocupada com a relação entre discurso e história, Gregolin (2000) destaca que, ao olhar para o passado, a sociedade produz duas modalidades de narrativa: a mítica e a histórica. No dizer da autora essas formas de narrar produzem três tipos de memória: a memória mítica, a memória do historiador e a memória social. Para nossos estudos interessa particularmente a memória social, a respeito do qual a autora afirma:

A memória social, inscrita nas práticas de uma sociedade, constrói-se no meio-termo entre a temporalidade do mítico e a forte cronologia do histórico; isto porque apesar de determinada pela ordem do histórico; não chega a ser como esta, uma memória construída, ordenada e sistematizada. Para enxergá-la é preciso buscar os signos de auto-compreensão da sociedade para posteriormente interpretá-la.

A posição da autora é consoante aquilo a que Pêcheux (1999) refere-se como sendo a legibilidade instaurada pelo interdiscurso, de que já falamos anteriormente, processo sobre o qual Orlandi (2004, p.70) afirma: “o sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável. Ele inscreve sua formulação no interdiscurso, ele historiciza seu dizer”.

Essa autora destaca ainda que essa legibilidade não é ocasionada pelo mero exercício mnemônico, mas por um gesto de interpretação. Partindo desse princípio, a mesma distingue três modalidades de repetição: a repetição empírica (mnemônica, não historicizada), a repetição formal (exercício gramatical de produzir frases, não historicizado) e a repetição histórica, definida como “a que inscreve o dizer no repetível enquanto memória consitutiva, saber discursivo, em uma palavra: interdiscurso. [...] É assim que sentido, memória e história se intrincam na noção de interdiscurso” (ORLANDI, 2004, p. 70)

Ainda com relação à historicidade, Orlandi (2001) destaca que ela se dá na relação da estrutura com o acontecimento. Desse modo, é válido lembrar o fato de

que a mesma autora (2002) reconhece que um discurso é sempre atravessado por suas condições sócio-históricas de produção, que geram a historicidade própria do discurso. Essa noção de condições de produção, formulada por Pêcheux tem interessado a muitos estudiosos que procuram defender um sentido histórico para a enunciação (GUIMARÃES, 2002).

Segundo Orlandi (2001), tais condições de produção, enquanto instauradoras da historicidade, definem o conjunto dos discursos possíveis de serem pronunciados. Desse modo, pode-se dizer que os processos interdiscursivos são determinados pelas condições de produção de um discurso. Em última instância, somos levados a afirmar que o sujeito, situado no interior de uma formação discursiva, em função das condições sócio-históricas de produção, oscila entre possíveis regiões do interdiscurso, a partir das quais são estabelecidos os efeitos de sentido do discurso que enuncia:

No nível da formulação, o sujeito já tem sua posição determinada e ele já está sob o efeito da ilusão subjetiva, funcionando ao nível do imaginário, afetado pela vontade de verdade, pelas suas intenções, pelas evidências do sentido e pela ilusão referencial (a da literalidade). (ORLANDI, 2004, p.50)

A mesma autora (2002, p. 30), reconhece duas formas de considerar as condições de produção:

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e teremos a circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico .

Nessa perspectiva, postulando a historicidade do acontecimento enunciativo/discursivo, valendo-se dos elementos advindos da Análise do Discurso, principalmente o interdiscurso e as condições de produção Guimarães (2002, p. 68)

conclui que:

Esta relação da interdiscursividade mobiliza, inescapavelmente, a relação entre textos diferentes, ou seja, mobiliza a intertextualidade. Esta relação é aquela que nos dá o lugar da historicidade específica da enunciação. Ou seja, a enunciação em um texto se relaciona com a enunciação de outros textos efetivamente realizados, alterando-os, repetindo-os, omitindo-os, interpretando-os.

Assim, pela interdiscursividade e sua necessária intertextualidade, o sentido não é formal, mas tem uma materialidade, tem historicidade.

As relações interdiscursivas, retomadas por Guimarães em sua *Semântica Histórica da Enunciação*, cuja origem, como destacamos, vincula-se à Teoria do Discurso proposta por Michel Pêcheux, servem também para explicar os processos que envolvem a designação.

A esse respeito, Guimarães discorda da postura dos formalistas e daquela presente nos estudos de Ducrot, propondo uma terceira forma de compreender esses processos. Considerando a exterioridade do objeto em relação à linguagem, sem reduzir, contudo, essa exterioridade ao que se fala dela, o autor defende que a mesma é constituída pelo confronto/entrecruzamento dos discursos, fator que determina a sua materialidade. No dizer do autor (2002, p. 74): a relação de designação é uma relação instável entre linguagem e objeto, pois o cruzamento dos discursos não é estável mas, ao contrário, exposto à diferença.

Essa abordagem sócio-histórica dos processos de designação é também contemplada nas preocupações discursivas de Michel Pêcheux (1997, p. 160) que, negando qualquer suposição de neutralidade, enxerga em tais processos os efeitos da ideologia:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc... evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das

palavras e dos enunciados.

Considerado dessa forma, o processo de designação aproxima-se de um dos pilares fundamentais da teoria de Michel Pêcheux, a negação de que exista, a priori, um sentido único, pré-determinado. Isto é, ao negar o mecanismo de literalidade dos vocábulos e dos enunciados e reconhecendo a determinação de elementos advindos da exterioridade como fatores constitutivos das práticas de linguagem, a teoria do discurso não pode reconhecer a designação como um procedimento neutro e transparente, conforme postula Orlandi (2001, p. 90)

[...] a ideologia refere o próprio fato de que a língua não é transparente e há injunção à interpretação em condições de produção em que está em jogo a relação dos sujeitos com os sentidos, no mundo. Sem esquecer que essa relação é trabalhada pelo equívoco, compreendido como instalação da falha da língua na história.

Ao contrário, compreendendo que, na linguagem, a produção dos sentidos é determinada pela formação discursiva em que a forma-sujeito se encontra, só se pode falar em designação, enquanto fenômeno da linguagem, a partir de uma perspectiva marcadamente ideológica, cujos sentidos se estabelecem a partir das relações interdiscursivas possíveis em determinadas condições de produção. Nesse sentido, vale destacar o dizer de Pêcheux (1997, p. 161):

[...] uma palavra, uma expressão ou uma proposição não têm *um* sentido que lhes seja “próprio”, vinculado à sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva.

Considerando que, segundo o mesmo autor, é impossível ao sujeito produzir sentidos sem situar-se no interior de uma formação discursiva, podemos,

então ratificar que não há como designar, nominar um ser ou um objeto sem que isso ocorra como prática discursiva, circunscrita a uma determinada FD.

A esse respeito, observa Orlandi (2004, p. 65):

Quando o sujeito fala, está em plena atividade de interpretação, ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas. Mas ele o faz como se os sentidos estivessem nas palavras: apagam-se suas condições de produção, desaparece o modo pelo qual a exterioridade o constitui.

Tem-se, portanto, no conjunto dos conceitos e reflexões até aqui mobilizados, a idéia de que, a partir da materialidade da superfície lingüística, manifestam-se processos ideológicos que destituem os processos interlocutivos e intersubjetivos de qualquer ilusão de objetividade e neutralidade, revelando os processos políticos e históricos que lhe são constitutivos.

Sendo assim, como é, então, possível distinguir discurso e texto?

Qual o papel do analista nesse processo?

A respeito dessas questões, procuraremos refletir na próxima seção.

2.2 TEXTO, DISCURSO E A TAREFA DO ANALISTA

Levando em conta os conceitos anteriormente levantados, propomo-nos, a esta altura, proceder à distinção entre os conceitos de texto e discurso no âmbito da AD, como forma de clarificar qual deve ser, em termos metodológicos, o trabalho do pesquisador que se propõe a desenvolver sua investigação pautado por essa vertente dos estudos da linguagem.

Trata-se de uma seção breve, principalmente se comparada à anterior, cujo objetivo principal é estabelecer os conceitos fundamentais para uma prática

sistematizada de investigação a partir do olhar teórico da Análise do Discurso e tendo em vista o *corpus* selecionado.

Primeiramente, cabe-nos destacar a posição de Orlandi (2001, p. 64) a respeito da complexa relação entre texto e discurso no contexto epistemológico da Análise do Discurso:

O texto, como já dissemos, é a unidade de análise. [...] No entanto, se vemos no texto a contrapartida do discurso – efeito de sentido entre locutores – o texto não será mais uma unidade fechada nela mesma. Ela vai abrir-se enquanto objeto simbólico, para as diferentes possibilidades de leitura que, ao meu ver, mostram o processo de textualização do discurso que sempre se faz com “falhas”, com “defeitos”.

E ainda:

O discurso se representa assim na sua materialidade lingüístico-histórica por uma matéria empírica, o texto, que lhe é heterogênea. O que está aí em discussão é a forma material, isto é, da projeção da discursividade no texto. (p. 114)

As palavras da autora enfatizam um conceito que permeia grande parte daquilo que tem sido discutido, neste trabalho, a respeito da AD: texto e discurso não são sinônimos e referem-se a práticas diferenciadas. Como efeito de sentido entre locutores, o discurso assume forma material através de um texto.

É por essa razão que o texto é, para a AD, o objeto de análise. Isso não significa, contudo, que essa vertente da Lingüística esteja restrita ao estudo do texto fechado em si mesmo. Como afirma Orlandi (2001, p. 90):

um texto tem em suas margens muitos outros textos, as famílias parafrásticas, indicando tantas outras formulações – textualizações - possíveis no mesmo sítio de significação e que se organizam em diferentes espaços significantes.

Aquilo a que chamamos de texto constitui-se, portanto, como uma textualização do discurso que se dá a partir de condições sócio-históricas próprias que determinam a passagem da constituição à formulação, originando uma unidade textual sujeita às falhas, aos equívocos e às incompletudes da língua e em relação direta com a exterioridade que a originou, conforme assevera Orlandi (2004, p. 29):

Para compreendermos o funcionamento do discurso, isto é, para explicitarmos suas regularidades, é preciso fazer intervir a relação com a exterioridade, pois o repetível, a nível do discurso é histórico e não formal.

Nesse âmbito, torna-se altamente complexa a tarefa do analista. A ele cabe percorrer os caminhos do texto (formulação) na tentativa de desvelar os vários discursos que o constituem, no âmbito da formação discursiva em que foi produzido, de modo a delinear os efeitos de sentido que dele decorrem. (ORLANDI, 2001).

A AD tem, portanto, um dispositivo teórico e um dispositivo analítico que funcionam em relação de interdependência. Em termos teóricos, afirma-se a partir de um concepção não-subjetivista do sujeito e não-transparente da linguagem.

No dizer de Orlandi (2001, p. 48)

[...] é dando lugar às sistematicidades lingüísticas, considerando-as, entretanto, como vestígios e distinguindo o modo como elas são descritas/escritas que a Análise do Discurso, trabalhando o ponto de articulação da língua com a ideologia, no discurso, expõe o modo como se produzem as ilusões do sujeito e dos sentidos, pois é no domínio de articulação lingüístico-ideológica que se produzem tanto os pontos de estabilização referencial quanto os de subjetivação.

Tal realidade aciona mecanismos próprios de interpretação que não podem restringir-se à materialidade textual, mas tomando-a, como ponto de partida, seja capaz de verificar o processo de produção de sentidos, isto é, os discursos, efeitos de sentido, de que o texto é portador. Para tanto, a materialidade lingüística é

indispensável porque é a partir da formulação, das relações internas do texto que podemos avançar para as suas margens, reconhecendo os discursos nela materializados. Faz-se necessário, portanto, no processo de análise, partir do texto para se chegar ao discurso.

Caracterizados os elementos essenciais à análise que nos propomos, sem ter a ilusão de termos dado conta da complexidade que os constitui, passamos a buscar o diálogo teórico entre as premissas já elencadas e as especificidades inerentes ao *corpus* selecionado.

2.3 DISCURSO E IMAGEM

Pensada inicialmente como uma prática de análise para textos essencialmente verbais, a Análise do Discurso não desenvolveu métodos específicos para o trabalho com elementos não-verbais. Entretanto, a imagem foi contemplada nas preocupações do fundador da AD:

A questão da imagem encontra assim a análise do discurso por um outro viés: não mais a linguagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto da leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições). (PÊCHEUX, 1999, p. 55)

Essa legibilidade/ilegibilidade da imagem parece estar associada às práticas tradicionais de leitura em que o código escrito precisava apenas ser decodificado, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Na AD, além de um conceito diferenciado de sentido que, como dissemos não é a mera soma dos morfemas, dos sintagmas e dos enunciados, quando se aborda a imagem, tem-se como desafio ao leitor o contato com um objeto discursivo que não é constituído de palavras e cuja

leitura exige o desenvolvimento de outros processos.

A esse respeito, destaca Orlandi (2004, p.12):

Como os sentidos não são indiferentes à matéria significante, a relação do homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos: pintura, imagem, música, escultura, escrita, etc. A matéria significante e/ou sua a sua percepção – afeta o gesto de uma interpretação, dá uma forma a ela.

Voltando à afirmação de Pêcheux, pode-se notar que a Análise do Discurso reconhece na imagem um objeto a ser lido e sujeito às mesmas coerções do texto escrito, sendo, por isso, produzido a partir de condições sócio-históricas próprias e constituído por relações interdiscursivas. Se, no texto escrito, a linguagem não é dotada de ilusória transparência, também a imagem, sendo manifestação de uma forma-sujeito do discurso, não pode ser considerada neutra.

Podemos inclusive pensar que, em termos discursivos, a imagem envolve, assim como o texto escrito, um processo de formulação e um processo de constituição. Isto é, os traços, formas e cores são igualmente atravessados, constitutivamente, pelo interdiscurso.

Sendo assim, concordamos com Davalon, para quem a imagem funciona como um operador da memória social que, ao retratar a realidade, pode também conservar a força das relações sociais. Além disso, na visão desse autor, a imagem determina o lugar do observador e as competências necessárias a sua leitura. E conclui: “a imagem, por poder operar de acordo com olhares, apresentaria a capacidade de conferir ao quadro da história a força da lembrança. Ela seria nesse momento o registro da relação intersubjetiva e social” (1999, p. 31).

Também Gregolin (2000, p. 22), enfatiza a relação entre imagem e memória social:

O poder da imagem é o de possibilitar o retorno de temas e figuras do

passado, colocá-lo insistentemente na atualidade, provocar sua emergência na memória presente. A imagem traz discursos que estão em outros lugares e que voltam sob a forma de remissões, retomadas e de efeitos de paráfrases. Por estarem sujeitas aos diálogos interdiscursivos, elas não são transparentemente legíveis, são atravessadas por falas que vêm do seu exterior – a sua colocação em discurso vem clivada de pegadas de outros discursos.

O interdiscurso aparece, portanto, da mesma maneira que no texto escrito, como elemento extremamente relevante para os efeitos de sentido produzidos por uma imagem. Também no elemento imagético operam discursos outros, pronunciados indefinidamente em outros lugares e que retornam ao discurso formulado pela imagem que o leitor tem diante de si.

Desse modo, também para a imagem não há um sentido a priori, nem se pode pensar em um estatuto de neutralidade para os elementos visuais. Também eles, como temos destacado, refletem as condições próprias de um sujeito que procura significar/interpretar a si e o mundo a partir de um código diferente da escrita com a qual estamos familiarizados, mas igualmente sujeito a deslizes e equívocos.

É importante destacar as palavras de Orlandi (2001, p. 64), ao definir o texto como unidade de análise para os estudos da AD:

O texto como já dissemos, é a unidade de análise. Para o leitor, é a unidade empírica que ele tem diante de si, feita de **som, letra, imagem**¹⁰, seqüências com uma extensão, (imaginariamente) com começo, meio e fim e que tem um autor que se representa em sua unidade, na origem do texto, “dando-lhe” coerência, progressão e finalidade.

A afirmação da autora parece-nos particularmente interessante pelo caráter amplo que ela dá ao conceito de texto no âmbito da AD. Ao contrário do que costumeiramente se pratica nesse campo de estudos, a autora afirma que o texto não é exclusivamente letra ou som (no caso dos textos orais), mas também imagem.

¹⁰ Grifo nosso

Diante dessa inovação, ousamos reiterar que da mesma maneira que o texto verbal é a materialização de mais de um discurso, a mesma coisa acontece com o “texto” visual. A partir da materialidade da imagem, o analista pode reconhecer os efeitos de sentido decorrentes dos processos discursivos inerentes a suas condições próprias de produção.

Embora se refira especificamente à caricatura¹¹, é interessante a relação feita por Siqueri (2005, p. 3) entre o texto imagético e o conceito de formação discursiva:

Ao concebermos a noção de formação discursiva nas caricaturas, buscamos nessa articulação um posicionamento ideológico do enunciador, verificando como o sujeito se utiliza dos recursos imagéticos caricaturais para se colocar no dizível, ou melhor, no visível. Assim, o que pode e o que deve ser “visto” em uma caricatura seria regulado por uma relação de solidariedade discursiva entre enunciador e enunciatário, em contraponto à relação de adversidade que esses sujeitos manteriam com o objeto discursivo, possibilitando, em última instância, uma formação discursiva para (des)mascarar convenções e ideais.

Desse modo, pensar a imagem enquanto operador da memória social, no caso específico do nosso objeto de análise, significa reconhecer que, na charge, a caricatura, decorrente de uma posição ideológica do sujeito que enuncia, associada aos demais elementos imagéticos, atua de forma a acionar a memória discursiva, presentificando para o leitor discursos, verbais ou escritos, ditos em outro lugar e que passam a significar naquela associação entre texto e imagem, conforme propõe Gregolin (2000, p. 22), através das “relações entre um *trajeto temático*, sua *materialidade textual* e os *movimentos da interpretação contemporânea* do histórico.

Esses levantamentos parecem constituir, com vistas aos nossos objetivos, uma base adequada para o tratamento discursivo do texto imagético presente em nosso *corpus*, principalmente, sob a forma de caricaturas.

¹¹ A distinção entre charge e caricatura será tratada no capítulo 3

2.4 DISCURSO POLÍTICO E HUMOR

No âmbito da Análise do Discurso, tem chamado a atenção o fenômeno que Courtine (2003), denomina de espetacularização da política e politização da mídia, acentuado principalmente pelo tratamento que a televisão tem dado aos fatos políticos:

[...] a televisão é o lugar e o meio de uma modificação profunda na eloquência política. Uma forma de fala pública, constituída com a Revolução Francesa, fundada sobre os antigos oradores, concebida sob o modelo do teatro e que há pouco tempo fazia a ligação entre o homem público e o cidadão, acabou por se apagar sob nossos olhos, não sem nostalgia nem desequilíbrio. Ela cedeu lugar a estilos de comunicação radicalmente novos.

Tendência semelhante podemos ver refletida também na realidade da política brasileira. Não mais se tem concebido uma campanha eleitoral alicerçada apenas por um bom plano de governo; é imprescindível que se tenha um bom “marqueteiro”. Sem falar que a eloquência dos comícios tem cedido lugar à musicalidade dos “showmícios”, nos quais os artistas usam da força da sua imagem para enaltecer as qualidades do seu candidato.

Ao mesmo tempo, o mundo da política tem se tornado mais evidente no âmbito da programação midiática. Exemplo contundente dessa realidade foi o alto índice de audiência alcançado, recentemente, pelas transmissões televisivas das sessões das CPI’s (Comissões Parlamentares de Inquérito) dos Correios, do Mensalão e dos Bingos no Congresso Nacional, que serão tratadas de forma mais detalhada no decorrer deste trabalho.

Em suma, ao mesmo tempo em que a política tem assumido os padrões

midiáticos como forma de aproximação com o eleitor, a mídia tem propiciado um maior acesso do cidadão comum ao mundo institucionalizado da política, principalmente, no caso brasileiro, através da TV Câmara e da TV Senado.

Se pensada em termos discursivos, essa realidade pode gerar ainda uma outra consequência: a transmissão televisiva das sessões parlamentares acarreta uma significativa transformação nas condições de produção dos discursos proferidos no Congresso Nacional. Em outras palavras, o discurso produzido por um deputado ou senador na presença exclusiva de seus pares sofre coerções diferentes daquelas que se manifestam quando se acrescenta à situação da enunciação o interlocutor virtual: o cidadão eleitor. Essa situação é ainda mais intensificada quando a sessão que está sendo transmitida se refere à investigação de escândalos envolvendo altos nomes da política nacional, fato que tem acontecido no momento em que este trabalho está sendo escrito.

Essa maior aproximação entre mídia e política aumenta em muito a possibilidade de atuação daqueles que produzem o chamado humor político. No caso específico das charges, não é mais preciso esperar o jornal do dia seguinte entrar por debaixo da porta para que seja obtida a matéria prima, conforme defendem os cartunistas mais experientes¹².

Além das notícias em tempo real na Internet, os chargistas em geral e, principalmente o autor de charges eletrônicas tem, na tela da televisão, uma rica fonte de material para preencher as páginas dos jornais ou os sites da Internet.

No caso específico das charges eletrônicas que pretendemos analisar, temos notado o uso de um recurso recorrente na política midiaticizada: a derrisão, fenômeno que, conforme Bonnafous (2003, p. 35) consiste na “associação do

¹² A esse respeito ver a seção 3.1

humor e da agressão que a caracteriza e a distingue , em princípio da pura injúria”. Isto é a derrisão, critica, ofende, denuncia, ao mesmo tempo em que faz rir. Por sua vez Baronas (2005, p. 106) define como “uma espécie de ‘amabilidade verbal’ violenta que por produzir o riso foge das sanções negativas da legislação e, principalmente da opinião pública”.

Por meio da derrisão, o chargista instaura um procedimento discursivo que, de certa forma, serve como catarse para o grande público. Isto é, ocorre uma transferência, para o personagem da charge, que, ao ser ridicularizado, agredido pelo humor, acaba suprimindo o desejo da população em manifestar o seu desapontamento com relação ao político que está sendo alvo da mesma. Ao mesmo tempo, o procedimento derrisório acaba por eximir o chargista das implicações jurídicas relativas aos crimes de calúnia ou difamação¹³. Isso se dá, principalmente, pela instauração de um jogo desvelado por Mercier (2001) *apud* Baronas (2005, p. 106): “se a ‘vítima’ da zombaria não achar graça, se ela recusa captar a gozação, de reconhecer as regras do jogo, será acusada de não ter senso de humor’.

Ocorre, portanto, uma relação de identidade¹⁴ entre o chargista e o leitor/espectador, pois, colocando-se o produtor da charge no mesmo lugar de um indivíduo comum, semelhante ao seu interlocutor, é como se a “vingança” da população se desse de forma mais plena.

Ainda conforme, Baronas (2005, p. 106), a derrisão constitui-se em um gênero do discurso, no sentido bakhtiniano. A esse respeito afirma o autor:

¹³ No caso do autor das charges que analisamos, o mesmo afirma, em entrevista contida no anexo deste trabalho, não se preocupar com o risco de ser processado em função de suas charges.

¹⁴ Essa relação de identidade do sujeito que enuncia e o seu interlocutor é explicada por Maingueneau (2005) a partir do conceito de “*ethos*” (discursivo e pré-discursivo). De igual forma, Haddad (2005), fala em “*ethos prévio*” e “*ethos discursivo*”.

[...] a derrisão pode ser concebida como um gênero textual, cuja temática centra-se em questionar por meio da sátira a ordem estabelecida e/ou valores os valores largamente cristalizados em nossa sociedade. Tal questionamento tem como alvo preferido as mais diferentes autoridades sociais e se impõe a ler sob diferentes facetas: nas charges; nas caricaturas; nos pastiches; nas piadas; nos jogos de palavras etc.

Sob esse mesmo olhar o autor em questão postula, tendo por base os estudos de Aulthier-Revuz sobre as heterogeneidades enunciativas (constitutiva e mostrada), a existência, na derrisão, de uma terceira forma de heterogeneidade: a heterogeneidade dissimulada:

a derrisão joga ora com o humor do destinatário, ora com uma espécie de pré-construído socialmente aceito pelo destinatário. Tanto no primeiro quanto no segundo caso, a derrisão terá sempre implícita ou explicitamente um valor metadiscursivo, isto é, um uso e um comentário sutil sobre esse uso. (BARONAS, 2005, p. 107)

Entendida como estratégia enunciativa, jogo, ou gênero do discurso, o que não se pode negar é que a derrisão desestabiliza as posições cristalizadas do poder em nossa sociedade, principalmente no fértil campo da política.

Pensando em nosso objeto de análise, pode-se dizer que a primeira marca da derrisão em uma charge eletrônica é a própria caricatura que se faz da personalidade chargeada. Isto porque a caricatura “carrega¹⁵” o tom exatamente naqueles pontos que, em tese, seriam menos agradáveis para a personalidade¹⁶ retratada, principalmente com relação a detalhes indiscretos de sua estrutura física ou aparência, incluindo-se aí o modo como a pessoa costuma se vestir.

Secundariamente, mas de igual importância, a derrisão se materializa no texto que compõe a charge. Isto é, destinado a provocar o riso, em associação com a imagem, o elemento verbal da charge procurará sempre fazer referência a

¹⁵ Os termos charge e caricatura estão etimologicamente ligados ao verbo carregar, conforme mencionado na seção 3.1.

¹⁶ No âmbito deste trabalho, usamos o termo personalidade para nos referir, em sentido geral, às pessoas com visibilidade pública.

situações em que as atitudes e o dizer do político em questão, muitas vezes pelo recurso ao exagero, pareçam absurdamente ridículas. No âmbito das charges eletrônicas que analisamos neste trabalho, o uso de paródias musicais¹⁷ acentua ainda mais o efeito derrisório, principalmente quando o aspecto ridículo ou irônico da personalidade retratada soma-se a excentricidades do cantor cuja música foi parodiada.

Exemplo desse fato pode ser obtido na charge eletrônica publicada em 02-08-2005, na qual o Presidente da República é retratado usando uma camiseta regata extremamente justa e dançando a música latina Guantanamera, parodiada como “Quanta lameira”, referindo-se ao “mar de lama” que comprovadamente invadiu a capital nacional.



Figura 1 – Lula e Marisa: Quanta lameira! (QUIRINO, 2005e)

¹⁷ Orlandi (2004, p. 114) recorda o sentido etmológico do vocábulo paródia, do grego *parodía*, que significa ao lado de outro. No entendimento da autora, esse colocar ao lado é constituído por um gesto de interpretação desse “outro”, que envolve necessariamente um mecanismo ideológico.

3 CARICATURA, CHARGES E A (RE)APRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE NO JORNAL E NA INTERNET

Considerando que este trabalho tem por objeto de análise as charges eletrônicas mencionadas, julgamos pertinente discutir as características das charges enquanto texto de circulação social, com a função de produzir crítica de caráter político.

Não pretendemos, nesta reflexão inicial, esgotar todo o assunto nem nos determos exaustivamente na historiografia do seu surgimento no meio jornalístico, elementos que já foram amplamente explorados por outros pesquisadores, entre os quais destacamos Romualdo (2000) e Oliveira (2001). Com o objetivo de não cair na repetição inócua de definições já suficientemente esclarecidas, assumiremos como tarefa a discussão da função social do texto chargístico tal como tem circulado socialmente, isto é, enquanto elemento pertinente ao universo dos discursos jornalísticos com seus possíveis desdobramentos para um site da internet.

Em tal ambiente, continuariam tais textos preservando a sua natureza chargística? A alteração do suporte material interfere na natureza constitutiva desses textos? E o universo dos possíveis leitores sofre alterações? Estas são algumas questões em torno das quais procuraremos desenvolver parte de nossas reflexões.

Para tanto, procuraremos nos valer da contribuição de chargistas de destaque nacional, sem deixar de considerar aspectos pertinentes de resultados de estudos anteriores sobre o assunto.

3.1 A PROPÓSITO DO CONCEITO E DA NATUREZA DA CHARGE

A produção das charges está intimamente ligada à necessidade do ser humano em produzir críticas ao sistema sócio-político no qual se encontra inserido, principalmente no que tange àqueles que detêm o poder político e/ou econômico. Neste aspecto pode-se apontar a caricatura como um dos primeiros recursos utilizados para a crítica aos poderes constituídos. No dizer de Oliveira (2001, p. 265) “Os textos de charge ganham mais quando a sociedade enfrenta momentos de crise, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica num texto aparentemente despretenso”.

Tal técnica, contudo, não é recente, remonta aos primórdios da humanidade. A Enciclopédia Barsa (2004) relata a existência de um papiro remanescente do antigo Egito no qual se vê retratado o Faraó Ramsés II com orelhas de burro. Daí se pode constatar que a necessidade de criticar aqueles que exercem o poder é tão antiga quanto a própria sociedade humana.

A mesma Enciclopédia ressalta que, embora fizesse parte do jargão artístico, o termo caricatura, que vem do italiano *caricare* (carregar, acentuar), foi historicamente utilizado para designar um conjunto de desenhos satíricos de Agostino Carracci a respeito de alguns cidadãos de Bolonha.

É interessante ressaltar que, conforme destaca Oliveira (2001) o termo charge, cuja origem é o francês, significa carga, ataque. Mais do que um mero parentesco etmológico, a origem próxima dessas duas palavras parece remeter à relação de identidade que une os textos por elas designados, no âmbito da

sociedade em que circulam.

A respeito da Caricatura, a autora mencionada (2001, p. 265) destaca que ela se preocupa “em fazer sobressair traços marcantes do indivíduo em questão, **carrega**¹⁸ as tintas em pontos estratégicos capazes de dar ao observador pistas necessárias para o desvelamento da identidade do caricaturado”. E que o chargista, “ao **carregar**¹⁹ na linguagem iconográfica pretende levar o interlocutor de seu texto à reflexão sobre momentos históricos da comunidade em que ambos – artista e leitor – estão inseridos”. (OLIVEIRA, 2001, p. 266)

Desses primeiros apontamentos já podemos perceber que, socialmente, a charge e caricatura encontram-se entrelaçadas ao binômio história-memória. Sendo a charge uma forma de registro crítico e opinativo da história imediata de um grupo social, a sua recepção pelo leitor depende da existência de uma memória social que é acionada no momento da leitura permitindo-lhe construir os possíveis sentidos para o discurso do qual a charge é portadora. Essa posição é também postulada por Oliveira (2001, p. 265) para quem: “os textos chargísticos constituem, por isso, uma vasta memória social, sem a qual não poderia haver História, que só se constitui pelo discurso”. E ainda: “o que merece destaque, porém, é a imprescindível relação do fato histórico com o texto chargístico, este, por recuperar aquele, torna-o memorável”.

Partindo desses postulados a respeito da importância da história e da memória na constituição dos sentidos de um texto chargístico, entendemos que a caricatura presente no texto chargístico é de fundamental importância para a presentificação dessa memória no acontecimento discursivo.

¹⁸ Grifo nosso

¹⁹ idem

Ilustrando o papel da caricatura no acionamento da memória discursiva nas charges, apresentamos os seguintes exemplos retirados do nosso objeto de estudo:



Figura 2 – Lula e Serra cantando “Summernights”. (QUIRINO, 2002)



Figura 3 – Lula cantando “Enquanto houver sol”. (QUIRINO, 2004a)



Figura 4 – Heloisa Helena cantando “Máscara”. (QUIRINO, 2003a)



Figura 5 – Palocci após jogo de futebol na granja do Torto. (QUIRINO, 2003b)

Nas figuras acima, ao acentuar as características dos personagens, o chargista permite ao leitor o reconhecimento de cada uma das personalidades a que se refere, acionando assim a memória discursiva, de modo a influenciar os efeitos de sentido decorrentes de cada uma das charges. Entre tais caracteres podemos destacar: a barba e a ausência de um dedo da mão esquerda (Lula); a calvície e as olheiras (José Serra); o rabo de cavalo e os óculos (Heloísa Helena); a língua (presa) e a barba (Antônio Palocci).

Ampliando um pouco a reflexão sobre o papel crítico-opinativo da charge,

abordaremos alguns aspectos referentes ao seu processo de criação, valendo-nos de informações fornecidas por Ique e Aroeira, dois chargistas nacionalmente conhecidos, cujas informações foram sistematizadas por Valente (2001).

A respeito da crítica severa às estruturas sociais e políticas os chargistas mencionados reconhecem que “[Aroeira:] todos os trabalhos dos chargistas são claramente engajados. Ideologicamente todos são contra o neoliberalismo [...] contra tudo o que pisa no nosso pé diariamente, o que acontece no Brasil todos os dias” (VALENTE, 2001, p. 151). Complementando essa posição, Oliveira (2001, p. 266) afirma que: “pelo humor ele [o chargista] se inscreve como leitor do mundo e convida seus interlocutores a partilhar de suas leituras; é, pois, um formador de opinião”.

A temporalidade é outra característica das charges destacada pelo chargista, inclusive como elemento diferenciador entre estas e os cartuns: “O assunto e a data marcada é que fazem a diferença entre a charge e o Cartum. A charge é datada porque está vinculada ao acontecimento político, mas algumas vezes as charges conseguem virar Cartum, pois são tão boas que conseguem representar uma situação em qualquer contexto político”(VALENTE, 2001, p. 157).

Nesse processo de representação e crítica do universo político pela charge, os criadores destacam também os entraves decorrentes do jogo de interesses que perpassa o universo jornalístico. A esse respeito, o cartunista Aroeira relata: “Você passa o dia inteiro pensando numa charge para dar um recado que, na verdade, o editor não quer que você dê”. (VALENTE, 2001, p. 155). A partir desse fato, podemos refletir a respeito da vinculação da charge à linha editorial do jornal. Apesar da pretensa isenção e objetividade que este veículo de comunicação chama para si, percebe-se, na realidade, o jogo de interesses que permeia os bastidores

das redações. A charge é, assim, um texto de opinião que deve seguir fielmente a linha editorial do jornal. Isto é, espera-se que a charge reflita o pensamento do jornal, até que o chargista prove o contrário. Quanto a isso, na entrevista por nós citada, os chargistas em questão relatam uma série de táticas de que já se valeram para conseguir publicar charges “indesejadas” pelo editor, enquanto representante do grupo que controla o jornal.

Algumas vezes, é o próprio editor quem sai em defesa do chargista, quando os leitores reclamam de sua atitude. O chargista Aroeira relata um acontecimento dessa natureza envolvendo um editor do jornal “O Globo”:

Uma vez um leitor escreveu e pediu minha demissão d'O Globo, afirmando que eu era cruel, desumano e incorreto. Ele [Evandro Carlos de Andrade, editor do jornal O Globo] publicou a carta do leitor e publicou a resposta, dizendo que o jornal não faria isso porque o papel do chargista não era ser correto, nem politicamente correto, nem era ser legal ou bonzinho. [...] E o Evandro escreveu isso, para minha surpresa. Uma belíssima resposta dizendo ao leitor: “vamos manter o chargista porque a função dele é essa: é lembrar a todo figurão que ele é mortal, que ele pode arrebentar-se a qualquer momento”²⁰. (VALENTE, 2001, p. 158)

Esse mesmo chargista destaca também o vínculo entre a charge e as demais notícias que circulam no jornal “temos o mesmo ponto de partida: o jornal que entra por baixo da porta. A nossa charge está pronta, você abre a porta, pega os jornais e as charges estão lá.” (VALENTE, 2001, p. 151).

Priorizando essa realidade, o chargista chega a relegar a um segundo plano os elementos imagéticos que compõem a charge: “a parte do desenho tanto faz, você pode ter maneiras diferentes de desenhar. Não somos artistas plásticos, nosso objetivo é comentar o assunto. (VALENTE, 2001, p. 153). Essa afirmação de Aroeira

²⁰ O chargista relata na mesma entrevista que foi demitido do referido jornal, mais tarde, pelo proprietário em pessoa, Sr. Roberto Marinho.

nos remete ao dizer de Oliveira (2001, p. 266): “assim como os cronistas partem de um fato do cotidiano para provocar no leitor uma reflexão sobre acontecimentos que estão em voga, os chargistas não só tomam como ponto de partida os fatos como também e, necessariamente, se posicionam ideologicamente sobre os eventos sociais que emergem do dia-a-dia .

Sem discordar do fato de que o chargista é, antes de tudo, um crítico, devemos destacar o mérito estético destes profissionais em relação às caricaturas que criam. Seu talento artístico, apesar de não ser considerado o mais importante aspecto em uma charge é, sem dúvida, um atrativo importante, principalmente se tomada a perspectiva do leitor. É pela caricatura, conforme já destacamos, que o leitor tem a possibilidade de acionar a sua memória discursiva, relacionando o interdiscurso ao fato aludido pelo texto. A imagem é, portanto, um recurso de comunicação que faz a diferença na produção e recepção das charges.

Podemos afirmar, portanto, que as charges constituem-se enquanto textos de natureza opinativa, típicos do universo jornalístico que, por meio da associação da caricatura e (geralmente) de elementos verbais registram e criticam, por meio da derrisão²¹, um acontecimento envolvendo personalidades do meio político.

3.2 CHARGES: O DISCURSO DO TEXTO E DA IMAGEM NO JORNAL E NA INTERNET

Tentando pensar as charges enquanto uma forma de materialização dos discursos que circulam na sociedade, procuraremos levar em conta o conceito de

²¹ Esse conceito é abordado na seção 2.4.

formação discursiva, a que já nos referimos na seção 2.1.

Embora privilegie o estudo da posição ocupada pelo sujeito em detrimento dos gêneros textuais a que se refere, pode-se perceber nas reflexões de Pêcheux²² que o sujeito, inscrito em uma dada formação discursiva, articula e materializa seu discurso a partir de gêneros textuais diferentes. O gênero textual serviria, portanto, como instrumento de veiculação de uma dada posição sócio-ideológica, a partir das exigências ou coerções de determinadas condições de produção. Desse modo, a partir de uma mesma posição, o sujeito poderia, conforme a situação, enunciar seu discurso sob a forma de panfleto, faixa, artigo de opinião, carta, relato, etc. Essa possibilidade é compreendida pela AD como a materialização do discurso em texto que, segundo compreendemos, pode tanto ser verbal quando imagético, conforme discutiremos a seguir.

A partir dessa realidade, podemos dizer que, ao apresentar o seu olhar a respeito da sociedade, a partir de uma posição de sujeito, o chargista o faz inscrito em uma determinada formação discursiva, retomando elementos interdiscursivos que determinarão os efeitos de sentido instaurados em sua relação dialógica com o leitor da charge.

Desse modo, podemos afirmar que as charges eletrônicas veiculadas pela Internet manifestam um posicionamento sócio-ideológico do sujeito chargista a respeito de um fato político, cumprindo assim, função semelhante à da charge jornalística. Entretanto, não se pode dizer que se trate de práticas discursivas exatamente idênticas, pois as relações e coerções decorrentes do ambiente virtual diferem daquelas que ocorrem quando se tem por portador jornais, revistas ou

²² Essas reflexões de Pêcheux embasam a relação feita por Siqueri (2005), entre formação discursiva e caricatura, mencionada na seção 2.3

similares.

Além disso, ao recorrer ao movimento e ao som, as charges eletrônicas podem ampliar os efeitos do interdiscurso inerentes à opinião/informação veiculada pelo texto chargístico. Deve-se também considerar que, quando a charge circula junto aos demais textos jornalísticos, alguns elementos do interdiscurso podem ser presentificados em textos constantes do próprio veículo de comunicação (jornal ou revista), o que não ocorre quando a charge está alocada em um site da Internet.

Por assim ser, ainda que haja entre a charge jornalística e a charge eletrônica um parentesco quanto à função social, existem diferenças relevantes quanto às práticas discursivas que as constituem, o que não impede que as mesmas veiculem posições derivadas de uma mesma formação discursiva.

O processo de criação de cada uma dessas modalidades do texto chargístico envolve condições de produção, em sentido estrito (Orlandi, 2001) bastante diferenciadas, conforme procuraremos discutir.

3.2.1 As condições de produção próprias de charges impressas e eletrônicas

Ao abordar as condições de produção, pensamos, inicialmente, no processo de publicação de cada um desses textos. A charge impressa é sempre a publicação de um veículo de comunicação, geralmente um jornal, e se localiza geralmente próxima aos textos de opinião, principalmente o editorial. Desse modo, a charge, a partir da especificidade que lhe é própria, vincula-se diretamente ao conjunto de textos que procuram expressar a opinião do veículo de comunicação na qual é publicada. Embora se deva considerar as resistências dos chargistas ao procurar

exercer a sua crítica com liberdade²³, a charge desenvolve, inevitavelmente, uma relação de pertencimento ao jornal. Isso implica em uma coerência da charge com a linha editorial do veículo de comunicação no qual circula, obrigando, de certa forma, o chargista a tomar certos cuidados no processo de produção de suas obras, para, por exemplo, simular uma leitura mais ingênua para um trabalho que atinja diretamente determinada personalidade à qual o jornal pretenda “proteger”.

A esse respeito, é interessante o relato do chargista Ique, na já mencionada mesa redonda coordenada por André Valente (2001, p. 156)²⁴, a respeito de uma charge que fazia alusão ao envolvimento do então Senador Antônio Carlos Magalhães nos escândalos referentes ao Banco Econômico da Bahia:

Essa charge eu fiz na época do Banco Econômico para dizer exatamente o que vocês estão vendo: o Antônio Carlos Magalhães com o rabo preso. Como eu não podia dizer isso diretamente para o editor, eu pintei o rabo do ACM da mesma cor da gravata! E quando editor me perguntou: “você botou o rabo dele preso?”, eu respondi “não, botei a gravata!”, justamente porque ela é o símbolo do político! E você fica pensando nessas saídas o tempo todo.

Por sua vez, o chargista da internet, principalmente aquele cujas charges pretendemos analisar, não está diretamente vinculado a um determinado jornal, o que lhe permite construir as suas charges com um pouco mais de liberdade, sem ter que prestar contas a um editor. Isso não significa que ele esteja totalmente isento de coerções, já que, por satirizar fatos e personalidades do mundo político, corre sempre o risco de sofrer um processo por danos morais, calúnia e difamação, entre

²³ O autor das charges que analisamos assevera, conforme entrevista contida no anexo deste trabalho, jamais ter sofrido, por parte dos provedores a que já esteve vinculado, pressões ou censura quanto ao conteúdo de suas charges.

²⁴ A charge em questão encontra-se publicada à p. 155 da referida obra.

outros.

No caso do chargista cuja produção estamos analisando, esse deslocamento do sujeito empírico em relação ao seu caricaturado se dá, algumas vezes, através de gestos de designação, calcado em características ou em declarações do caricaturado ou no nome do intérprete da canção parodiada:

CARICATURA	DESIGNAÇÃO	CARICATURADO
 <p data-bbox="280 947 643 999">Figura 6 – Heloísa Helena cantando “Máscara”. (QUIRINO, 2003a)</p>	Helopitty Helena	Senadora Heloísa Helena
	Helô Ira Helena	Senadora Heloísa Helena
 <p data-bbox="280 1703 683 1755">Figura 8 – Zeca Pagodinho cantando “O Penetra”. (QUIRINO, 2004c)</p>	Seca Pacotinho	Zeca Pagodinho (cantor) ²⁵

²⁵ Nesta charge, o cantor retratado pelo chargista faz uma defesa do Presidente Lula na ocasião da mencionada reportagem do The New York Times.

CARICATURA	DESIGNAÇÃO	CARICATURADO
 <p>Figura 9 - Regina Duarte sendo entrevistada por Toby. (QUIRINO, 2002b)</p>	Retina Duarte	Regina Duarte (atriz) ²⁶

Ainda procurando pensar o espaço de publicação da charge impressa e da charge eletrônica, podemos constatar que a primeira, por ser parte do jornal, articula-se com os textos que constituem o seu entorno, além de dialogar com os demais textos, oferecendo ao seu leitor condições de verificar as hipóteses e antecipações que faz em relação ao conteúdo da charge, além de esclarecer eventuais dúvidas. Já a versão eletrônica do texto chargístico é publicada de forma isolada em relação a outros textos jornalísticos:



Figura 10 – Visão geral da página principal do site, versão que permaneceu on-line até ago./2005.

²⁶ Charge publicada em outubro de 2003, após a declaração da atriz, no Programa Eleitoral de José Serra, “Eu tenho medo”, referindo-se a Lula, conforme mencionamos na seção 4.2.6.

Esta forma de veiculação das duas modalidades de charges de que estamos tratando interfere diretamente no perfil do leitor de cada um dos textos. Por estar contida em um jornal, a charge impressa envolve a existência de um leitor do texto jornalístico como um todo. Isto é, o leitor destas charges é, antes de tudo, um leitor do jornal: além das charges, o mesmo lerá, certamente, o editorial, as reportagens, os artigos de opinião. Um leitor que se dirija ao jornal apenas para ler a charge será, por certo, um caso excepcional.

Por sua vez, o leitor da charge eletrônica é um leitor de charges, ou seja, acessa o site em questão porque sabe que o mesmo tem como ponto forte a exibição cotidiana de charges. Sendo assim, podemos considerar que o leitor da charge impressa é alguém que está querendo interagir-se das informações publicadas pelo jornal, ao passo que o leitor das charges na internet parece ter como objetivo maior divertir-se com o texto chargístico publicado no site, sem levar em conta da discursividade que o envolve.

Desse modo, conforme temos afirmado, o leitor da charge jornalística tem, em relação à essa prática discursiva, expectativas diferentes daquelas apresentadas por quem pratica leitura de charges virtuais. Tais expectativas parecem não se referir especificamente à função do texto, mas sim aos recursos utilizados em sua veiculação. Considerando esses recursos disponibilizados pelas diversas interfaces possíveis no contexto da comunicação mediada por computador, uma charge eletrônica pode dispor de maior variedade de cores, uso de animações, utilização do som, recursos que não estão disponíveis para a charge jornalística. Ainda que possam se utilizar das cores e do uso do computador, as charges impressas têm como únicos recursos o desenho e o texto; enquanto que charges eletrônicas o

chargista dispõe do movimento e da sonoridade como elementos que atraem o leitor. Além disso, o uso de paródias musicais em que são preservados, algumas vezes, os agrupamentos fonêmicos ao final de cada verso, permite a rápida assimilação do texto parodístico pelo seu leitor, fixando facilmente em sua lembrança a crítica e a argumentação que constituem esse tipo de texto. A sonoridade exerce, também, papel de destaque na alusão que o chargista da internet faz aos nomes de seus caricaturados. Voltando ao quadro construído anteriormente, vemos a semelhança sonora bastante próxima entre o nome real da personalidade e o nome dado pelo chargista.

O que até aqui se pode perceber, portanto, é que a charge impressa e a charge eletrônica conservam a sua função de crítica aos fatos e personalidades do cenário político, e o fazem a partir de semioses próprias e interpeladas por condições de produção bastante particulares. Geralmente operando com a mesma memória discursiva, constroem materialidades lingüísticas diversas, em função dessa particularidade dessas condições estritas de produção.

3.3 APROXIMANDO O OLHAR

Passamos agora a caracterizar as condições específicas de produção que envolvem as charges eletrônicas do site “charges.com.br”, a cuja análise iremos proceder.

3.3.1 De jornalista sério a chargista na internet

O site “charges.com.br”, endereço na internet de onde extraímos nosso

objeto de análise, é uma criação do jornalista Maurício Ricardo Quirino, um carioca de Duque de Caxias, radicado em Uberlândia (MG) desde os sete anos de idade.

Jornalista profissional com registro no Ministério do Trabalho, conforme estabelece a legislação do Estado de Minas Gerais, Maurício Ricardo foi acadêmico de Artes Plásticas, Direito e História na Universidade Federal de Uberlândia sem, contudo, concluir nenhum dos cursos.

Suas atividades no jornalismo principiaram em 1981 como cartunista do jornal Primeira Hora, já extinto, onde permaneceu até 1988. No ano de 1989, transferiu-se para “O Correio”. No único diário de Uberlândia, Maurício foi repórter, editor de cultura, editor-chefe, coordenador de redação e coordenador geral (redação, publicidade e circulação). Além disso, atuou como produtor e apresentador de um telejornal na TV Integração, afiliada local da Rede Globo.

Quando criou sua primeira charge para a internet, Maurício Ricardo ainda atuava como executivo do “O Cruzeiro”. Cheio de estresse, conforme suas próprias palavras, a produção diária de charges era uma atividade de lazer, realizada entre as oito horas da noite e as duas da madrugada.

O cartunista sintetiza da seguinte forma a transição entre a produção lúdica de charges e a sua transformação em meio de subsistência:

Em janeiro de 2000 o maluco que vos escreve teve a idéia de colocar uma charge animada inédita por dia na rede. Em agosto do mesmo ano, começou a colocar som nas charges, dobrando o trabalho. A coisa pegou, o site conquistou milhões de amigos (15 milhões de páginas vistas todo mês) e, em dezembro, o que era bico virou trabalho sério. Para viver de seus desenhinhos e idéias abiloladas, o vosso escrivinhador começou a também fazer charges pro Pelé.net e Zipnotícias, e chutou um emprego de 12 anos como executivo de jornal. (QUIRINO, 2001a)

Falando especificamente da decisão de abandonar uma carreira de doze anos, decisão difícil, até mesmo para quem produz humor, no país do desemprego,

Maurício Ricardo destaca:

Criei coragem. Sei lá, a lua devia estar fora de curso. Só sei que olhei no espelho de manhã, fiz um mergulho profundo no meu eu e concluí que estas humildes pagininhas cibernéticas são minha última chance de contribuir com uma pequena parcela para a evolução da humanidade e realizar meu sonho de virar nome de rua aqui em Uberlândia quando eu me for. (QUIRINO, 2001b)

Um ano após a decisão de seu criador em dedicar-se exclusivamente ao site, o “charges” precisou mudar de endereço. O portal zip.net, primeiro a abrigar as páginas do cartunista mencionado, foi vendido ao provedor UOL que, em novembro de 2001, resolveu tirá-lo do ar. Em função de seu desejo de manter o site com a característica de acesso livre e gratuito, o que não estava nos planos do UOL, cuja marca é a disponibilização de conteúdos exclusivos a seus assinantes, Quirino optou por estudar a proposta de outros provedores. A esse respeito, o cartunista declarou:

Sem muito choro, como acontece na sempre volátil Internet, acabou o portal Zip.net. Como consequência imediata, muitos internautas têm escrito preocupados com o futuro do Charges.com.br. Antes de mais nada, gostaria de tranquilizar a enorme família Charges.com.br: aconteça o que acontecer, o site continuará firme e forte! Agora estamos resolvendo um pequeno impasse monetário. Coisa menor, que não chega a abalar minha alma despojada. Mas assim que estiver tudo resolvido, prometo novidades! (QUIRINO, 2001c)

A resolução do impasse se deu através de um contrato com o portal “globo.com”. A essa época, o site de Maurício Ricardo já era bastante conhecido e sua visibilidade tornou-se ainda maior, em função de seu novo local de hospedagem. Nesse período, em virtude do grande número de acessos e de seu pioneirismo com charges animadas, o que muito agradou ao público, o site foi agraciado por duas vezes com o prêmio de melhor site na categoria lazer/entretenimento, segundo a opinião dos leitores da revista Info, em 2001 e 2002.



Figura 11 – Maurício Ricardo com Tobby, Fimose e Espinha, recebendo o Prêmio Info 2001 (QUIRINO, 2001b)²⁷

Deve-se destacar também que, em 2001, o “charges” ocupou a quinta posição no Top 10 do Ibest, um dos mais conhecidos *rankings* da internet brasileira. Além disso, segundo dados do IBOPE, o site é considerado o melhor da rede na categoria humor.

Em 2005 “charges.com.br” foi novamente premiado pela revista Info como site do ano e o seu criador, Maurício Ricardo, como empreendedor do ano. A esse respeito, em seu típico bom humor, o chargista comentou:

É nós, mano: sem juiz ladrão, sem cartolas polêmicos e sem “pênaltis não contabilizados”, Charges.com.br é campeão!!!! lebbba!!!! Somos o “Site do Ano” no Prêmio Info 2005, um dos mais tradicionais e importantes do setor de tecnologia no Brasil! Como se não bastasse, este humilde escriba, cartunista, animador e dublador foi considerado o “Empreendedor do Ano” na Internet! Tô podendo, hein? (QUIRINO, 2005)

²⁷ Charge alusiva à premiação pela Revista Info, criada por Maurício Ricardo para o editorial do site, em 2001 e rerepresentada em, 2002.

E ainda:

É por causa dessa gente toda que não tenho a menor modéstia em dizer que, num ano em que mensalões e Big Bundas fizeram nossa audiência bombar, merecemos, sim, o prêmio de Site do Ano. Quanto à minha escolha como “Empreendedor do Ano”, a princípio me pareceu estranha, já que normalmente os méritos no mundo corporativo são medidos pelo sucesso financeiro. Pensei que pra ser reconhecido como bom empreendedor eu teria que ficar rico primeiro. Mas depois entendi: estamos mesmo na “Era de Aquário” e já não é mais tempo de se medir o sucesso empresarial só pelo faturamento. (QUIRINO, 2005)

3.3.2 A produção das charges

Conforme depoimento do próprio chargista, as animações veiculadas pelo site em questão são produzidas em três estágios consecutivos: a criação do roteiro, a sonorização e a animação.

O processo de criação de roteiros apresenta muita similaridade com a criação das charges veiculadas em jornais impressos: tudo começa pela definição do assunto, isto é, os fatos do cotidiano são, em geral, o ponto de partida para a criação das charges e cartuns. A esse respeito afirma o autor:

Muita gente acha que pra ser cartunista o mais importante é ser criativo. Tudo bem, a criatividade é uma ferramenta útil, mas quem tem hora pra entregar um trabalho numa redação de jornal ou publicá-lo na Internet não pode se dar ao luxo de esperar a visita da musa. [...]

Agora, se na confecção de uma charge a inspiração não é a matéria-prima mais difícil de se obter, o mesmo eu não poderia dizer sobre um outro elemento vital, que se chama assunto.

Muito mais do que a falta de inspiração, a falta de assunto tira o sono dos chargistas.

Eu, por exemplo, começo meu dia de trabalho varrendo na Internet temas que renderiam boas charges, lendo criteriosamente os 300 e-mails diários e folheando jornais e revistas. Alguns dias tem assunto saindo pelo ladrão. Outros, pelo amor de Deus. (QUIRINO, 2002b)

Criado o roteiro, a etapa seguinte se dá no estúdio de gravação. Trata-se da

digitalização dos diálogos, paródias e efeitos sonoros pertinentes a cada charge. Esse processo é feito também pelo próprio chargista, que produz as vozes e sonoriza todas as suas produções.

De posse do roteiro gravado, cabe ao chargista produzir os elementos gráficos do trabalho, isto é, desenhar todos os quadros e animá-los preenchendo o roteiro previamente gravado.

Em todo esse processo, o autor vale-se de ferramentas computacionais acessíveis aos usuários de nível intermediário. As animações são produzidas no software Flash. Já o áudio é produzido e editado nos *softwares* “Cool-Edit Pro” e “N-Track”, com o auxílio de um teclado.

3.3.3 “Charges.com.br” e UOL

Considerando a importância que exterioridade exerce na constituição do sentido na Análise do Discurso entendemos ser interessante apresentar, brevemente, o contexto imediato em que são publicadas as charges eletrônicas de Maurício Ricardo e a situação de site em relação ao rol de atrações/conteúdos do portal UOL.

O provedor de internet “Universo On-Line” (UOL), de propriedade do grupos editoriais Abril e Folha da Manhã, foi lançado em abril de 1996 e provê acesso em mais de 3.000 localidades brasileiras, além de inúmeros locais de conexão em mais de 14 mil cidades no exterior. Tem hoje mais de 1,4 milhão de assinantes pagantes. Desde setembro de 1999, atua também como portal e provedor de acesso na Argentina. (UOL, 2005)

Segundo o Ibope NetRatings, que mede o acesso aos portais da internet, o

UOL teve média de 7,130 milhões de visitantes únicos domiciliares mensais no Brasil em 2004, o que lhe conferiu o primeiro lugar no ranking dos maiores portais de conteúdo do país, representando cerca de 60% de alcance nesse mercado. Segundo dados da pesquisa feita pelo IBOPE, isso significa que 60% dos internautas que acessam a rede de suas casas visitam o portal UOL. (UOL, 2005)

Toda essa visibilidade do site parece dever-se, entre outras coisas, à preocupação do provedor em disponibilizar elevada quantidade de conteúdo, em áreas bastante diversificadas. Esse anseio pela quantidade do conteúdo manifesta-se inclusive em seu atual slogan comercial: “UOL – o melhor conteúdo”.

Esse conteúdo encontra-se dividido, conforme sua natureza, em cinqüenta e quatro estações: Álbum de fotos; Amigos Virtuais; Anuncie UOL; Aplicativos e ferramentas; Assine UOL; Bate-papo; Biblioteca; Bichos; Blog; Busca; Carros; Cartões; Central de Segurança; Central do Assinante; Cinema; Classificados; Corpo e Saúde; Crianças; Discador; Diversão e Arte; E-mail; Economia; Educação; Empregos; Esporte; Folha Online; Fórum; Fotoblog; Gay; Horóscopo/Astral; Humor; Jogos; Jornais; Lição de Casa; Links Patrocinados; Moda; Música; Personalidades; Rádio UOL; Revistas; Serviços; Sexo; Shopping UOL; Sites pessoais; Sobre UOL; Tecnologia; Televisão; Tempo; trânsito e mapas; TV UOL; Últimas notícias; UOL K; UOL News; Vestibular; Viagem. (UOL, 2005)

O site “charges.com.br” situa-se na estação “Humor” do UOL, onde também estão alocados os sites: 02 Neurônio; 10 Pãezinhos; Adão Online; Allan Sieber; Angeli; Barbara Gancia; Blog do Tas; Bugos; Caco Galhardo; Café com Bobagem; Castel-O-Rama; Falcão; Glauco; Humor Tadela; José Simão; Laerte; Millôr; Níquel Náusea; Ópera Bufo e Weberson. Como se pode notar, segundo a divisão estabelecida pelo provedor, diversos outros chargistas fazem companhia a Maurício

Ricardo.

Figura 12 – Visão geral da estação “Humor” (UOL, 2006)

Percebe-se, assim, um deslocamento do espaço de publicação dessas criações que, apesar de estarem associadas ao jornalismo, foram agrupadas ao lado de outras produções, com que mantêm em comum o traço marcadamente cômico, sem considerar o universo típico de circulação de cada uma. Isso parece relacionar-se com a já mencionada preocupação do UOL com a questão do conteúdo. Sob essa perspectiva, a imagem do leitor-navegador ideal é aquele que procura algo tendo em vista um rol virtual de necessidades. Assim, o leitor que deseja informar-

se sobre os fatos da atualidade procurará, em tese, a seção de “jornalismo”, ao passo que aquele que deseja divertir-se buscará a estação “humor”, deslocando-se da mesma maneira que um consumidor em meio às prateleiras de um supermercado.

Desse modo, a generalização em torno de certos temas é um imperativo, quando considerado o ritmo acelerado que caracteriza a navegação na internet. Por conseguinte, apesar da natureza iminentemente opinativa das charges, as produções dos chargistas, no âmbito da UOL, são genericamente agrupadas na seção de humor, estação em que grande parte das páginas destina-se à navegação exclusiva dos assinantes do UOL, o que não é o caso do “charges.com.br”²⁸.

É importante mencionar também que o referido provedor não possui uma produção jornalística de destaque; sua seção de jornalismo, intitulada “jornais”, compreende somente uma série de *links* para jornais de grande circulação nacional e internacional. Como se poderá ver na ilustração o maior destaque é para o jornal Folha de São Paulo, editado pelo grupo editorial “Folha da Manhã”, sócio do provedor UOL. São também mencionados outros jornais de circulação regional e os internacionais: “El Pais”, “Le Monde” e “The New York Times”, todos com notícias traduzidas para a língua portuguesa.

²⁸ A respeito da opção de Mauricio Ricardo pela gratuidade do acesso ao site, ver a seção 3.3.1.

FOLHA DE S. PAULO
Petrobrás aceita reduzir lucro para ficar na Bolívia

A Notícia
Acordo com usineiros tem falhas

El País
Evo Morales visita Lula em Brasília

Le Monde
Presos políticos aumentam em Cuba

Jornal do Comercio
Pré-candidatos buscam apoios

USA Today
Saiba novidades do 5º ano de '24 Horas'

The New York Times
Filmes longos que precisam de retoques

UOL MÍDIA GLOBAL
Chile
País pode ter 1ª mulher na presidência

UOL TABLÓIDE
Miss Mundo
Leia sobre o concurso e assista aos vídeos

PATROCINADOR
Quer descontos nas ligações DDD e DDI?

SHOPPING UOL
140.000 empregos
Inclua seu currículo por 7 dias sem pagar nada!

Magazine Luiza
Lavadora de roupas água fria 8kg GE por R\$ 1.099!

MercadoLivre.com
Saldão de câmeras Sony a partir de apenas R\$ 649!

Desktop Dell 1100
Oferta imperdível: monitor 17" e combo inclusos!

Catho Online
Cadastre seu currículo: 140 mil empregos!

Submarino
TVs 20" a partir de R\$ 439 em 10 vezes sem juros!

SOS Compras
Confira as nossas dicas e tenha um ótimo 2006!

Saraiva.com.br
Volta às aulas na Saraiva: material escolar em 12!

Pontofrio.com
Aniversário 10 anos do site! 15% de desconto à vista!

SOS Compras! Lu e Nane recomendam
140.000 vagas
Inclua seu currículo por 7 dias grátis!

ÍNDICE DE JORNAIS

SUDESTE

São Paulo

- Folha de S. Paulo
- Agora São Paulo
- Bragança Jornal Diário (Bragança Paulista)
- Comércio do Jahu (Jaú)
- Debate (Santa Cruz do Rio Pardo)
- Diário do Litoral (Santos)
- Gazeta do Litoral
- O Imparcial (Presidente Prudente)
- Jornal da Baixada (Bertioga)

- Jornal da Cidade (Bauru)

- Jornal da Cidade (Rio Claro)

- Jornal de Campos do Jordão

- Jornal de Limeira

- Taperá (Salto)

- Todo Dia (Americana)

Rio de Janeiro

- Diário do Vale (Volta Redonda)
- A Voz da Serra

NORDESTE

- Jornal do Comercio (PE)
- A Região (BA)
- O Mossoroense (RN)

SUL

- Agora Paraná
- A Notícia (Santa Catarina)
- Jornal do Comércio (Rio Grande do Sul)

NORTE

- Jornal do Dia (AP)
- Página 20 (AC)

JORNAIS ONLINE

- Contas Abertas
- Folha Online
- Mais Alagoas
- UOL News
- UOL Tablóide

VEJA TAMBÉM

- Outros Jornais
- UOL Revistas

UOLK

Figura 13 – Visão geral da estação “Jornais” (UOL, 2006b)

Podemos constatar, portanto, que a produção do site “charges.com.br”, encontra-se, em seu entorno mais amplo, inscrito nas relações comerciais de prestação de serviço, nas quais há um cliente a ser satisfeito, a quem deve ser oferecido um grande volume de conteúdos, parte integrante do pacote de serviços contratados.

3.3.4 Uma visão panorâmica do site



Figura 14 – Layout atual da página de abertura do site

A imagem acima apresenta, de forma panorâmica, a página de abertura do site charges.com.br. Nela se vê na parte superior, ao centro, a charge do dia e, em torno, as chamadas para as demais seções do site, tendo o menu principal à esquerda.

A charge do dia, evidentemente, é o elemento de maior destaque na página de abertura do site, seu principal atrativo. Tendo como grande diferencial a exibição diária de uma charge inédita, a despeito do grande número de acessos a outras seções do site, pode-se considerar a busca pela charge como o principal

objetivo daqueles que o acessam.

À direita da charge do dia, encontra-se o *box* “hoje”, espaço em que o autor faz uma breve exposição a respeito do conteúdo veiculado pela animação diária. Abaixo do *box* mencionado, encontra-se um outro intitulado “arquivo de charges”, cuja função é divulgar a charge do dia anterior ou uma outra animação que tenha alcançado sucesso entre os internautas. Considerando a grande rotatividade dos demais elementos que circundam a animação principal, procuraremos pautar nossa descrição a partir da listagem apresentada no menu principal, à esquerda da charge do dia.

Abaixo do arquivo de charges vê-se a chamada para os *gifs* de futebol. Trata-se de animações produzidas pelos cartunistas que colaboram com o site e referem-se à rivalidade existente entre as equipes que disputam os vários campeonatos de futebol do país. Os *gifs* de futebol têm, portanto, uma dupla função, exaltar os times com bom desempenho e satirizar os clubes que atravessam fases não muito favoráveis.



Figura 15 – Layout da seção “Gifs de Futebol”

Logo abaixo dos *gifs* de futebol é apresentado um link para a entrevista especial feita por Toby com o humorista Geraldo Magela, o Ceguinho. O personagem Toby apareceu nas charges de Maurício Ricardo como alusão às acusações de pedofilia que pesavam sobre o cantor Michael Jackson, em uma animação que não está mais no ar. Na ocasião, a baixa estatura do personagem e o chapéu com orelhas de *Mickey Mouse* sugeriam se tratar de uma criança sendo seduzida para *Neverland*, a residência do cantor americano. Ao final da referida charge, o chapéu é retirado e, a calvície do personagem atesta se tratar de um adulto. Pouco depois, o “baixinho” ganhou seu programa semanal de entrevistas, o “Toby entrevista”, em que são entrevistadas representações de personalidades reais, como a atriz Regina Duarte (figura 8), fictícias, como o ET de Varginha, e animais, como o touro “Bandido”.



Figura 16 – Toby entrevista o “ET de Varginha” (QUIRINO, 2005a)



Figura 17 Toby entrevista o touro “Bandido”. (QUIRINO, 2005b)

A entrevista com Magela difere-se das outras entrevistas ancoradas por Toby por não se tratar de uma caricatura, mas de uma animação entrevistando uma pessoa real. Em função disso, apesar de ter ocorrido há algum tempo, a

entrevista dispõe de uma chamada especial na abertura do site.



Figura 18 – Magela entrevistado por Toby (QUIRINO, 2005c)

Na parte central da página principal, abaixo da charge do dia, destaca-se outra seção bastante visitada no site: os e-mails comentados. Nela o autor publica e comenta alguns dos 300 e-mails que recebe diariamente. Em se tratando de um site de humor, os comentários são sempre feitos em tom derrisório.

A exemplo do que se vê na figura, o primeiro comentário é sempre a respeito de uma imagem, geralmente “absurda”, enviada pelos internautas. Desde 2004, os visitantes podem comentar um e-mail já comentado pelo chargista. A partir do segundo semestre de 2005, passou-se a exigir um cadastro prévio para registrar os comentários, com vistas a identificar autores de mensagens que veiculem alguma forma de preconceito.

Busca:

- [Página Principal](#)
- [Piada do Dia](#)
- [Arquivo de Charges](#)
- [E-mails Comentados](#)
- [Editorial](#)
- [Bobagens](#)
- [Mini-Sites](#)
- [Cartões Virtuais](#)
- [Top Charges](#)
- [Top do Mês](#)
- [Bate-Papo](#)
- [Charges-Okê](#)
- [Gifs de Futebol](#)
- [Especial](#)
- [Games](#)
- [Cadastre-se](#)
- [Fale Conosco](#)
- Enquete**

Como o Zé Dirceu pode adiar ainda mais a cassação?

Deixando o orgulho de lado e procurando o Marcos Valério

Pegando umas dicas com o amigo Fidel, que tá no poder há 46 anos

É só negociar dizendo que entrega o mandato sem desgastes no dia do último capítulo da novela. Novela "Walhação", claro

Tendo a sorte de continuar contando com advogados ótimos e generosos, que trabalham a um preço viável para um político de classe média

[Resultados Anteriores](#)

E-MAILS COMENTADOS

Nesta seção o Charges.com.br comenta alguns dos e-mails que recebemos. Se o seu não for comentado, por favor, não nos odeie: recebemos centenas por dia e o Maurício, que escreve os comentários, nem sempre tem bom gosto!

Pau pra toda obra

Publicado dia 10/11/2005

Estas com problemas??? Pai Ambrósio Resolve!!!
(Marcelo Augusto Jorge- Sertãozinho - SP)



Comentário:
Graaaaande Pai Ambrósio! Liga pra ele, Lula! Liga correndo!

[▶ Comente este e-mail!](#)

Conselho familiar do dia

Publicado dia 10/11/2005

Me ajuda! É errado ficar com primo? Meu primo fica me rodeando, me cantando... Q q eu

Figura 19 – Layout da seção “E-mails comentados”

Abaixo do link para os e-mails comentados, chama-se a atenção para uma produção musical de Maurício Ricardo que agradou muito aos visitantes do site. Trata-se de uma paródia da música “Festa de Arromba”, na qual é tecida, no melhor estilo do chargista, uma crítica derrisória aos fatos que envolvem o suposto esquema do “mensalão”. O texto da música é o seguinte:

Festa de Arromba do Mensalão²⁹

(Maurício Ricardo)

Veja só que festa de arromba
 Fez a turma do mensalão
 Pra festejar os saques aos cofres da União
 E dividir a grana que roubaram do povão
 Na porta me barraram e só fui liberado
 Porque alguém achou que eu era deputado
 Hei! Hei! Que onda, que festa de arromba!

Logo que eu cheguei notei
 Marcos Valério com a mala na mão
 Simone e David da SMP&B
 Entregavam a grana pra galera do PT

Genóino ria de um assessor Careca
 Que pegava os dólares e punha na cueca!
 Hey! Hey! Que onda! Que festa de arromba!

Delúbio lá no caixa contava os convites
 O Lula discursava culpando as elites...
 O Valdemar de fogo dizia: "Onde eu errei?"
 A minha ex-mulher insinuou que eu sou gay!"

Mas veja quem chegou de repente:
 Silvio Pereira com seu novo carrão
 O Jefferson pedia pro Zé Dirceu assim:
 "Finja que é uma estante e caia sobre mim!"
 Renilda, animada, saltou sobre a piscina
 Montada num cavalo que ela comprou na Argentina...

(Solo)

Delúbio (repete)...
 Mas veja (repete)...

De madrugada, quando eu estava indo embora, ainda tava chegando gente!
 Borba, Janene, João Paulo... Até o Gushiken!
 Bispo Rodrigues, Mabel, Maurício Marinho...
 Um monte de empresário, puxa-saco,
 Assessor... pode?

Créditos:

Maurício Ricardo - Vocais
 Neto Castanheira - Instrumental e arranjos
 Gravado no Audio Studio - Uberlândia

(QUIRINO, 2005a)

²⁹ Em virtude do *corpus* delimitado para este trabalho restringir-se às charges produzidas pelo autor, a paródia em questão, servirá apenas como ilustração. Pretendemos em outro momento, fora do contexto desta pesquisa, proceder a sua análise. No site, pode-se também ouvir a paródia.

Abaixo do *link* para a “Festa de arromba do mensalão”, localiza-se a chamada para os cartões virtuais, são animações alusivas às mais diversas comemorações, desde as mais difundidas quanto aquelas das quais poucas pessoas se lembram que existem. Ao optar por uma das datas, o internauta tem a possibilidade de enviar os cartões para o *e-mail* de outras pessoas da rede. É possível, inclusive determinar a data em que se deseja que o cartão seja enviado. Atualmente, essas animações são produzidas pelo cartunista Fernando Duarte, colaborador do site.

CARTÕES VIRTUAIS

[◀ VOLTAR](#)



11 de novembro
Dia do Diretor de Escola

ESCOLA

11 de novembro - Dia do Diretor de Escola
Ocasião
...Tem que ter muito amor..

Envie este cartão para um amigo

Nome: <input type="text"/>	E-mail: <input type="text"/>
Seu nome: <input type="text"/>	Seu E-mail: <input type="text"/>
Comentários: <input style="width: 100%;" type="text"/>	
Enviar o meu cartão em: <input type="text" value="15"/> / <input type="text" value="11"/> / <input type="text" value="2005"/>	
ENVIAR	

Figura 20 – Layout da seção “Cartões Virtuais”

Apresentada a charge do dia e os destaques que estão dispostos em seu entorno, passaremos a mencionar os elementos que constituem o menu principal, localizado à esquerda da página. Como alguns dos elementos contemplados pelo menu principal integram igualmente os destaques que circundam a charge do dia, procuraremos nos ater àqueles que ainda não foram mencionados.

O primeiro elemento do menu principal consiste em um mecanismo de busca a partir do qual, mediante a digitação de uma palavra chave, torna-se possível listar as charges produzidas durante os últimos dois anos e que se referem a um determinado assunto ou personagem.

Abaixo do mecanismo de busca está o *link* “Página Principal”, que permite que, a partir de qualquer página do site, o leitor-navegador possa retornar à página inicial. A esse sucede o *link* para a “Piada do dia”. Tal seção, como se pode prever, veicula uma piada atualizada diariamente, em geral enviada por internautas. No cabeçalho da página, há sempre um comentário do autor do site, incentivando o envio de piadas por aqueles que visitam a seção. Há também um *link* para o “Arquivo de Piadas”, onde podem ser lidas as piadas publicadas em datas anteriores.

Após a “Piada do Dia” encontra-se o “Arquivo de Charges” e os “E-mails comentados”. O “Arquivo de Charges” reúne, em ordem cronológica descendente, as charges publicadas ao longo dos últimos dois anos, permitindo que o internauta possa vê-las a partir do site ou grava-las em seu computador.

Busca:

ARQUIVO DE PIADAS

Laura Macedo, de Frutal (MG) mandou essa. Cadê a sua?

DEPUTADOS

Numa conferência de deputados nos EUA, um deputado brasileiro vai visitar a casa de um deputado americano. Chegando lá ele fica impressionado com a casa e pergunta:

- Seu salário te permite ter uma casa dessas?

O deputado americano vai até a janela e fala:

- Tá vendo aquela ponte bem ali?

- Sim! - responde o deputado brasileiro.

O americano dá uns tapinhas no bolso, com a maior cara de safado e completa:

- 50%!

Meses depois, em uma conferência de deputados aqui no Brasil, o mesmo deputado americano vai até a casa do tal deputado brasileiro. Fica muito impressionado com o tamanho da mansão e pergunta:

- Seu salário te permite ter uma casa dessa?

O brasileiro vai até a janela e fala:

- Tá vendo aquela ponte?

O americano olha, olha e responde:

- Não!

O brasileiro então faz a cara mais sacana do mundo, dá uns tapinhas no bolso e completa:

- 100%!

Envie para um amigo

Nome do seu amigo(a): E-mail do seu amigo(a):

Nome do seu amigo(a): E-mail do seu amigo(a):

(Figura 21 – Layout da seção Piada do Dia)

O Editorial, a exemplo de seu correlato do jornal impresso, é um texto opinativo do autor do site a respeito de algum temas de domínio público ou assuntos pertinentes ao desenvolvimento do site. O chargista costuma assinar o texto com definições cômicas a respeito de si próprio. Quando do surgimento do site, os editorias eram mais freqüentes, tal ritmo foi reduzido a partir da criação da seção “e-mails comentados”, na qual o chargista discute a maioria dos assuntos com os internautas.

Busca:

- [Página Principal](#)
- [Piada do Dia](#)
- [Arquivo de Charges](#)
- [E-mails Comentados](#)
- Editorial**
- [Bobagens](#)
- [Mini-Sites](#)
- [Cartões Virtuais](#)
- [Top Charges](#)
- [Top do Mês](#)
- [Bate-Papo](#)
- [Charges-Okê](#)
- [Gifs de Futebol](#)
- [Especial](#)
- [Games](#)
- [Cadastre-se](#)
- [Fale Conosco](#)
- Enquete**

Como o Zé Dirceu pode adiar ainda mais a cassação?

Deixando o orgulho de lado e procurando o Marcos Valério

Pegando umas dicas com o amigo Fidel, que tá no poder há 46 anos

É só negociar dizendo que entrega o mandato sem desgastes no dia do último capítulo da novela. Novela "Malhação", claro

Tendo a sorte de continuar contando com advogados ótimos e generosos, que trabalham a um preço viável para um político de classe média

EDITORIAL

Já dá pra falar no assunto

Fiquei um ano sem escrever editoriais porque não sabia como abordar um assunto que não tem nada a ver com um site de humor: a perda de um ente querido.

Meu pai, o jornalista, cronista e escritor Luiz Fernando Quirino, deixou a gente sozinho nessa zona de mundo no dia 02 de janeiro deste ano, depois de enfrentar um período de muita luta contra sua grave doença cardíaca.

Seria um problema meramente pessoal, não fosse por um fato que diz respeito ao Charges.com.br: Luiz Fernando era o autor escondido por trás dos pseudônimos que assinaram cinco dos "Folhetins" (lembra?) publicados neste nosso cantinho cibernético: "Mortes fatais", "Odeio-te porque te amo", "Os devassos de Roma", "Algumas das mil e uma noites" e "O amor cego do morcego".

Manter-se anônimo era uma escolha dele, pra poder soltar a franga a vontade e se divertir mais com as historinhas.

Precisei dar um tempo pra minha cabeça antes de tocar no assunto.

Não queria que a notícia influenciasse a forma dos internautas avaliarem o meu trabalho no período, e também não me sentia pronto pra ficar lendo e-mails sobre o assunto.

Vocês podem imaginar que os primeiros meses do ano foram especialmente duros pra mim: mergulhei no trabalho, tendo que ser engraçado todo dia e vivendo na carne a máxima teatral "O show não pode parar". Acabou sendo mais uma importante lição de vida. E não é pra isso que a gente está aqui?

O legado do grande Luiz Fernando continua. Através do muito que deixou nos filhos e netos e, é claro, na sua obra. Pra ler as suas ótimas novelinhas, [clique aqui](#).

Nossa pequena equipe está de férias entre 23/07 e 02/08/05. São só dez dias e mesmo assim compensaremos as charges repetidas com algumas novidades: pra começar tem o "Jogo da Cueca", que o nosso colaborador Tiago Leite fez a pedido de muitos internautas. O "conceito" já havia sido apresentado numa charge, como piada, mas muita gente quis que a idéia virasse jogo de verdade.

Teremos também algumas mudanças no look do site e em sua navegabilidade, trabalho a cargo do nossos parceiros da Webroom. Mas a grande novidade é o lançamento do nosso jornalista virtual Toby como entrevistador de gente de verdade!

O programa - que esperamos ser o primeiro de uma série - mostra o humorista Geraldo Magela sentado no sofá do baixinho, em cinco minutos de ótima conversa.

Você nunca viu nada parecido no Brasil!

Bom, gente. É isso aí. Fui.

Me encontrem na praia, em Porto de Galinhas. Embora seja bem provável que os primeiros dois ou três dias eu passe dormindo no quarto do hotel...



O presidente das Organizações Charges.com.br, jornalista Mauricio Ricardo

Figura 22 – Layout da seção “Editorial”

Na seção bobagens, o autor reúne algumas das imagens “absurdas” publicadas na rede e enviadas pelos visitantes do site. A maioria delas já apareceu na abertura dos e-mails comentados e encontram-se reunidas nesta seção, em uma grande galeria na qual o internauta pode escolher qual irá ver.

Busca:

[Página Principal](#)
[Piada do Dia](#)
[Arquivo de Charges](#)
[E-mails Comentados](#)
[Editorial](#)
[Bobagens](#)
[Mini-Sites](#)
[Cartões Virtuais](#)
[Top Charges](#)
[Top do Mês](#)
[Bate-Papo](#)
[Charges-Okê](#)
[Gifs de Futebol](#)
[Especial](#)
[Games](#)
[Cadastre-se](#)
[Fale Conosco](#)
Enquete

Como o Zé Dirceu pode adiar ainda mais a cassação?

Deixando o orgulho de lado e procurando o Marcos Valério
 Pegando umas dicas com o amigo Fidel, que tá no poder há 46 anos
 É só negociar dizendo que entrega o mandato sem desgastes no dia do último capítulo da novela. Novela "Malhação", claro
 Tendo a sorte de continuar contando com advogados ótimos e generosos, que trabalham a um preço viável para um político de classe média

BOBAGENS










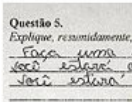







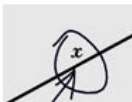










 Homem Jabuticaba	 Esse é o Homi!!!	 Tratamento Traumatológico do SUS	 Calor de Fritar
 Vítima da Gripe do Frango	 Google Pub Oínda	 Tem Aquilo... Até na Barriga	 Como Apanhar um Rato Gigante
 O Último Insulto	 Resposta nota 10	 Entre Caras e Bocas	 AirBag Duplo 24 horas
 Dando Uns Amaços na Cachorra	 Referendo Sobre o Interesse Feminino	 Não é só um Rostinho Bonito	 Esse Sabe Pilotar Brasília
 Os Olhos da Cara!!!	 X Encontrado	 O Último Alívio	 Cinco Homens em Um
 O Sr. Incrível Existe	 Um Amor de Sogra	 Sonho de Todo PM	 Falta Algo nesse Sorriso
 MotoPanda	 Dividida pelo Poste	 Do Fundo do Poço	 PsicoPato

Figura 23 – Layout da seção “Bobagens”

Abaixo dessa seção está o link para os “mini-sites”. onde estão reunidas charges alusivas à Copa do Mundo de Futebol de 2002 e ao *reality show* “Big Brother Brasil 5”, produzidas com exclusividade para a Rede Globo de Televisão. Decorrido algum tempo da exibição dessas charges pela referida emissora, as mesmas foram disponibilizadas para acesso pelos usuários cadastrados do site.



WWW CHARGES .COM.BR Mini-Sites

Nossos Mini-Sites

Usuário ou Senha incorretos

Entre com seu login e senha para acessar os *Mini-Sites*!

Não sou cadastrado! Quero me cadastrar!
Reenviar E-mail de Confirmação
Esqueci meu usuário ou minha senha!

NOME DE USUÁRIO:

SENHA:

ACESSAR

O Charges.com.br apresenta para todo o público os *Mini-Sites*, contendo charges escolhidas especialmente para você se divertir.

Para acessar os *Mini-Sites* é necessário cadastrar-se no site. O cadastro é gratuito e nele você criará um login e uma senha para ver as charges especiais do BBB5 e relembrar os episódios que marcaram a conquista do penta na Copa do Mundo de 2002.

Caso você já tenha se cadastrado neste novo modo (com login e senha), você já pode acessar as partes restritas do site. O Charges.com.br quer deixar claro que **não envia e-mails anexados e nem mensagens com link para download**, apenas links para ter acesso à página.

É importante lembrar que o cadastro para acessar o conteúdo dos *Mini-Sites* é **TOTALMENTE GRATUITO**, e que as informações solicitadas são apenas para o Charges.com.br conhecer você e, desta forma, oferecer um conteúdo que atenda as suas expectativas.

Não perca tempo, **faça já o seu cadastro** e tenha acesso às charges selecionadas especialmente para você!



Charges Copa 2002



Charges BBB5

www.charges.com.br

2001 - 2005 © Mauricio Ricardo Quirino. Direitos reservados. Proibida a reprodução.



Figura 24 – Layout da página de abertura dos “Mini-sites”.

Depois do link para seção “Cartões Virtuais”, a que já fizemos referência, situam-se os *links* para o Top Charges e o Top do mês, que apresentam as charges preferidas pelos internautas a partir de um sistema de notas atribuídas a cada charge. O primeiro é um *ranking* geral referente aos últimos 365 dias e o segundo leva em conta os 30 últimos dias de votação. Estes *rankings* são obtidos a partir de notas atribuídas pelos internautas através das estrelas que se encontram abaixo da charge do dia.

TOP CHARGES

Confira as 10 Charges mais votadas

		Fórmula 1 - La historia del piloto 25/10/2004 - Charge-Okê Para Assistir:  VERSÃO COM SOM
		Flamengo canta - Vamos fugir 17/11/2004 - Charge-Okê Para Assistir:  VERSÃO COM SOM
		Quatro eliminados cantam - Musa do verão 06/04/2004 - Charge-Okê Para Assistir:  VERSÃO COM SOM
		Clássicos republicados - Help 30/12/2003 - Charge-Okê Para Assistir:  VERSÃO COM SOM
		Robinho canta - Hey oh 22/07/2005 - Charge-Okê Para Assistir:  VERSÃO COM SOM
		CD - Grandes Sucessos dos Internautas 24/01/2005 - Para Assistir:  VERSÃO COM SOM
		Clássicos republicados - Bagulho na bumba 03/12/2003 - Charge-Okê Para Assistir:  VERSÃO COM SOM

Figura 25 – Layout da seção “Top Charges”

TOP CHARGES

Confira as Top 10 Charges dos últimos 30 dias.
Entre os dias 16/10/2005 e 15/11/2005

		Brasileiro canta - Dois Rios 15/11/2005 - Charge-Okê Para Assistir:  VERSÃO COM SOM
		Classicos - Desempregado canta - Gita 02/11/2005 - Charge-Okê Para Assistir:  VERSÃO COM SOM
		Cotidiano - Utilidade Pública 22/10/2005 - Para Assistir:  VERSÃO COM SOM
		Cotidiano - Crazy Frog Barbudo 11/11/2005 - Para Assistir:  VERSÃO COM SOM
		Ameleca - Bebê da sol - Minha Alma 18/10/2005 - Charge-Okê Para Assistir:  VERSÃO COM SOM
		Cotidiano - E no Mato Grosso do Sul... 21/10/2005 - Para Assistir:  VERSÃO COM SOM
		Esporte - Gripe aviária 31/10/2005 -

Figura 26 – Layout da seção “Top do Mês”

Na seção “bate papo”, o visitante tem a oportunidade, segundo regras pré-estabelecidas, de participar de *chats* em uma sala especialmente criada para esse fim. O acesso às salas é livre até que se complete o máximo de trinta pessoas. Alcançado esse limite, somente os assinantes do UOL podem entrar nas referidas salas.

The screenshot shows the website's header with navigation links: UOL, ASSINE, BATE-PAPO, BUSCA, CENTRAL DO ASSINANTE, E-MAIL, SHOPPING UOL, and ÍNDICE PRINCIPAL. Below the header is a banner for 'Playstation 2 Slim' with a 'BuscaPé' logo. The main content area is titled 'BATE-PAPO' and contains a search bar, a list of navigation links on the left, and a list of four numbered rules for the chat section. The rules are:

1. Essa seção é aberta a todos os internautas. Aqui você tem a oportunidade de conhecer gente legal e bem-humorada como você, que frequenta o Charges.com.br.
2. Infelizmente, como em todo chat, de vez em quando aparecem uns babacas querendo avacalhar. A melhor forma de se livrar deles é ignorando.
3. Se alguém entrar afirmando que é a da equipe do Charges.com.br, não acredite. Sempre que o Maurício Ricardo ou o pessoal da área técnica participa do chat, um aviso é colocado na home-page do site.
4. Os frequentadores do chat são anônimos e não sofrem qualquer tipo de censura, por isso, não nos responsabilizamos pelo conteúdo das conversas.

Below the rules, there is a prompt: **Se você concorda com as regras, divirta-se!** and a button labeled **Quero Entrar!**

Figura 27 – Layout da página de abertura do “bate-papo”.

Já a seção “Charges-okê” reúne as charges que envolvem a paródia de canções conhecidas. Estas animações integram igualmente a seção Arquivo de charges, que reúne as charges publicadas nos últimos dois anos.

The screenshot shows the 'CHARGES-OKÊ' section of the website. It features a search bar, a list of navigation links on the left, and a list of six items, each with a cartoon illustration, a title, a date, and a source. The items are:

- Brasileiro canta - Dois Rios** (15/11/2005 - Charge-Okê) with buttons for 'Para Assistir' and 'Para Baixar'.
- Lelé e Lucimano cantam pro Lula - É o Amor** (12/11/2005 - Charge-Okê) with buttons for 'Para Assistir', 'Para Baixar', and 'VERSÃO COM LEGENDA'.
- Heloisa, ACM Neto e A. Virgílio - Eye of the Tiger** (10/11/2005 - Charge-Okê) with buttons for 'Para Assistir' and 'Para Baixar'.
- Classicos - Desempregado canta - Gita** (02/11/2005 - Charge-Okê) with buttons for 'Para Assistir' and 'Para Baixar'.
- Brasileiro e políticos - Geni e o Zepelin** (01/11/2005 - Charge-Okê) with buttons for 'Para Assistir' and 'Para Baixar'.
- Delúbio dubla - My Way** (27/10/2005 - Charge-Okê) with buttons for 'Para Assistir' and 'Para Baixar'.
- Banda Colapso - A Lua me traiu** (20/10/2005 - Charge-Okê) with a button for 'Para Assistir'.

Below the list, there is an 'Enquete' section with the question: **Como o Zé Dirceu pode adiar ainda mais a cassação?** and three radio button options.

Figura 28 – Layout da seção “Charges-okê”

É importante destacar que, enquanto as demais charges já iniciam com um desenho, a charge-okê dispõe inicialmente de um quadro de abertura que antecede a animação, conforme pode-se notar pelas figuras abaixo:



Figura 29 – Abertura de uma charge eletrônica comum (QUIRINO, 2006)

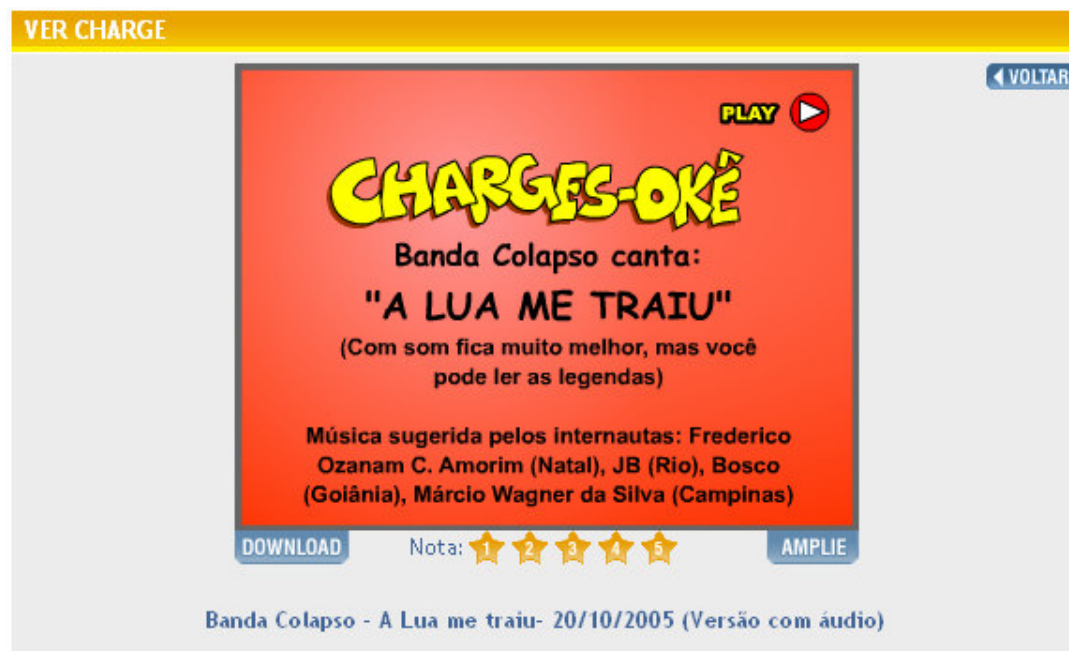


Figura 30 – Abertura de uma charge-okê (QUIRINO, 2005m)

No que concerne à abertura das charges-okê, destacamos a presença, em todas as aberturas, do enunciado “com som fica muito melhor, mas você pode ler as legendas”. Esse enunciado além do aspecto técnico, indicar uma possibilidade de leitura da charge-okê inclusive por aqueles cujo computador não disponha de saída de áudio, assinala também um efeito de diálogo simétrico entre o autor das charges e o leitor-navegador. Isto é, conforme já mencionamos anteriormente, o chargista procura colocar-se em uma relação simétrica com o seu leitor, compartilhando com ele a posição de observador, testemunha dos fatos ocorridos no cotidiano de nossa sociedade.

Abaixo das animações cantadas encontram-se os “*gifs* de futebol” e o “especial”, sobre os quais já discorreremos. Na seqüência, estão os *games*, que são jogos de computador produzidos também em Flash, geralmente permeados de comicidade. Alguns deles são atualizações de antigos jogos de vídeo-game como o “Pac-grana”, releitura do *Pac-man*. Um dos mais derrisórios consiste em arremessar dólares na cueca do assessor parlamentar.

Temas ligados à mídia televisiva também são retomados pelos *games*. É o caso do jogo “Senhora do Intestino”, alusivo à novela “Senhora do Destino” da Rede Globo, em que o jogador pode assumir o papel de “Do Karma” (Maria do Carmo, personagem de Suzana Vieira) e esbofetear a “Cabaré” (Nazaré, personagem de Renata Sorah)

GAMES

Divirta-se com os jogos mais infames da rede!



Ajude o Espinha a Melhorar suas Notas...

Mas Cuidado...Ao Lado esta o Desonesto e Vigarista Vendilson Pereira



Severino o Pizzaiolo em...

Tudo Acaba em Pizza, a não ser que!!!!



Pac-Grana

Só Assim para o Sr.Corrúpio pagar a Conta do PT



A Luta do Seculo

Acerte as Contas com o Carequinha do Mensalão



Enchendo a Cueca

Descubra se você esta apto para ser assessor de deputado!



Senhora do Intestino

Aqui a novela não acaba! Dê uma de Do Karma e encha a Cabaré de porrada!



Espinha e Fimose na Amazônia

Ajude Espinha e Fimose a montar seu avião e fugir dos perigos da floresta!

Figura 31 – Layout da seção “games”

Na seção “fale conosco”, o internauta tem a possibilidade de enviar seus comentários para o autor do site. Algumas dessas mensagens serão alvo da seção “e-mails comentados”.

Publicidade

WWW. CHARGES.COM.BR

ACELERE SUA

Busca:

FALE CONOSCO

Envie seu e-mail para o Charges.com.br!

Utilize o espaço abaixo para entrar em contato conosco e esclarecer dúvidas, enviar sugestões, críticas e/ou fazer comentários gerais.

Nome:

E-mail:

Cidade:

Estado:

Idade:

Assunto:

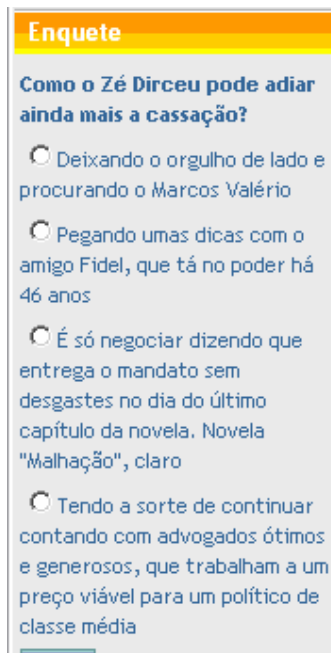
Comentário:

Comentário
Pedido
Piada
Sugestão
Erros / Cadastro

[Página Principal](#)
[Piada do Dia](#)
[Arquivo de Charges](#)
[E-mails Comentados](#)
[Editorial](#)
[Bobagens](#)
[Mini-Sites](#)
[Cartões Virtuais](#)
[Top Charges](#)
[Top do Mês](#)
[Bate-Papo](#)
[Charges-Okê](#)
[Gifs de Futebol](#)
[Especial](#)
[Games](#)
[Cadastre-se](#)
[Fale Conosco](#)
[Enquete](#)

Figura 32 – Layout da seção “Fale Conosco”

Abaixo do menu principal, é veiculada uma enquete a respeito de um tema atual e polêmico, sobre o qual o internauta tem a possibilidade de manifestar a sua opinião. A peculiaridade dessa enquete é que as opções oferecidas pelo autor, apesar da seriedade do assunto, são geralmente cômicas ou derrisórias. Isto pode ser percebido na enquete representada na ilustração a seguir, veiculada em novembro de 2005 e que se refere às tentativas do Deputado José Dirceu em adiar o julgamento do seu processo de cassação na Câmara dos Deputados.



Enquete

Como o Zé Dirceu pode adiar ainda mais a cassação?

- Deixando o orgulho de lado e procurando o Marcos Valério
- Pegando umas dicas com o amigo Fidel, que tá no poder há 46 anos
- É só negociar dizendo que entrega o mandato sem desgastes no dia do último capítulo da novela. Novela "Malhação", claro
- Tendo a sorte de continuar contando com advogados ótimos e generosos, que trabalham a um preço viável para um político de classe média

Figura 33 - Enquete

Conforme procuramos demonstrar por meio de descrições e imagens, o site “charges.com.br” configura-se como uma rede de opções de lazer e entretenimento, que tem como ponto comum o uso dos recursos tecnológicos e a sátira contumaz à sociedade, à política, à mídia e aos costumes.

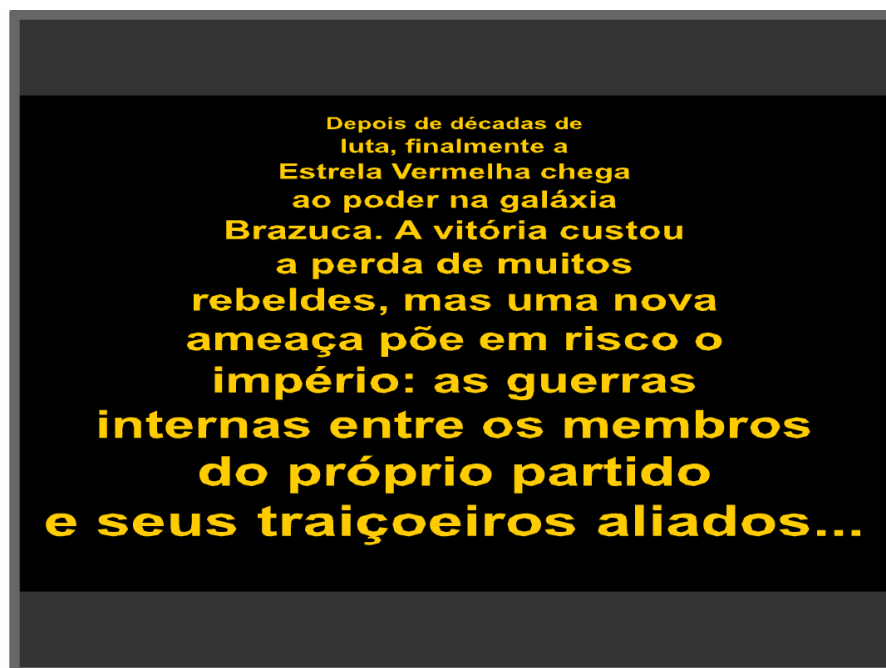
Não se pode negar, contudo, que enquanto produto midiático, esse ambiente virtual encontra-se sujeito às coerções da sociedade do consumo, que se manifestam, principalmente na grande quantidade de opções que o site oferece ao internauta. Isso parece corresponder a uma necessidade imposta pelo capitalismo midiático que é prender, pelo máximo de tempo, a atenção do espectador-navegador.

Assim, o site precisa parecer o mais completo possível para, em função dos recursos disponíveis, atrair o maior número de visitantes, agradando ao provedor e aos seus anunciantes. Vê-se, portanto, que até aqueles que se propõem a tecer

críticas derrisórias à sociedade capitalista não deixam de ser interpelados pela forma-sujeito do capitalismo³⁰.

³⁰ Harroche (1992) descreve a transição história da forma-sujeito religioso para a forma-sujeito de direito marcadamente capitalista.

4 UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA



(QUIRINO, 2005c)

O texto acima, veiculado em uma das charges de Mauricio Ricardo, em 23-06-2005, sintetiza, de uma forma bem-humorada, o momento histórico por que passa a sociedade brasileira neste tempo de incertezas a respeito dos rumos de um governo que concentrou, como poucos, as expectativas e esperanças de toda uma nação. É a respeito desse processo que procuraremos refletir.

Não temos a pretensão de produzir um detalhado relato histórico e procuramos, ilusoriamente, não interpretar os fatos relatados, visto não ser este um trabalho embasado nas teorias da ciência política e em função de termos elegido como corpus as charges eletrônicas de Maurício Ricardo e não os fatos políticos propriamente ditos. Nossa meta é levantar os subsídios mínimos necessários à melhor compreensão dos fatos cujas charges nos propomos a analisar, pois, conforme já afirmamos, os efeitos de sentido das charges decorrem, principalmente

das relações interdiscursivas, as quais estão intrinsecamente ligadas à história e à memória.

O personagem em torno do qual se desenvolvem os fatos e temas aludidos nas charges que serão analisadas no próximo capítulo é o Presidente Luís Inácio Lula da Silva.

4.1 ANTECEDENTES

4.1.1 Nordestino, migrante, operário

Luís Inácio da Silva³¹, empossado presidente da República Federativa do Brasil em 01 de janeiro de 2003, nasceu aos 27 de outubro de 1945, em uma casa de meia água, no Planalto da Borborema, interior de Pernambuco, a uma légua de Caetés e a três léguas de Garanhuns. Foi o sétimo filho de Eurídice Ferreira de Melo (Dona Lindu) e Aristides Inácio da Silva.

Markun (2004) relata que o pai do recém-nascido não assistiu ao nascimento do filho. Partira um mês antes para Recife e de lá para São Paulo, em um pau de arara em busca de emprego e de uma vida melhor. Para comprar a passagem, vendera dois cavalos velhos. No caminho tomou consigo Dona Mocinha (Valdomira Ferreira de Góis), prima de Dona Lindu e a levou para São Paulo, fazendo dela sua mulher.

Aristides retornou à casa de Dona Lindu cinco anos mais tarde, fazendo uso do dinheiro que ganhara em uma aposta no jogo do bicho. Em uma pensão de Garanhuns, deixara Dona Mocinha e, na casa do padrinho João Grande, dois

³¹ O apelido “Lula” foi acrescentado ao nome em 1982, para adequar-se à legislação eleitoral que proibia que os candidatos utilizassem apelidos. (WIKKIPEDIA, 2005)

garotos, frutos de seu relacionamento com a prima de sua esposa.

O pai dos Silva permaneceu em casa o tempo suficiente para deixar a esposa grávida. Contudo, as coisas pareciam melhorar, segundo informações coletadas por Markun (2004). Aristides conseguiu um emprego no Porto de Santos e passaria a enviar dinheiro à família. Na volta para São Paulo, levou consigo Jaime, então com 13 anos, seu segundo filho com Lindu.

Foi através de uma peripécia do garoto que a primeira esposa e os demais filhos de Aristides foram parar em Santos. Não sabendo escrever, o pai pediu a Jaime que redigisse uma carta mandando notícias à família de Pernambuco. Aproveitando-se do analfabetismo do pai, Jaime escreveu à mãe e aos irmãos dizendo que deveriam vir para a cidade portuária.

Em função do suposto chamado do marido, Eurídice vendeu o sítio em que residiam e, depois de dois dias de espera ao relento, embarcaram no pau de arara rumo a São Paulo, onde chegaram em 10 de dezembro de 1952. Alguns detalhes da viagem foram levantados por Markun (2004, p. 28):

Uma lona cobria a frente e os lados da carroceria, ocultando dois andares de pranchas de madeira sem encosto sobre as quais se acomodaram 60 pessoas com malas, pacotes e trouxas.

Dona Lindu havia preparado carne seca e frango com farinha e levava também queijo, bolacha e rapadura. Da Bahia em diante, passaram a comprar banana. Mas a bagagem deles era tão escassa que Lula usou durante a viagem, a única camiseta.

A viagem de treze dias teve seu termo na estação do Brás em São Paulo, de onde três adultos e sete crianças partiram, em um único táxi para Santos, onde surpreenderam Aristides com sua chegada inesperada. Como já vivia maritalmente com Mocinha, foi obrigado a providenciar um outro espaço para alojar a família recém-chegada de Pernambuco: a casa de um compadre em Vicente de Carvalho, um vilarejo ao lado leste do canal que separa Santos e a ilha do Guarujá.

Em Santos, aos sete anos, Lula trabalhou como vendedor ambulante de amendoim, tapioca e laranja. Em 1953, após vivenciar vários atos de violência contra os filhos a até contra ela própria, Dona Lindu separou-se do marido e mudou-se para São Paulo. Lula e Frei Chico³², permaneceram na residência do pai e Dona Mocinha até 1956. Oyama (2002), assim transcreve o relato do atual Presidente da República, a respeito da imagem que tem do pai, aludindo a uma ocasião em que Aristides comprou sorvetes para todos os filhos, menos para Luís Inácio:

Para mim, é uma coisa incrível um pai negar um doce a uma criança. Mas o meu era um homem muito ignorante. Batia nos filhos, comprava pão doce só para ele e escondia da gente. Era um homem muito duro, talvez porque a vida tenha sido muito dura para ele.

Vivendo em companhia da mãe, já na capital paulista, Lula trabalhou como engraxate e, posteriormente, em uma tinturaria e como auxiliar de escritório. Após esse período, decidiu tornar-se metalúrgico, razão pela qual foi levado por Dona Lindu até a escola profissionalizante do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) do Ipiranga. Em seguida, empregou-se na fábrica de parafusos Marte. Markun (2004, p. 39), apresenta uma avaliação do atual Presidente da República a respeito da profissão e desse que considera como o melhor período de sua vida:

*[...] eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma profissão, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ganhar mais do que um salário mínimo, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma casa, eu fui o primeiro a ter um carro, eu fui o primeiro a ter uma geladeira. Tudo por conta dessa profissão, de torneiro mecânico, tudo por causa do Senai.*³³

No início dos anos 60, o operário Lula vivenciou sua primeira greve e, em

³² José Ferreira de Melo, irmão de Lula, cujo apelido deve-se à calvície na parte posterior da cabeça, semelhante à tonsura dos frades franciscanos. (MARKUN, 2004)

³³ Itálico conforme transcrição do autor.

1961, assistiu ao desfecho trágico de uma outra paralisação, em que os operários foram recebidos “à bala” ao invadir a sede administrativa da fábrica.

4.1.2 Sindicalista

Em seus primeiros anos como metalúrgico, Lula assistiu ao engajamento sindical de Frei Chico, sem interessar-se muito pelo assunto. Mesmo os rumores do Golpe Militar não lhe trouxeram preocupação. Somente os assuntos ligados ao futebol, principalmente no que se referia ao “Sport Club Corinthians Paulista”, mexiam com seu entusiasmo. Contudo, um outro episódio marcaria a vida do jovem metalúrgico:

(...) ele segurava um parafuso de estampo em plena madrugada, quando seu companheiro, provavelmente sonado, largou o braço da prensa e esmagou seu dedo mindinho. Lula teve de esperar o dono da fábrica chegar, para levá-lo ao hospital. E o plantonista não teve dúvidas: cortou fora o resto do dedo que, imaginaria mais tarde, poderia ter sido preservado com um atendimento mais cuidadoso. (MARKUN, 2004, p.54)

Recebida sua indenização, Lula continuou sua vida de metalúrgico ainda distante da vida sindical e política. Em maio de 1968, quando os estudantes de Paris e os operários de São Paulo faziam protestos, ele aproveitava o feriado para jogar futebol.

Seu ingresso na vida sindical deu-se apenas em setembro do mesmo ano, quando assinou a ficha número 25.968 no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, para cuja diretoria veio a ser eleito como suplente em abril de 1969. Em 1972, tornou-se membro efetivo da diretoria do mesmo sindicato, dirigido por Paulo Vidal, por quem foi indicado para a presidência da referida entidade sindical, em 1975.

Nesse mesmo ano, Lula romperia com aquele sindicalista, procurando engajar o Sindicato e seus membros em movimentos reivindicatórios mais radicais. (TEIXEIRA, 2002).

Em 1978, após dez anos de profundo endurecimento do autoritarismo militar, reeleito para a presidência do Sindicato, Lula liderou a primeira greve da indústria automobilística e do regime militar, fato que lhe assegurou amplo destaque no cenário nacional. Na ocasião, o movimento reuniu 150.000 trabalhadores e conseguiu parar o ABC paulista (VEJA ON-LINE, 2002).

Em 1979, uma nova greve foi deflagrada. Essa época foi marcada pelas assembleias que Lula liderava no estádio de futebol Vila Euclides, em São Bernardo, sempre com mais de 80.000 operários, chamando a atenção do país para as lutas por liberdade democrática e para a situação de empobrecimento dos trabalhadores (TEIXEIRA, 2002).

No mesmo ano, por intervenção do Ministério do Trabalho, Lula foi afastado por 60 dias do sindicato, preso, julgado e condenado, em primeira instância, pela Lei de Segurança Nacional. Na época, o sindicalista dizia não estar interessado em política, mas já tinha a idéia de lançar o Partido dos Trabalhadores (VEJA ON-LINE, 2002).

O líder sindical voltou a ser preso em 1980 pelo DOPS, após a deflagração de mais uma greve, precedida por uma das famosas assembleias de Vila Euclides. Depois de conturbadas negociações e a volta de muitos operários aos seus postos de trabalho, o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) decretou a ilegalidade do movimento, abrindo caminho para intervenção no sindicato.

Após reprimir manifestações de sindicalistas ao longo de todo o dia, a polícia política deu voz de prisão a Lula, às 6h30min do dia 19 de abril de 1980. Na

mesma ação foram presos treze outros líderes sindicais, dos quais doze, juntamente com Lula, foram enquadrados por Romeu Tuma, diretor geral do DOPS, na Lei de Segurança Nacional. (MARKUN, 2004)

4.2 O PARTIDO E AS TENTATIVAS

4.2.1 A Fundação do Partido dos Trabalhadores

A primeira participação do sindicalista Lula na política partidária deu-se em 1978, ocasião em que o Sindicato apoiou a candidatura de Fernando Henrique Cardoso a Senador pelo Estado de São Paulo. O sociólogo, que veio a derrotar Lula em dois pleitos presidenciais (1994 e 1998), teve, naquela ocasião, o Presidente do Sindicato como seu principal cabo eleitoral no ABC Paulista, fato que não impediu a sua derrota para Franco Montoro. (MARKUN, 2004).

Nessa época, Lula ainda fazia questão de denominar-se “apolítico”. Entretanto, ações do governo Geisel que poderiam prejudicar a autonomia dos sindicatos e o direito à greve dos setores considerados essenciais foram obrigando-o a rever suas posições.

Após circular amplamente entre as lideranças sindicais do ABC Paulista, superadas as possibilidades de adesão dos líderes dos trabalhadores aos partidos existentes, a proposta de criação do Partido dos Trabalhadores foi apresentada em janeiro de 1979 no 9º Congresso dos Trabalhadores Metalúrgicos, Mecânicos e do Material Elétrico em Lins, interior de São Paulo a uma platéia não muito favorável.

Outras tentativas de fazer a idéia frutificar não tiveram sucesso, devido às diversas tendências ideológicas da liderança sindical naquele momento. A esse

respeito Oyama (2002) afirma que “no início da década de 80, o PT era uma bomba prestes a explodir. Saco de gatos indóceis, abrigava desde o mais incendiário militante do MR-8 até o mais moderado egresso do PCB”.

A essa característica somou-se o insucesso e a ação repressora sobre as greves de 1979 no ABC, o que não impediu, contudo, que a Carta de Princípios do futuro partido fosse divulgada, em 10 de maio do mesmo ano. Segundo Markun (2004, p. 178):

O documento denunciava a pobreza e afirmava que ela não seria resolvida sem o concurso “decisivo e organizado dos trabalhadores”. Desprezando partidos e governos criados e dirigidos por patrões e pelas elites políticas, concluiu que “os males profundos que se abatem sobre a sociedade brasileira não poderão ser superados senão por uma participação decisiva dos trabalhadores na vida da nação. O instrumento capaz de propiciar essa participação é o Partido dos Trabalhadores” .

Finalmente, em 31 de maio e 01 de junho o Partido dos Trabalhadores (PT) realizou um programa nacional, que aprovou seu programa e seu estatuto, tendo Lula como Presidente.

Conforme relato de seus primeiros integrantes, a bandeira vermelha com a estrela branca surgiu em um bar em São Bernardo do Campo:

A idéia de usar uma estrela foi de Júlio Garammond, inspirada na bandeira da juventude comunista da Albânia que vira num livro. No traço de Hélio Vargas, antigo ilustrador do jornal do sindicato, a estrela petista ganhou cinco pontas e linhas retas. Originalmente, era tricolor, mas ficou parecida demais com a marca dos sandinistas e Frei Betto sugeriu tirar o preto, deixando apenas o vermelho eo branco, simbolizado a luta e a paz. (MARKUN, 2004, p. 186)

Definido o traçado, Marisa Letícia (atual primeira dama), aproveitou um corte de tecido italiano vermelho, aplicou a estrela branca e fez nascer a primeira bandeira do partido político que, após várias tentativas, conduziria Luís Inácio Lula da Silva ao mais alto cargo do Poder Executivo da nação.

Criado o PT, Fernando Henrique Cardoso e outros políticos que acenavam com a possibilidade de aderir a um novo partido acabaram ingressando no PMDB, surgido do velho Movimento Democrático Brasileiro, o MDB. Estes mesmos políticos, inclusive FHC, foram os idealizadores do PSDB, nascido durante a Assembléia Nacional Constituinte de 1988.

4.2.2 As Primeiras Campanhas: 1982 e 1986

A primeira convenção oficial do PT aconteceu em Brasília em 26 de setembro de 1981. Markun (2004, p. 191) assim relata os objetivos do partido definidos no discurso de Lula, naquela ocasião:

- Os trabalhadores são os maiores explorados da sociedade atual. Por isso sentimos na própria carne, e queremos, com todas as forças, uma sociedade que, como diz o nosso programa, terá que ser uma sociedade sem explorados e exploradores. Que sociedade é esta senão uma sociedade socialista?³⁴

O primeiro desafio do novo partido foram as eleições de 1982. Pela primeira vez, desde 1966, os governadores seriam eleitos pelo voto direto. Mesmo relutando, Lula foi aclamado pelos convencionais como o candidato do Partido dos Trabalhadores ao governo do Estado de São Paulo, tendo como vice Hélio Bicudo, e Jorge Bittar como candidato ao Senado. A plataforma eleitoral desta primeira campanha tinha como lema: Trabalho, Terra e Liberdade. (MARKUN, 2004).

No debate promovido pela TV Bandeirantes, Lula foi o único a comparecer sem paletó e sem gravata. Em sua última fala, o petista afirmou: “Vote três, o resto é

³⁴ Itálico conforme transcrição do original

burguês”. (MARKUN, 2004, p. 195).

Contudo, o resultado das urnas apontou a vitória do resto e a derrota dos inexperientes políticos do PT. O Partido obteve 3,3% dos votos no plano nacional, elegeu oito deputados federais e dois prefeitos. (MARKUN, 2004)

O que não se poderia imaginar, naquele momento, é que vinte anos depois, Lula, desta vez de terno e gravata, compareceria a novos debates trajado e falando de forma muito próxima daqueles que, em 1982 ele chamava de burguês, muitos dos quais aliados em sua bem sucedida tentativa de chegar ao Palácio do Planalto.

O início do ano legislativo de 1983 foi marcado pelo ato em que o Deputado Dante de Oliveira, do PMDB do Mato Grosso, apresentou a emenda constitucional que restabelecia as eleições diretas em todos os níveis e propunha o dia 15 de novembro de 1984 como data para a escolha, pelo voto direto, do novo Presidente da República.

Embora a proposta de emenda não tenha alcançado repercussão imediata, em abril do mesmo ano era lançado o movimento das “Diretas Já”. O acordo em torno do apoio às Diretas foi selado por Lula, Brizola e Montoro, no Rio de Janeiro, em 29 de junho do mesmo ano.

Os comícios pelas diretas tiveram início em Curitiba e as manifestações ganharam as ruas do país, tendo como ponto culminante um comício no vale do Anhagabaú, em São Paulo, no dia 25 de janeiro, aniversário da capital paulista. O então Presidente da República, João Figueiredo, respondeu ao movimento com uma proposta de emenda constitucional restabelecendo as eleições diretas em 1988. Em 25 de abril de 1984, por falta de 22 votos favoráveis, a emenda Dante de Oliveira foi rejeitada e o Brasil não pôde eleger seu Presidente.

As eleições no Colégio Eleitoral, com boicote do PT, ocorreram em 15 de

janeiro de 1985 e tiveram como vitoriosos Tancredo Neves e José Sarney, respectivamente, Presidente e Vice-Presidente eleitos. Como se sabe, Tancredo não chegou a assumir a Presidência, o mandato foi integralmente cumprido por Sarney.

Em 1986, Lula foi eleito deputado federal para legislatura que elaboraria a nova Constituição do Brasil. Na visão de Markun (2004, p. 215) o Presidente do PT não foi um constituinte dos mais atuantes:

Eleito líder da bancada, não teve uma participação relevante nem na câmara nem na constituinte. Esteve presente em 95% das votações. Votou a favor da limitação do direito de propriedade privada, da legalização do aborto, da estabilidade no emprego, da jornada semanal de 40 horas, do voto aos 16 anos, da limitação dos juros em 12% ao ano, da anistia a micro e pequenos empresários, da legalização do jogo do bicho e da desapropriação das áreas produtivas. Quanto ao regime de governo, embora ele sempre tenha se declarado parlamentarista, acabou votando pelo presidencialismo, como todos os petistas, seguindo a decisão do partido.

Conforme iria relatar várias vezes, no futuro, Lula jamais conseguiu se adaptar à entediante rotina do Parlamento. Quanto às medidas que defendeu na Constituinte, algumas não chegaram a ser aprovadas, outras, embora constem do texto promulgado em 05 de outubro de 1988, não foram fielmente cumpridas pelos governantes. Algumas, porém, já se encontram incorporadas ao nosso cotidiano como o voto aos 16 anos.

4.2.3 Lula lá: 1989

Segundo relata Markun (2004), a primeira vez em que Lula verbalizou sua intenção de concorrer à Presidência foi em 1988, após uma intervenção cirúrgica para retirar um apêndice supurado. A idéia foi reforçada pelo resultado das eleições

municipais do mesmo ano, quando o PT, entre várias prefeituras, elegeu Luiza Erundina para a capital paulista.

Em 1989, um clima de grande expectativa tomava conta da nação, pois após o insucesso da campanha das “Diretas Já” (1984), finalmente iria escolher, pelo voto direto, o Presidente da República. A respeito do cenário nacional, Gomes (2002) destaca que:

[...] o país que acabava de ver promulgada a sua Constituição batizada de “cidadã” tinha uma população de 142 milhões de habitantes e megalópoles nunca imaginadas um século antes, quando a República fora proclamada. [...] O Brasil era a nona economia do mundo e a renda per capita era de US\$ 2.058,00. Mas esses números não camuflavam a situação penosa da economia nacional, já que o país acumulava uma dívida externa de US\$ 117 bilhões e suportava uma inflação de 80% ao mês. E era falimentar a situação de 5.200 municípios brasileiros.

A candidatura de Lula, com o slogan “Lula lá” , teve o apoio da coligação “Frente Brasil Popular”, formada por PT, PSB e PCB. Além de Fernando Collor de Mello, do PRN, principal adversário do petista, disputaram a eleição políticos bastante conhecidos como Aureliano Chaves (PFL), Guilherme Affif Domingos (PL), Leonel Brizola (PDT), Mário Covas (PSDB) e Ulysses Guimarães (PMDB), além de do médico Enéas Carneiro (PRONA) e uma fracassada tentativa de candidatura do apresentador Sílvio Santos.

A primeira campanha democrática após a ditadura militar foi amplamente coberta pela mídia. Além das ofensas e acusações trocadas entre os candidatos no horário eleitoral gratuito, os partidos e coligações disseminaram na lembrança popular *jingles* até hoje lembrados, tais como: “Lula, lá, brilha uma estrela, [...] sem medo de ser, sem medo de ser feliz” (Lula); “Bote fé no velhinho, que o velhinho é demais...” (Ulysses Guimarães); “La, la, la, Brizola, La, la, la, Brizola” (Leonel Brizola) e “Juntos chegaremos lá, fé no Brasil...” (Guilherme Affif Domingos), sem

falar de um outro, já bastante conhecido, na ocasião: “Silvio Santos vem aí...”.

O principal adversário de Lula, conforme já mencionamos, foi Fernando Collor. De família tradicional, bastante ligada à aristocracia política e detentora de um enorme poderio econômico em seu Estado de origem, Collor tornara-se conhecido no cenário nacional, alguns anos antes, durante seu mandato como Governador de Alagoas, com a designação de “Caçador de Marajás”. Gomes (2002), destaca que, com esse apelido, “Collor, em menos de um ano, passou de obscuro político regional a paladino nacional da moralidade pública”.

Com o crescimento de Fernando Collor nas pesquisas, ao final da campanha do primeiro turno, a dúvida centrava-se no candidato que disputaria o segundo turno das eleições com o ex-governador de Alagoas. Essa situação acirrou os ânimos entre Lula e Brizola, os dois candidatos que seguiam o candidato do PRN nas pesquisas: “na luta pela vaga no segundo turno, Lula fazia várias incursões em redutos brizolistas e o chamaria de caudilho, enquanto o pedetista chegaria a afirmar que o seu adversário tomava “umas canas” antes de atacá-lo” (MARKUN, 2004, p. 228).

Apurados os votos em 15 de novembro de 1989, Collor obteve 30,5% dos votos, Lula 17,2% e Brizola 16,5%. Estava dada a largada para o segundo turno. Ao defender junto aos convencionais do seu partido a idéia de apoiar Lula, Brizola utilizou-se de uma expressão que criou raízes no cenário político nacional. A fala do candidato derrotado do PDT é assim transcrita por Markun, 2004, p. 229): “*um político de antigamente, o senador Pinheiro Machado, dizia que a política é a arte de engolir sapos. Não seria fascinante fazer esta elite engolir o Lula, esse sapo barbudo?*”³⁵

³⁵ Itálico conforme transcrição do texto original.

A acirrada disputa no segundo turno propiciou o aumento da troca de acusações entre os candidatos, dentro e fora do horário eleitoral gratuito. Contra Lula, Collor utilizou um depoimento de Miriam, ex-namorada de Lula, que acusava o candidato do PT de ser preconceituoso, alcoólatra, mulherengo, carreirista e de ter proposto que ela abortasse a gravidez da filha Lurian. Tal relato teria sido oferecido já no primeiro turno ao comitê do PRN, mas seu uso teria sido desaconselhado por Leopoldo Collor, irmão do candidato de Alagoas. Com a intensificação da campanha no segundo turno, a fita foi finalmente aproveitada. (Markun, 2004)

Outro fato utilizado contra Lula foi o anúncio de que no cativeiro do empresário Abílio Diniz, seqüestrado às vésperas das eleições, teria sido encontrado material de campanha do PT. Além disso, o PRN valeu-se dos mitos sobre o comunismo e/ou socialismo que povoavam a memória de muitas pessoas, insinuando a possibilidade do confisco de bens e cadernetas de poupança³⁶, expropriação de quartos em casas de família para oferecer abrigo a guerrilheiros e até mesmo a substituição do pavilhão verde e amarelo por uma bandeira vermelha.

Outro fato bastante polêmico foi a reprise das imagens do debate entre os presidentiáveis ocorrido nos estúdios da Rede Globo de Televisão. A edição do Jornal Nacional do dia seguinte ao debate “exibiu nova versão do material, em que Collor falava um minuto e doze segundos a mais que Lula e de modo mais enfático e preciso” (MARKUN, 2004, p. 235)

Esses fatos, somados à inexperiência política e de marketing do Partido dos Trabalhadores, conduziram Collor à vitória no segundo turno, com 42,75% dos votos, contra 37,86% de Lula.

O Presidente eleito tomou posse em 15 de março de 1990, sob ameaças de

³⁶ Surpreendentemente, o confisco das cadernetas de poupança foi a primeira medida tomada pela equipe econômica de Fernando Collor, em março de 1990.

greve geral e formação de um governo paralelo pelos partidos de esquerda. Apesar de esses partidos não terem conseguido alcançar suas metas, Collor também não terminou o mandato para o qual fora eleito.

Envolvido em escândalos de corrupção atribuídos ao seu tesoureiro de campanha Paulo César (PC) Farias, atingido por acusações graves formulados por seu irmão, Pedro Collor, e alvo de inúmeras manifestações de revolta popular, após instaurado o processo de *impeachment*, Collor renunciou em dezembro de 1992, em uma infrutífera tentativa de preservar seus direitos políticos.

4.2.4 Lula Brasil: 1994

A campanha de 1994 foi antecedida pelas “Caravanas da Cidadania”. Foram 350 viagens em que Lula e os políticos petistas visitaram mais de 350 cidades e percorreram mais de 80 mil quilômetros em 23 estados. O objetivo das caravanas era conhecer as várias realidades da nação brasileira e captar imagens em vídeo com vistas ao pleito presidencial seguinte. A primeira dessas caravanas saiu de Garanhuns-PE, em 19 de abril de 1993 e percorreu, de ônibus, o trajeto que Lula fez ao lado de sua família de retirantes rumo ao subúrbio de Vicente de Carvalho, em Santos – SP. (Markun, 2004).

Em junho de 1994, enquanto a seleção brasileira conquistava o tetracampeonato mundial de futebol, Lula detinha 42% das intenções de voto. Foi nesse contexto que o nome do Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, começou a ser mencionado, de forma mais ampla, para a sucessão de Itamar Franco, que cumpria o que restara do mandato de Fernando Collor. (GOMES, 2002)

Mentor do Plano Real, que foi gradativamente implantado a partir de março

de 1994, FHC deixou o Ministério da Fazenda em abril do mesmo ano, oficializando sua candidatura ao Palácio do Planalto. O plano econômico por ele idealizado fez com que a inflação caísse a 0,95% em setembro.

Somados aos problemas internos do Partido dos Trabalhadores, como a substituição de José Paulo Bisol (envolvido em denúncias de superfaturamento) por Aloísio Mercadante na função de vice de Lula, primeiros resultados do Real deixaram o PT em uma situação bastante constrangedora: admitir o sucesso da estratégia econômica do adversário ou contrariar a opinião pública totalmente favorável ao Plano Real. Sem resolver esse impasse, a candidatura de Lula, foi perdendo espaço a cada dia.

Markun (2004, p. 255) destaca, de forma metafórica, a situação constrangedora de Lula e dos petistas desde o início do Plano Real:

A receptividade imediata colocou Lula e seu partido num mato sem cachorro: se o apoiassem levariam água para a cacimba do adversário: se o condenassem iriam contrariar o sentimento da população. Que adotara o real de modo entusiasmado.

O impacto do sucesso inicial do Real foi tão grande, que nem as polêmicas afirmações de Rubens Ricupero, sucessor de Fernando Henrique no Ministério da Fazenda, a respeito da manipulação dos índices oficiais com fins eleitoreiros (a confissão em “off” que, em função de uma suposta falha técnica, foi transmitida para todas as antenas parabólicas do país), impediram que o candidato do PSDB fosse eleito ainda no primeiro turno, com 34.364.961 votos, em 7 de outubro de 1994.

A Coligação Frente Brasil Popular pela Cidadania, formada por PT, PSB, PC do B, PPS, PSTU e PV, recebeu 17.122.127. Além de Lula, outros candidatos de 1989 também foram derrotados no pleito de 1994: Leonel Brizola e Enéas Carneiro. O ex-governador de São Paulo, Orestes Quécia, ficou em quarto lugar.

4.2.5 O Brasil que conhece o Brasil: 1998

No início dos trabalhos legislativos de 1994, o Deputado José Mendonça Filho, do PFL de Pernambuco, apresentou uma proposta de emenda constitucional que permitiria a reeleição dos chefes do poder executivo em todos os níveis, inclusive daqueles que se encontravam em cargos. Estava aberto o caminho para que Fernando Henrique Cardoso permanecesse por oito anos no poder.

Na área econômica, a intervenção do governo em alguns bancos privados e as irregularidades encontradas no Banco Econômico da Bahia, em 1995, abalaram as relações do Palácio do Planalto com o Senador Antônio Carlos Magalhães, figura decisiva na aprovação dos interesses governamentais no Congresso. O constrangimento do governo foi intensificado pelo fato de que a nora do Presidente da República fazia parte da diretoria do Econômico.

Para amenizar os problemas das instituições bancárias, FHC criou o Proer, programa que permitia que os bancos “bons” comprassem as ações das instituições bancárias em dificuldades, deduzindo do Imposto de Renda as dívidas das empresas adquiridas.

O tema da reeleição voltou ao cenário nacional com maior intensidade em 1997, quando, em janeiro, o PMDB, rachado, manifestou seu apoio à tese. O Presidente da República inicialmente declarou não ter interesse no assunto; entretanto, veio a admitir mais tarde que “a reeleição era indispensável, diante do tamanho da obra reformista que pretendia realizar”(MARKUN, 2004, p.270).

A emenda acabou sendo aprovada na Câmara. Contudo, não tardaram a

aparecer denúncias de compra de votos. Segundo informações divulgadas pela Folha de São Paulo, o deputado Ronivon Santiago (PFL – Acre) recebera duzentos mil reais para votar a favor. A declaração envolvia dois governadores e o Ministro das Comunicações, Sérgio Mota. A oposição começou a articulação por uma CPI que investigasse o caso, mas as tentativas foram “abafadas” pelo governo. Fernando Henrique, que sempre argumentou que a CPI tinha fins políticos, jamais admitiu a compra de votos. (Markun, 2004)

No início do ano de 1998, Lula ainda não sabia se disputaria sua terceira eleição presidencial. Enquanto isso, FHC preparava-se para comemorar o quarto aniversário do Plano Real com uma inflação próxima de zero. Apesar do inexpressivo crescimento do PIB, a população enxergava no Presidente da República a imagem de uma pessoa preparada para o cargo.

Problemas financeiros, desorganização da agenda política, posição constrangedora perante o real e desencontros ideológicos com o candidato a vice, Leonel Brizola, conduziram o PT a mais uma derrota. Fernando Henrique Cardoso foi reeleito, no primeiro turno com o apoio de 35.936.540 eleitores. Lula recebeu 21.475.218 votos.

4.2.6 Agora é Lula: 2002

O início do segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso foi assinalado por turbulências na área econômica. O Presidente reeleito resolveu substituir Gustavo Franco por Francisco Lopes na presidência do Banco Central e mudar as regras cambiais, segundo estudos anteriormente desenvolvidos por Lopes, a seu pedido. As mudanças provocaram expressivas quedas do Real em relação ao dólar,

levando ao pedido de demissão do Ministro da Fazenda, Pedro Malan, que não foi atendido por FHC. Entretanto, Francisco Lopes foi demitido em 02 de fevereiro, após ficar apenas vinte e um dias no cargo.

Para ocupar o cargo de Presidente do Banco Central, Fernando Henrique indicou o economista Armínio Fraga, que recebeu o cargo diretamente de Gustavo Franco, já que a indicação de Lopes não chegou sequer a ser votada pelo Senado.

A indicação de Fraga foi bastante criticada pela oposição devido aos trabalhos anteriormente prestados por ele ao megainvestidor George Soros. Markun (2004, p. 299) relata a afirmação de Lula a esse respeito: “*É como se a polícia do Rio de Janeiro indicasse o Castor de Andrade para mandar prender os bicheiros*”.³⁷

No campo político, já no início de 1999, a oposição, sob liderança do PT, assumiu a bandeira da renúncia de FHC, lançando o famoso slogan “Fora FHC e o FMI”. Esse fato foi antecedido pela revelação das ligações do ex-Secretário Geral da Presidência, Eduardo Jorge Caldas Pereira, com o Juiz Nicolau dos Santos Neto, o Lalau, no escândalo do desvio de verbas do fórum trabalhista de São Paulo.

Ironicamente, com a chegada de Lula à Presidência da República, o slogan continuou sendo usado pelos movimentos sociais e pelos partidos de esquerda, com um deslocamento significativo: “Fora Lula e o FMI”. Ainda de forma mais surpreendente, escândalos envolvendo pessoas ligadas a Lula e ao PT, levariam esses mesmos grupos de oposição a exigir a renúncia e/ou *impeachment* de seu principal líder nos tempos do governo FHC.

Em 7 de setembro do mesmo ano, sob o comando da CNBB, CUT e MST e dos partidos de esquerda, entre eles o PT, foi lançado o primeiro “Grito dos Excluídos”, evento que passou a acontecer anualmente como contraponto às

³⁷ Itálico conforme transcrição do texto original.

comemorações do sete de setembro, mesmo após a chegada de Lula à Presidência.

Na data do primeiro “Grito dos Excluídos”, o desfile oficial alusivo à Independência do Brasil não foi muito feliz para Fernando Henrique, que foi vaiado ao chegar e ao sair da Parada Militar.

A oposição também causou incômodos ao governo por ocasião da comemoração dos 500 anos de descobrimento do Brasil. Para evitar constrangimentos ao Executivo Federal, o governador da Bahia, César Borges, tentou proibir a entrada de manifestantes em Porto Seguro, revistando ônibus, carros e apreendendo materiais de protesto. Ao mesmo tempo, José Dirceu, Presidente do PT, assegurava que os manifestantes entrariam na cidade. O resultado foi um conflito entre polícia e as pessoas envolvidas nos protestos, com saldo de 30 feridos e 141 presos. Depois disso veio o plebiscito contra o pagamento da dívida externa, organizado pelos movimentos sociais, pelo PT e partidos aliados.

Outro momento crítico do segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso foi a crise no setor elétrico. Após um longo período de estiagem, os reservatórios das usinas hidrelétricas, responsáveis por 90% da geração de energia elétrica do país, chegaram a níveis inesperados. Em virtude desse fato, em maio de 2001 o país foi obrigado a adotar um programa de racionamento que ficou conhecido por “apagão”. Com o empenho da população, a crise foi contornada, o que não impediu que o PIB fosse afetado.

Os oito anos de mandato de FHC são assim descritos, de forma sintética, por Markun (2004, p. 309):

Em oito anos de governo, Fernando Henrique controlou a inflação, mas dobrou a dívida pública e aumentou o desemprego. Houve avanços no acesso no abastecimento de água e no acesso à energia elétrica. Caiu a mortalidade infantil e a expectativa de vida dos brasileiros subiu de 65 anos, em 1992, para 71 anos, em 2000.

Os últimos meses do governo FHC foram também marcados pela instabilidade econômica, com juros altos, elevações significativas no valor do dólar e aumento do “Risco Brasil”.

Foi nesse contexto que Lula apresentou-se como candidato a Presidente da República em 2002, pela quarta vez. A campanha, que foi entregue ao publicitário Duda Mendonça, ex-“marqueteiro” de Paulo Maluf, apresentava um candidato bastante diferente das três campanhas anteriores: vestido de forma mais clássica, com o discurso mais ameno (tanto no timbre, quanto no conteúdo), apoiado por políticos que abominara no passado, mais propenso a negociação a respeito de pontos considerados de honra nas campanhas anteriores. Aliás, de todas as campanhas, foi esta a mais influenciada pelo jogo midiático, em que os publicitários e a participação de artistas foram fundamentais. A postura moderada do candidato do PT, valeu-lhe o apelido “Lulinha Paz e Amor”, em contraponto ao radicalismo de seus discursos nas outras campanhas.

A esse respeito, afirma Teixeira (2002):

[...] O PT de 2002 se apresenta agora com um Lula diferente. O discurso do candidato mudou e já não prega ostensivamente os valores das eleições passadas. A idéia de um Brasil socialista foi abandonada como projeto imediato. A promessa agora é de um governo de esquerda para combater a miséria, melhorar a educação do povo e organizar um sistema educacional e produtivo que proporcione oportunidade a todos de acordo com as capacidades e habilidades de cada um. Aos que ainda temem um governo radical e de ruptura, Lula aponta as administrações petistas estaduais e municipais como exemplo e diz que se preocuparam em cuidar honestamente dos recursos públicos e em atender prioritariamente as demandas populares.

E não foi só o discurso de Lula que mudou. Sob os cuidados de Duda

Mendonça, Lula passou a usar ternos, a mandar confeccionar roupas em ateliês conhecidos e a usar um equipamento que sempre desprezara, o *teleprompter*. Deve-se destacar que tais mudanças não foram desde o início, bem aceitas por todas as alas do PT.

Os candidatos mais expressivos no pleito de 2002 foram Anthony Garotinho, Ciro Gomes e José Serra, candidato de FHC e principal oponente de Lula. Serra tornara-se conhecido da população por seu trabalho desenvolvido à frente do Ministério da Saúde, principalmente na quebra de patentes de medicamentos, a produção de medicamentos genéricos e campanhas de combate à Aids, internacionalmente reconhecidas.

Vale ressaltar que a apresentação de Serra como candidato da situação foi antecedida por um escândalo envolvendo a Governadora do Maranhão, Roseana Sarney, pretensa candidata pelo PFL.

Em uma campanha, como já dissemos, altamente espetacularizada pela mídia, em que não faltaram contundentes trocas de acusações entre os candidatos, foram conduzidos ao segundo turno: Luís Inácio Lula da Silva, com 39.443.765 votos (46,44% do total) e José Serra, com 19.700.935 votos (23,2%). Lula finalmente ultrapassara o teto dos 30% que o perseguira nas eleições anteriores.

Um dos pontos altos da campanha midiática do segundo turno foi a participação da atriz Regina Duarte no programa eleitoral de José Serra. A atriz afirmava ter medo de uma possível eleição de Lula, já que ele estava muito mudado e enfatizava a sua angústia com a possibilidade de volta da hiperinflação.

A resposta do PT veio pela atriz Paloma Duarte. Ao mesmo tempo, as polêmicas afirmações de Regina Duarte foram alvo de muitas discussões no cenário político, inclusive com uma ameaça de processo por parte do PT. Em defesa de

Regina Duarte, também a atriz Beatriz Segal apareceu no programa de José Serra dizendo que, em virtude das reações às palavras da colega, ela temia o cerceamento da liberdade de expressão no país. O último programa de Lula veiculou depoimentos de Ciro Gomes e Anthony Garotinho manifestando seu apoio ao candidato do PT e terminou com um grande número de artistas acenando e cantando: “Ai, ai, ai, está chegando a hora...”

Quando a hora chegou, Luís Inácio Lula da Silva, foi eleito Presidente da República, com 52.793.264 votos (61,27%), no domingo em que completava 57 anos. José Serra recebeu 33.370.739 (38,73%).

Em seu pronunciamento a uma multidão de quase 100.000 pessoas, minutos após a divulgação do resultado das eleições, Lula lembrou companheiros falecidos, bem como sua mãe. Destacou a imensa responsabilidade que estava assumindo, reafirmou seus compromissos e a necessidade de contar com o apoio de todos os brasileiros e pronunciou a frase que se tornou muito conhecida no país: “a esperança venceu o medo”.

4.3 LULA PRESIDENTE

Vencidas as eleições, para o período de transição foi organizada uma equipe cuja coordenação foi entregue a Antonio Palocci, então Prefeito da cidade paulista de Ribeirão Preto.

A transição deu-se de forma tranqüila e envolveu a convivência harmoniosa entre o governo que chegava ao seu termo e o governo que se iniciava. O período evidenciou também a existência daqueles que passaram a ser chamados pela revista *Veja* on-line (2002) de os homens fortes do futuro governo petista: José

Dirceu, Antonio Palocci, Luiz Gushiken, Luiz Soares Dulci, Aloizio Mercadante, José Genoíno e Guido Mantega.

Outra realidade percebida antes da posse foi a existência de desencontros ideológicos no interior do partido. Graieb, em 2002, destacava a existência de um bloco moderado dentro da sigla, que congregando setenta por cento dos militantes, o chamado Campo Majoritário. Todavia, os trinta por cento restantes, cognominados pela mídia como “Os Radicais do PT”, estariam dispersos nas chamadas tendências do Partido dos Trabalhadores, a saber:

a. Democracia Socialista: de ideologia trotskista, congregava dez por cento dos filiados, tinha por principais líderes Paulo Pont (ex-prefeito de Porto Alegre) e a Senadora Heloisa Helena. Defendiam a transição para o socialismo e a renegociação da dívida externa.

b. Articulação de Esquerda: de ideologia “marxista de manual”, representava dez por cento dos militantes do Partido, e tinha como principais representantes *Valter Pomar* (secretário de Cultura, Esportes e Turismo de Campinas); Marlene Rocha (integrante da Comissão Executiva Nacional do PT); Luci Choinacki (deputada federal-SC); Adão Pretto (deputado federal-RS). Esse grupo afirmava que o PT fora dominado por um grupo de traidores de orientação social-democrata, defendia a suspensão do pagamento da dívida externa, a recuperação de estatais estratégicas privatizadas, o controle público do sistema financeiro, a quebra do monopólio dos meios de comunicação de massa. Mantinha estreitas ligações com o MST.

c. Força Socialista: vertente leninista-maoista, que reunia sete por cento dos filiados, representada por Edmilson Rodrigues (prefeito de Belém), Nelson Pellegrino (deputado federal-BA), Jorge Almeida (secretário nacional de Movimentos

Populares do PT); Ivan Valente (deputado federal-SP), defendia que o PT deveria assumir abertamente um programa socialista, propondo que o patrimônio dos grandes capitalistas fosse nacionalizado ou estatizado, as privatizações realizadas deveriam ser revertidas. Postulava, ainda, o controle público do setor financeiro, a suspensão do pagamento da dívida externa, a revogação da Lei de Responsabilidade Fiscal, o rompimento com o FMI, a quebra do monopólio dos meios de comunicação de massa e a implementação de uma reforma agrária radical.

d. Trabalho: também vinculado à ideologia trotskista, porém um tanto mais “radical”, esse grupo, que congregava dois por cento dos petistas, tinha Marcos Sokol como seu principal líder, além dos pontos comuns às outras tendências, distinguia-se por combater alguns programas do PT, tais como: os de microcrédito, que via como meras políticas compensatórias e o orçamento participativo, que, em sua concepção, em vez de fomentar o crescimento de organizações populares independentes, resulta em sua cooptação pelo aparelho de Estado.

A respeito dessa heterogeneidade no interior do Partido dos Trabalhadores, Graieb (2002) destaca que:

Essas tendências que, não raro, brigam entre si para provar qual é a ‘mais revolucionária’, têm várias bandeiras em comum. Defendem a ‘expropriação do patrimônio da grande burguesia’ a reestatização de empresas privatizadas, o amordaçamento da imprensa (sob o eufemismo de ‘controle social dos meios de comunicação’), a abolição final do mercado. Em outras palavras, querem que sejam impostas ao país medidas anacrônicas e tão factíveis quanto convencer o ditador cubano Fidel Castro a cortar sua barba. A recente conversão de Lula às regras do capitalismo soa como heresia imperdoável a esses apóstolos do socialismo. Eles esperam, sinceramente, que tudo não tenha passado de teatrinho eleitoral. Caso contrário, preparam-se para cobrar sua fatura do companheiro presidente.

Homens fortes e radicais ajudariam a escrever vários capítulos da história

do governo do PT que se instalaria no primeiro dia de janeiro de 2003.

4.3.1 A Posse: cerimônias e festa popular

A cerimônia de posse de Lula foi marcada por dificuldades criadas pelo presidente eleito para a equipe encarregada de sua segurança pessoal, em função de sua vontade de manter contato próximo com a população que comemorava sua vitória pelas ruas de Brasília, principalmente na Esplanada dos Ministérios, onde shows musicais animavam a multidão vinda de todas as partes do país.

Ao discursar após ser empossado no Congresso Nacional, Luís Inácio Lula da Silva enfatizou a necessidade de mudança:

Diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassaladora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do País, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária. Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. [...] Vamos mudar sim. Mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia, mudar tendo consciência de que a mudança é um processo gradativo e continuado, não um simples ato de vontade, não um arroubo voluntarista. Mudança por meio do diálogo da negociação, sem atropelos ou precipitações.

O tom de mudança com cautela, presente no discurso de posse, permaneceu no início do novo governo, ao lado de algumas controvérsias no interior do poder.

Após ser empossado, Lula recebeu a faixa presidencial de Fernando Henrique Cardoso, no parlatório do Palácio do Planalto. Estava consolidada uma empreitada de 20 anos da oposição brasileira. Em seguida, a festa popular tomou plenamente a Praça dos Três Poderes, propiciando as conhecidas fotos de

brasileiros “com a alma lavada”, banhando-se no espelho de água do Palácio do Planalto.

4.3.2 Os radicais

Uma das primeiras contradições enfrentadas pelo novo governo da República envolveu os desencontros internos do próprio Partido dos Trabalhadores que, conforme destacamos, embora tenha se mantido coeso durante o processo que conduziu à eleição de Lula, sempre apresentou uma enorme diversidade de tendências em seu interior.

Em entrevista à revista *Veja*, dias antes das eleições do segundo turno, a Senadora Heloísa Helena, assim se manifestou:

O Lula ganhar a Presidência é algo muito precioso. É um aprimoramento da democracia ver um filho do povo chegar ao cargo político mais importante do país. Queremos vencer a eleição e ajudar no que for necessário. Vamos fazer um esforço gigantesco para que tudo dê certo. Mas a posição majoritária no PT é de conciliação. Será possível conviver com ela? Vamos ver. O enfrentamento será muito grande. (VEJA, 2002)

As divergências internas no Partido se intensificaram quando, em votações importantes para os interesses do Palácio do Planalto, alguns parlamentares do PT votaram contra a orientação do Partido. Um dos pontos de maior divergência naquele momento era o Projeto de Emenda Constitucional da Reforma da Previdência, que contemplava, entre outros pontos polêmicos, alterações na aposentadoria dos funcionários públicos e a taxaçoão dos inativos.

Em virtude de tais fatos, que caracterizaram ofensa ao código de conduta do PT, a Senadora Heloísa Helena Lima de Moraes Carvalho (Alagoas) e os deputados federais Luciana Krebs Genro (Rio Grande do Sul), João Batista Oliveira de Araújo,

o Babá (Pará) e João Fontes de Faria Fernandes (Sergipe) foram expulsos do Partido. Ao contrário dos demais, João Fontes foi expulso sumariamente, sem direito a defesa perante seus companheiros de legenda.

Recentemente, Heloísa Helena tem afirmado, diante de supostos escândalos envolvendo os dirigentes do PT, que é melhor estar fora do partido do que passar pelo constrangimento de se explicar para a sociedade em função de atos ilícitos.

4.3.3 Aliados e descontentes

As atitudes tomadas pelo governo Lula acabaram por contrariar também alguns de seus aliados de primeira e de última hora. Os primeiros deles foram os funcionários públicos. Crítico ferrenho do tratamento dado ao funcionalismo federal durante o governo FHC, período em que nenhum aumento foi dado aos funcionários da União, Lula concedeu no seu primeiro ano de governo, um amargo aumento de 1%, decepcionando muitos daqueles que sonhavam com um reajuste mais significativo por parte do Presidente que ajudaram a eleger. Além disso, esse mesmo governo apoiou, no Congresso Nacional, a diminuição nas vantagens das aposentadorias do funcionalismo.

O setor dos descontentes foi também integrado por representantes do campo: o MST e os Ruralistas. Aliado histórico das lutas do Partido dos Trabalhadores, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terras (MST), que se entusiasmara com a chegada do “companheiro” ao poder, decepcionou-se logo nos primeiros dias de governo, acusando o Presidente Lula de lentidão na resolução dos problemas ligados à reforma agrária. Por sua vez, os ruralistas, que sempre viram

com reserva a candidatura do PT à Presidência, irritaram-se com a indicação para os altos cargos do Ministério da Reforma Agrária e do Incra de nomes ligados ao PT, MST, CPT (Comissão Pastoral da Terra, da Igreja Católica) e Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura).

Tal descontentamento foi intensificado pelo conhecido episódio do boné. Em uma reunião bastante noticiada, em que os líderes do MST estiveram juntos no Palácio do Planalto, Lula recebeu um boné do movimento e, imediatamente, o colocou na cabeça, retirando-o em seguida. A atitude o Presidente ofendeu aos ruralistas sem, contudo, agradecer o MST, a quem Lula pediu o cumprimento da Lei.

4.3.4 A Imprensa

Embora as relações com a imprensa tenham sido controvertidas desde o início do governo, o incidente mais discutido envolveu o jornalista Larry Hotter, correspondente no Brasil do jornal *“The New York Times”*, que mencionou em uma reportagem no referido veículo, em maio de 2004, que a nação brasileira estaria preocupada com os problemas de alcoolismo de seu Presidente. A publicação da matéria, considerada por MARKUN (2004, p. 357) como “inconsciente e irresponsável”, quase causou a expulsão do referido jornalista do território nacional, situação que provocou protestos por parte de inúmeros representantes do meio jornalístico e de demais setores da sociedade. Desde então, em virtude da ocorrência de outros fatos similares, começou-se a cogitar a criação de um conselho de fiscalização das ações dos órgãos de imprensa: o Conselho Federal de Jornalismo.

Embora alguns afirmassem que tal conselho seria um desejo da classe

jornalística, a ânsia do Poder Executivo em criá-lo, associada ao episódio do *The New York Times*, passou a soar como um risco à liberdade de imprensa. Em seu texto publicado na Folha Online, SCOLESE (2004), menciona as palavras do Presidente ditas a um grupo de jornalistas em Santo Domingo, Capital da República Dominicana:

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva rotulou ontem, em Santo Domingo (República Dominicana), de "um bando de covardes" os jornalistas que não defendem o projeto de lei enviado pelo governo no início do mês ao Congresso que prevê a criação do CFJ (Conselho Federal de Jornalismo) e suas seções estaduais. Para ele, falta "coragem" à categoria.
"Vocês são um bando de covardes mesmo, hein? Vocês não tiveram coragem de defender o Conselho Nacional de Jornalismo", afirmou o presidente, ontem à noite, no saguão de entrada do hotel em que está hospedado.

O modo informal de se pronunciar em algumas situações não passou despercebido aos olhos da mídia e tem sido dos principais motivos dos desencontros entre o Palácio do Planalto e a classe jornalística.

Vale ressaltar, contudo que, desde os tempos de sindicalista, a relação entre Lula e os órgãos de imprensa nunca foi harmoniosa. Nesse sentido, Markun (2004) destaca a preocupação do Presidente da República em controlar jornais vinculados ao movimento sindical, no tempo em que presidia o sindicato dos metalúrgicos do ABC, de modo a evitar idéias contrárias à diretoria do sindicato.

4.3.5 Sob o olhar das CPI's

Dentre os homens fortes apontados antes da posse de Lula, José Dirceu, Ministro da Casa Civil, foi o primeiro a ter o nome envolvido em supostos escândalos

de corrupção.

Em 13 de fevereiro de 2004, a Revista Época publicou uma reportagem a respeito de uma gravação em que o então assessor da Casa Civil, Waldomiro Diniz, pedia dinheiro ao empresário e bicheiro Carlos Augusto Ramos, o Carlinhos Cachoeira, no período eleitoral de 2002, em troca de favorecimento em uma concorrência pública.

Na época em que a fita foi gravada, Waldomiro era o presidente da Loterj, empresa de loterias do estado do Rio de Janeiro. Segundo confessou, do dinheiro apurado com a propina, R\$ 100 mil haviam sido destinados à candidatura do PT ao governo de Brasília. Além disso, teriam sido pagos R\$ 150 mil mensais para Benedita da Silva (PT) e Rosinha Matheus (PMDB), candidatas ao governo do Rio de Janeiro.

A essa primeira denúncia outras foram se juntando. Segundo uma delas, veiculada pelo Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, o subprocurador da República, José Roberto Santoro, teria tentado obter as fitas com Cachoeira antes que as denúncias viessem a público. Em troca, o subprocurador teria se comprometido a isentar o empresário das denúncias. Chegou-se também a afirmar que, em suas funções no governo Lula, Waldomiro Diniz teria favorecido a empresa GTech em contratos junto à Caixa Econômica Federal.

Diante de tantas denúncias e com a confirmação pela Polícia Federal das irregularidades no contrato com a GTech, os parlamentares da oposição começaram a empreender esforços para a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, a CPI dos Bingos, cuja instalação foi impedida pelo governo através de uma manobra regimental na Câmara Federal.

Os esforços do Palácio do Planalto em impedir a CPI dos bingos foram

recriminados por vários setores da sociedade, já que semelhante atitude, tomada no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso fora, em um passado recente, alvo das críticas do Partido dos Trabalhadores.

Apesar dessa infrutífera tentativa, a ânsia por uma CPI dos bingos voltou a se manifestar, em 2005, após os acontecimentos que passamos a relatar.

4.3.6 Mensalão ou caixa-dois?

Na segunda quinzena do mês de maio de 2005, a imprensa divulgou uma fita em que Maurício Marinho, diretor de administração e contratação de materiais dos Correios, era flagrado recebendo uma propina no valor de R\$ 3.000,00 das mãos de empresários interessados em ser favorecidos no fornecimento de equipamentos de informática para a estatal. Durante a conversa, Marinho revelava agir em nome do Presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Deputado Roberto Jefferson.

Em vistas das denúncias a oposição ao Palácio do Planalto passou a se desdobrar para angariar assinaturas para a instalação de uma CPI dos Correios, enquanto o governo se ocupava em impedir a concretização de tal intento, aludindo aos interesses políticos do movimento, valendo-se de discursos e ações que lembravam as “operações anti-CPI” do governo FHC, quando o PT ocupava o lugar de oposição. O governo alegava também que todas as providências para a apuração das denúncias haviam sido tomadas pela Polícia Federal.

Enquanto isso, o Deputado Roberto Jefferson, cognominado “Homem-Bomba” pela mídia, assegurava aos órgãos de imprensa que, em uma eventual CPI, levaria consigo para o banco dos réus o Ministro da Casa Civil, José Dirceu, o

Tesoureiro do PT, Delúbio Soares e o Secretário Geral do Partido dos Trabalhadores, Sílvio Pereira. A respeito de uma (indesejada) visita dos ministros José Dirceu e Aldo Rebelo ao apartamento de Jefferson, Cabral (2005a, p. 48), relata:

Num dado momento, Roberto Jefferson dirigiu-se ao Ministro José Dirceu e repetiu o que já dissera a um aliado no café da manhã daquele dia: 'Na cadeira em que eu sentar na CPI, também vão sentar você, o Delúbio e o Silvinho'.

No dia 12 de junho, em entrevista à Folha de São Paulo, o Presidente do PTB afirmou a existência de um esquema de pagamento de propinas a Deputados da base governista pelo Tesoureiro do PT, Delúbio Soares. Segundo as denúncias de Jefferson, o valor pago mensalmente era de R\$ 30.000,00 e envolvia a ajuda de “operadores” como o Deputado José Janene, paranaense, líder do PP na Câmara, e o publicitário Marcos Valério Fernandes de Souza, que auxiliavam na distribuição das malas de dinheiro aos favorecidos. Ainda segundo Jefferson, o publicitário teria entregue pessoalmente uma mala, com R\$ 4 milhões, ao PTB para financiamento das campanhas de 2004. Esse dinheiro teria sido prometido pelo Presidente do PT, José Genoíno.

Dias depois, em seu depoimento à Comissão de Ética da Câmara dos Deputados, Roberto Jefferson manteve a versão apresentada na referida entrevista, confirmando, inclusive, que o dinheiro do mensalão vinha de estatais e de empresas privadas. O esquema teria durado até o mês de março, quando o Presidente Lula tomou conhecimento dos fatos. Em sua versão, o presidente do PTB poupou o Presidente da República e conclamou o Ministro da Casa Civil, José Dirceu, a deixar o governo, de modo a evitar que Lula se tornasse réu injustamente. O pedido de demissão tornou-se público, cinqüenta horas após o recado mandado por Jefferson.

A esse respeito relata Cabral (2005b, p. 47):

No discurso de despedida, ecoando o lamentável estilo dos políticos ortodoxos flagrados com a boca na botija, José Dirceu disse que saía de "mãos limpas" e "cabeça erguida". O anúncio da demissão do ministro foi ainda precedido por uma cena melancólica. Ao depor no processo de cassação de seu mandato, o deputado Roberto Jefferson, do PTB, pediu a demissão de Dirceu. "Zé Dirceu, se você não sair daí rápido, você vai fazer réu um homem inocente, que é o presidente Lula." E, olhando para a câmara de televisão, aduziu: "Rápido, sai daí rápido, Zé!". Cinquenta horas depois disso, o que aconteceu? O Zé saiu. Informado da demissão por telefone, Jefferson deu gargalhadas.

Na mesma semana, Fernanda Karina Somaggio, ex-secretária de Marcos Valério, apresentou, em uma entrevista à Revista Isto é Dinheiro, algumas informações contidas em uma agenda do publicitário a respeito das datas e horários de encontros de seu ex-patrão com dirigentes do PT em suítes de hotéis de luxo de São Paulo, Brasília e Belo Horizonte, cujo objetivo seria a operação do "mensalão".

Convocado a depor na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, amparado por um *habeas corpus* preventivo, Marcos Valério confirmou ser o avalista de empréstimos que totalizavam 2,4 milhões de reais feitos pelo Partido dos Trabalhadores, que não pagou integralmente a dívida. Valério sustentou em seu depoimento e afirmou em entrevistas posteriores que se envolvera em uma operação totalmente legal, feita em uma instituição financeira oficial, o BMG, com o conhecimento prévio do Presidente do PT, José Genoíno. Documentos obtidos pela Revista Veja junto ao Banco Central comprovaram que Marcos Valério não só era o avalista e devedor solidário, mas também havia pago uma parcela do empréstimo no valor de R\$ 350.000,00. (FRANÇA, 2005).

Apesar de alguns desmentidos, o depoimento de Valério e o fato de a dívida não constar nas prestações de conta oficiais do Partido ocasionaram a inevitável renúncia de Genoíno, Delúblio e Sílvio Pereira, isto é, toda a chamada alta cúpula do

Partido dos Trabalhadores, cuja presidência foi entregue ao então Ministro da Educação, Tarso Genro.

As denúncias atingiram também o Secretário de Comunicação da Presidência, Luiz Gushiken, ministro responsável pelas áreas de comunicação e publicidade do governo que, conforme se comentava, teria influenciado alguns contratos de publicidade das estatais. Gushiken não foi substituído, mas perdeu o *status* de Ministro: sua secretaria foi incorporada à Casa Civil, onde Dilma Rouseff, ex-Ministra das Minas de Energia, veio a substituir José Dirceu.

O desenrolar da crise tem sido marcado também por alguns acontecimentos tragicômicos, sendo o principal deles a prisão, em 09 de julho de 2005, de José Adalberto Vieira, secretário de organização do Diretório do Partido dos Trabalhadores no Ceará e assessor parlamentar do Deputado José Nobre Guimarães, líder do PT na Assembléia Legislativa daquele Estado e irmão de José Genoíno. José Adalberto foi detido, em São Paulo, com cem mil dólares escondidos na cueca e mais duzentos mil reais em espécie contidos em uma valise de mão, ao tentar embarcar em um voo para Fortaleza. Na segunda-feira, 11 de julho, o Deputado João Batista, do PFL de São Paulo, foi detido com 10 milhões de reais em espécie. O dinheiro, que também estava acondicionado em malas, seria resultado de doações de fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, da qual o Deputado é Presidente.

Outro fato que tem chamado a atenção da opinião pública envolve o filho do Presidente da República, Fábio Luís Inácio Lula da Silva, sócio de empresas de desenvolvimento de jogos digitais. Ele teria sido beneficiado com investimentos milionários da empresa telefônica Telemar, para os quais ainda não foi apresentada uma explicação plausível.

Também o irmão de Lula, Genival Inácio da Silva, o Vavá, tem sido acusado de manter um escritório especializado em assessorar as relações de empresários com o Governo Federal. A esse respeito, declaram Pereira e Carneiro (2005):

Dos seis irmãos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Genival Inácio da Silva é o mais extrovertido e falante. [...] Hoje, aos 64 anos e aposentado, decidiu investir em nova atividade. Desde o início do ano, ele mantém um escritório no 3º andar de um prédio comercial em São Bernardo do Campo, no ABC paulista. Lá –com a ajuda de três funcionários, três linhas telefônicas fixas e quatro computadores –dedica-se a intermediar pedidos de empresários junto a prefeituras petistas, empresas estatais e órgãos do governo federal, como a Caixa Econômica Federal e a Secretaria-Geral da Presidência da República. Vavá confirmou a VEJA que recebe e encaminha pedidos de empresários interessados em "trabalhar com o governo", mas disse que, "por enquanto", não recebeu nenhum pagamento pelo serviço. "Até agora ninguém pagou nada ainda. Espero ganhar um dia."

Ao longo do trabalho da CPI dos Correios, a versão sustentada por Delúbio Soares e assumida por pessoas ligadas ao governo é de que o dinheiro dos empréstimos avalizados por Marcos Valério teriam sido destinados à composição de um "caixa dois" para financiar a campanha do PT e de seus aliados nas eleições municipais de 2002. A hipótese do mensalão tem sido veementemente negada.

Em meio a essa série de acontecimentos, pensava-se que o Ministro da Economia, Antonio Palocci, pelas atitudes que sempre demonstrou, não seria atingido. Tal hipótese, contudo, acabou não se confirmando. No final do mês de agosto, vieram a público suspeitas de que ele teria ligações ilícitas com velhos "lobbistas" dos seus tempos de Prefeito de Ribeirão Preto, apesar da veemente negativa do Ministro. A esse respeito, destaca Pereira (2005):

O que Palocci deixou de explicar é que Menezes fora o responsável pela solução de um de seus maiores dilemas pessoais: em 2004, o executivo do Prosper colocou na sua folha de pagamento dois homens que eram verdadeiros arquivos da gestão de Palocci em Ribeirão Preto: Ralf Barquete, falecido no ano passado, e o seu braço-direito, o já citado Poletto. Nos tempos em que Palocci era prefeito, ocupavam, respectivamente, a Secretaria da Fazenda e a chefia da Contadoria da prefeitura de Ribeirão

Preto. Cargo\$ importantes. Depois de um périplo por Brasília que deixou Palocci de cabelo em pé, ambos foram contratados como "consultores" do Banco Prosper e mandados para o Rio com uma missão bem simples: abrir portas no governo. Conseguiram? Não existem provas inequívocas disso. Tentaram envolver o ministro? Disso não há dúvida.

Até o momento, apesar de uma entrevista coletiva em que tentou se explicar e desfazer os primeiros indícios, Palocci não conseguiu dar provas concretas de sua inocência. Convocado pela CPI dos Correios, o Ministro da Fazenda tem tentado, e conseguido, adiar o seu depoimento.

Entretanto, em 16 de novembro de 2005, o Ministro compareceu, espontaneamente, à Comissão de Assuntos Econômicas do Senado, atitude que não agradou à oposição, que se declarou pega de surpresa, sem tempo de se preparar para argüir adequadamente o Ministro. Assim, os parlamentares optaram por tratar apenas da economia.

Em seu depoimento, o Ministro da Fazenda falou de sua trajetória à frente da área econômica, da manutenção do quadro de estabilidade econômica, procurou defender-se das acusações de corrupção em sua segunda gestão à frente da Prefeitura de Ribeirão Preto e atacou a Ministra da Casa Civil, Dilma Roussef, que tem acusado a sua política econômica de estar "enxugando gelo". Antonio Palocci assegurou que os princípios da economia não seriam atingidos. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2005).

Como se pode perceber, as discrepâncias entre a Fazenda e a Casa Civil não foram exclusividade do período em que José Dirceu era ministro. Sua sucessora, Dilma Roussef, tem mantido a postura de crítica à rigidez da política econômica, principalmente no que se refere à contenção dos gastos públicos. A respeito da delicada posição de Palocci na atual conjuntura do governo Lula, Cabral (2005d) aplica o termo "dupla solidão de Palocci", que pode ser assim definida:

Em primeiro lugar, Palocci está só diante das denúncias de corrupção de que tem sido alvo nas últimas semanas, pois não se ouve do Palácio do Planalto uma única voz a defendê-lo de modo inequívoco. Em segundo lugar, o ministro da Fazenda começa a sentir-se isolado no campo das idéias econômicas, sobretudo em razão da ambigüidade do comportamento público do presidente Lula. [...] A ministra Dilma Rousseff, da Casa Civil, e o deputado Ricardo Berzoini, presidente do PT, têm sido os mais ativos defensores de mudanças. O abismo entre essa gente e Palocci se aprofundou de tal forma que, na semana passada, ele parecia muito mais um "ministro do Brasil" do que um funcionário do governo petista. Ele recebeu mais apoio da oposição e da sociedade do que de seus colegas de governo.

Além daquelas que envolveriam Palocci e a Prefeitura de Ribeirão Preto, suspeitas de irregularidades em uma outra prefeitura atraíram também os olhares da CPI dos Correios, trata-se de Santo André. Depoimentos prestados na Comissão Parlamentar de Inquérito, por pessoas ligadas ao prefeito assassinado, Celso Daniel, apontaram para ligações estreitas entre o mensalão e a morte do ex-prefeito daquela localidade. O desconforto passou a ser ainda maior quando o médico legista que examinou o corpo do prefeito foi encontrado morto, supostamente por envenenamento.

Também Duda Mendonça, marqueteiro da campanha que conduziu Lula à Presidência da República foi convocado a depor na CPI dos Correios. Na ocasião, o publicitário confessou que parte da dívida da campanha de 2002 foi paga pelo PT, através de um depósito de dinheiro oriundo do "valerioduto"³⁸, na sua conta em um paraíso fiscal. Tal revelação levou a acusação a exigir investigações mais amplas a respeito da campanha presidencial de 2002 e suas relações com o esquema de Marcos Valério.

Paralelamente aos escândalos envolvendo o PT, a Câmara dos Deputados

³⁸ Termo que tem sido usado para designar o esquema de obtenção de recursos financeiros de origem excusa supostamente operado por Marcos Valério a serviço do PT.

foi surpreendida por um fato ilegal envolvendo o seu Presidente, o então Deputado Severino Cavalcanti. As investigações do Conselho de Ética comprovaram que Severino recebia propina do proprietário do restaurante da Câmara dos Deputados, pagamento que ficou conhecido como “mensalinho”. Após infrutíferas tentativas de convencer os pares de sua inocência, Severino renunciou, prometendo voltar, encerrando, assim, o curto ciclo do chamado “baixo clero” na presidência da casa.

Para substituir Severino, foi eleito o Deputado Aldo Rebelo (PC do B), ex-ministro da articulação política do governo Lula. Para os petistas, a eleição de Rabelo acenou com a possibilidade de sanções mais brandas para aqueles que fossem considerados culpados nas investigações das CPIs e do Conselho de Ética. É interessante lembrar que, conforme já mencionamos, Rabelo teria feito companhia a José Dirceu, em uma suposta visita a Roberto Jefferson, cujo objetivo seria impedir que o ex-deputado tornasse público o escândalo do “mensalão”.

Quanto ao Deputado Roberto Jefferson, pivô da crise que desestabilizou o PT e o Governo da República, teve seu mandato cassado em 14 de setembro, por 313 votos a 156. Antes que a votação fosse iniciada, o ex-deputado fez um discurso inflamado e cheio de ironia, a respeito do qual afirma a Folha Online (2005): “Tirei a roupa do rei. Mostrei ao Brasil quem são esses fariseus”, gritou Jefferson, ao final do discurso, em uma provável referência aos integrantes do PT envolvidos no escândalo do ‘mensalão’”.

O relatório do Conselho de Ética recomendava também a cassação dos seguintes deputados: José Dirceu, José Mentor, Paulo Rocha, Professor Luizinho, Josias Gomes da Silva, João Magno e João Paulo Cunha³⁹, do PT; Romeu Queiroz, do PTB; José Borba, do PMDB; Roberto Brant, do PFL; José Janene, Pedro

³⁹ Presidente da Câmara dos Deputados nos dois primeiros anos do governo Lula.

Correa, Pedro Henry e Vadão Gomes, do PP; Sandro Mabel, Carlos Rodrigues, Wanderval Santos e Waldemar da Costa Neto, do PL. (OLTRAMARI, 2005)

Diante desse fato, José Dirceu e os demais deputados citados no relatório do Conselho de Ética, tentaram evitar a tramitação do processo por meio de repetidos recursos ao Supremo Tribunal Federal, o que retardou, mas não impediu, a sua cassação pelo plenário da Câmara dos Deputados, na madrugada do dia 01 de dezembro, por 293 votos favoráveis a 192 contra, o que o tornou inelegível até ano de 2015.

Alguns deputados, diante da iminência da cassação, optaram pela renúncia, entre eles estão Waldemar da Costa Neto, presidente do PL, e José Janene, do PMDB do Paraná. Os demais aguardam o andamento de seus processos no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados.

A CPI dos Correios, por sua vez, após vários meses de investigação, apontou uma das supostas fontes dos recursos que alimentavam o valerioduto. Trata-se de nove milhões de reais sem comprovação de gasto, parte de um contrato de R\$ 35 milhões, que o Banco do Brasil teria repassado à SMPB, uma das empresas de Marcos Valério, para pagamento de uma campanha do Visanet. A operação teria sido solicitada pelo ex-ministro Gushiken, então Secretário de Comunicação e gestor da área de publicidade do governo.

Informações levantadas pelo Senador Álvaro Dias (PSDB-PR) e divulgadas em 18 de novembro, dão conta que recursos da Caixa Econômica Federal também teriam alimentado o “valerioduto”. Segundo o Senador, o BMG teria obtido um lucro de R\$ 209,8 milhões com a venda de créditos consignados de pensionistas e aposentados do INSS à Caixa Econômica Federal. A suspeita do parlamentar paranaense é de que a transação teria proporcionado um benefício indevido ao

banco que emprestou dinheiro ao PT, tendo Marcos Valério como avalista. (UOL, 2005).

Ao longo de toda essa crise, tem impressionado a muitos a postura do Presidente da República. Protegido inicialmente pela afirmação do ex-deputado Roberto Jefferson que atestou sua inocência, Lula insistiu por muito tempo na versão de que não sabia de nada e que tudo não passava de “denuncismo”. Quando os primeiros documentos começaram a aparecer, o Presidente afirmou que as investigações deveriam ser rigorosas mesmo que fosse preciso “cortar a própria carne”. Ao mesmo tempo, principalmente quando discursava para as camadas mais pobres da nação, dizia-se caluniado, achincalhado, colocando-se na mesma situação que outros presidentes como Getúlio Vargas e Juscelino Kubistcheck. Outro argumento bastante presente era de que tudo não passava de um plano das elites para desestabilizar o seu governo.

Vale lembrar que em uma entrevista concedida no mês de agosto a uma jornalista francesa, em Paris, Lula admitiu, com normalidade, a existência do chamado “caixa dois” nas campanhas do PT.

Em uma outra entrevista, concedida em 31 de dezembro de 2005, ao jornalista Pedro Bial, exibido durante o programa “Fantástico”, da Rede Globo, o Presidente da República disse sentir-se traído diante da iminência dos fatos de corrupção já apurados em relação o seu governo:

Eu me considero traído por duas coisas. Eu dediquei parte da minha vida para construir esse partido. Eu, a minha mulher e as minhas crianças – elas dormiam na calçada para ajudar a construir esse partido. E não era uma vez. Eram muitas vezes. Dormiam na calçada, vendendo camiseta, fazendo filiação. E a gente criou o partido exatamente para mudar a forma de se fazer política nesse País. Então, me sinto traído porque alguns companheiros meus fizeram práticas... (REDE GLOBO, 2006).

Na mesma entrevista, o Presidente Lula declarou ainda estar aguardando a

conclusão das CPIs e das investigações posteriores a serem desenvolvidos pela Polícia Federal e pelo Ministério Público para se posicionar a respeito das denúncias envolvendo seus antigos aliados. Quanto ao suposto “mensalão”, afirmou que, caso tivesse condições de saber, teria impedido que o pretense esquema de pagamento de propinas se efetivasse.

A fim de ilustrar a divergência de opiniões a respeito da posição do Presidente da República em relação aos escândalos a que já nos referimos, citamos a interlocução estabelecida entre Maurício Ricardo e um internauta, publicada na seção e-mails comentados⁴⁰ :

Uma coisa ou outra

Publicado dia 19/01/2006

Lula estava certo, é tudo intriga da oposição e da imprensa. E o povo brasileiro é tudo "Maria vai com as outras". Exemplo: Um dia encontrei um pessoa chamando Lula de ladrão. Eu simplesmente pedi para ele citar um ato ilícito de Lula e ele não soube.

(Marcos Rodrigues - Vitória da Conquista - BA)

Comentário:

Ele não foi judicialmente acusado, muito menos julgado e menos ainda condenado. Então ninguém pode afirmar que ele é ladrão, né? Mas como já tem toneladas de atos ilícitos COMPROVADOS na CPI dos Correios, das duas uma: se o Lula não é ladrão, é omisso e incompetente. E veja bem: não sou um tucano chutando cachorro morto, não. O FHC também comprou deputados pra aprovar a reeleição, abafou CPIs e foi alvo de uma série de denúncias. Só retruquei seu e-mail porque não me conformo quando vejo brasileiros inocentes se exaltando na defesa desse bando de malas que domina a cena política brasileira.

▶ Comente este e-mail!

(QUIRINO, 2006b)

No âmbito das investigações conduzidas pelos parlamentares, o “inocente” caixa-dois não tem sido o único crime atribuído aos dirigentes do PT e aos seus aliados. Foram também apontados, até o momento, segundo Dualibi (2005):

⁴⁰ Na entrevista constante do anexo deste trabalho há outras menções do chargista a respeito do assunto

prevaricação, corrupção ativa, corrupção passiva, concussão, formação de quadrilha, tráfico de influência, sonegação fiscal, superfaturamento em concorrência, arrecadação ilegal de dinheiro e lavagem de capitais.

Convém ressaltar o destaque que o humor político tem assumido em meio aos escândalos já mencionados, comprovando nossa afirmação de que os momentos de crise são os mais propícios para a produção de textos satíricos de cunho político, entre os quais destacamos as charges. Inclusive o próprio chargista cuja obra analisamos foi mencionado por Martins (2005, p. 70), que afirma também:

No Brasil do mensalão, como já ocorreu em vários tempos e lugares, a sátira política tem sido um canal que reverbera a indignação popular com os desmandos dos homens públicos. "Ridendo castigat moris", já dizia a máxima romana. Ou seja: rindo, corrigimos os costumes.

Este tem sido, até o momento, o panorama em que tem se desenvolvido o governo que, em 2002, foi levado ao poder pela imensa maioria dos brasileiros, esperançosos na superação dos velhos modelos políticos em voga no país.

Infelizmente, as informações até aqui apresentadas não dão conta de toda a complexidade do problema já que, conforme destacamos, este não é o principal objetivo deste trabalho. Além disso, a CPI dos Correios foi prorrogada até abril de 2006, de modo que muitas informações ainda irão aparecer, confirmando ou desmentindo o que se sabe até este momento, de modo que entendemos ser prudente, não nos determos às minúcias de cada uma das situações até aqui apresentadas.

5 O DISCURSO DAS CHARGES

Neste capítulo, procuremos consolidar os objetivos de nossa pesquisa, estabelecendo as relações necessárias entre as reflexões desenvolvidas até aqui e a materialidade das charges eletrônicas, nosso objetivo de análise, a partir dos pressupostos já mencionados.

As seções que compõem este capítulo foram organizadas a partir do trajeto temático de nossa análise. Os títulos que lhes são atribuídos nem sempre têm relação direta com o título da charge a ser analisada, o que não nos impediu de, em alguns momentos, utilizar os títulos das charges, procurando explicitar essa relação, conforme será possível notar.

5.1 A POSSE

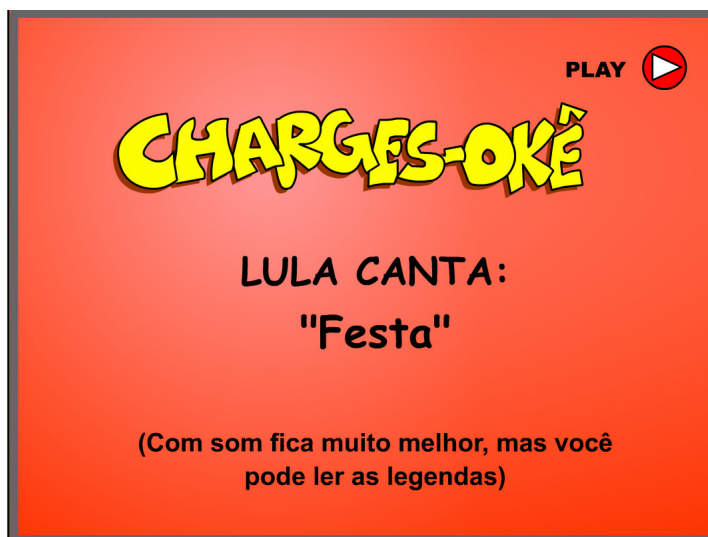


Figura 34 - Abertura da Charge 1 (QUIRINO, 2003d)

Esta primeira charge, foi veiculada no site "charges.com.br", em 28-12-2002, quatro dias, portanto, antes da posse do Presidente Luís Inácio Lula da Silva e

constitui-se, desse modo, em uma antecipação, por parte do chargista, a respeito do que poderia vir a ser a festa de posse do novo Presidente da República. Para construir essa previsão, o autor das charges utiliza-se de uma paródia da música “Festa”, interpretada por Ivete Sangalo e de uma imagem que faz lembrar o palco de um show de rock sobre o qual se encontra, devidamente trajado, o então futuro Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva.



Figura 35 - Ilustração Principal da Charge 1 (QUIRINO, 2002d)

Partindo do fio intradiscursivo da paródia musical, nossa análise se dará a partir da segmentação do texto em seqüências discursivas (SD). Nessa perspectiva, SD1 (Festa da posse, pode vir, pode chegar), veicula um convite, sem destinatário específico, para a festa da posse do novo Presidente da República. Essa SD apresenta a mesma estrutura do primeiro verso da música de Ivete Sangalo (Festa no gueto, pode vir, pode chegar). Essa proximidade estrutural, nem sempre comum nas paródias musicais do chargista em questão, caracteriza a proximidade temática entre as duas músicas: o convite para uma festa. Todavia, enquanto a festa de Ivete Sangalo tem como local de realização um gueto, a festa da posse terá como cenário

a Capital Federal, símbolo máximo do poder político do país. Esse deslocamento do local das festas, não exclui, porém, a proximidade entre os pretensos participantes da festa, já que, em ambos os casos, trata-se de uma festa popular. Não se trata, portanto, dos banquetes oferecidos aos Chefes de Estado nos refinados hotéis de Brasília, mas de uma festa do “povão”, o qual, conforme já se noticiava, deslocava-se dos muitos guetos deste país para comemorar a festa da posse de seu “companheiro” mais ilustre.

Por sua vez, a SD2 (Vai ser tipo um *Rock in Rio*, mas ninguém tem que pagar), apresenta as principais características da festa popular preparada pelo publicitário Duda Mendonça. A festa seria como um *Rock in Rio*, em função da quantidade e da notoriedade dos artistas que naquele palco se apresentariam e pelo grande número de espectadores. Todavia, existiria um deslocamento em relação ao famoso festival de rock que ocorre no Rio de Janeiro, não haveria cobrança de ingressos. Seria efetivamente uma festa popular da qual poderiam participar aqueles que, costumeiramente, não teriam condições de adquirir ingressos para um festival de rock ou para um show qualquer de um cantor famoso, materializando assim a imagem que o chargista construía do potencial público dos shows que aconteceriam em Brasília na noite de 31 de dezembro.

Essa aproximação com o *Rock in Rio* trazida pela paródia musical, desenvolve-se plenamente na imagem principal da charge: o palco, as luzes, os trajes do Presidente, contribuem para presentificar a imagem do festival de rock, apesar da música cantada em ritmo de axé e não de rock. Além disso, o fato de a imagem apresentar o próprio Lula como vocalista do show de rock, aponta para o fato de ser, o futuro presidente, a grande atração da festa. Isto se justifica pelo fato de não ser apenas a posse de mais um Presidente da República, mas a chegada ao

poder de um líder trabalhista, ex-operário, representante das classes populares, migrante, nascido no sertão pernambucano. Todas essas peculiaridades históricas transformam, efetivamente, a posse do Presidente em um evento diferente do ocorrido com seus antecessores e convocam um novo público, ansioso por presenciar esse momento históricos. Todas essas relações são, portanto, metaforizadas pelo chargista a partir da materialidade da imagem de um show de rock.

Ainda em termos de imagem, a faixa situada ao fundo do palco traz a inscrição “Reveillon do Lula” em amarelo, que nos remete ao dourado, cor que representa a pompa das instâncias do poder político, lembrando o ouro das antigas coroas dos reis, constituindo uma associação por via interdiscursiva à posição a ser ocupada pelo novo Presidente, de origem comprovadamente popular. Essa mesma faixa, que não costuma se fazer presente em palcos de shows musicais, aponta para os discursos sobre o passado de sindicalista do futuro Presidente da República, pois, como se sabe, a faixa, muitas vezes com lemas revolucionários ou inscrições irônicas, costuma ser um elemento típico das manifestações populares, sempre presente nos atos dos movimentos sociais, inclusive nos tempos da ditadura.

No que se refere ao estilo “roqueiro” do Presidente Lula, deve-se destacar o lenço vermelho na cabeça e a estrela tatuada no braço direito. Sabemos que o vermelho é a cor característica dos movimentos da esquerda. Nesse sentido a imagem metaforiza o fato presumido de que o vermelho (ideologia de esquerda) determinará o pensar (cabeça) e o fazer (braço direito) do Presidente da República. Retornando às seqüências discursivas, a SD3 (Aproveita e vem também, vamos festejar agora, porque até o ano que vem, não sei se a coisa melhora), aponta para

efemeridade da festa. Através da reiteração do convite, assinalado no intradiscurso pelo uso dos verbos no imperativo e intensificado pelo advérbio agora, tem-se, em termos parafrásticos: é melhor festejar agora, depois pode ser tarde ou pode ser que não haja motivos para comemorar. Aliás, o fio intradiscursivo apresenta as razões para se aproveitar ao máximo a efemeridade da festa: “até o ano que vem não sei se a coisa melhora”, isto é, as soluções prometidas não viriam tão rápido assim.

Deve-se lembrar, a essa altura, os discursos que circulavam na sociedade a respeito do delicado momento econômico em que o país vivia⁴¹, com o dólar em alta, o “risco Brasil” em patamares elevadíssimos, crescentes índices de desemprego e as esperanças de mudança depositados no novo Presidente. Ao mesmo tempo, a imagem moderada do Presidente eleito desencadeava expectativas que misturavam tranqüilidade e insegurança. Tranqüilidade em função da imagem do futuro Presidente que, aparentemente, inspirava confiança, em função de atitudes menos “radicais”. Insegurança em função da rede interdiscursiva a respeito de sua inexperiência administrativa. Ambos os fatores seriam índices de um processo de mudança não muito rápido e cujo sucesso não estaria totalmente assegurado. Essa rede de discursos, atravessa, então, o eixo de formulação da sentença: “até o ano que vem não sei se a coisa melhora”.

Além disso, a SD presentifica, por vias interdiscursivas, os dizeres sobre uma certa irresponsabilidade decorrente da pouca experiência administrativa do Presidente eleito, que se manifesta pelo convite à festa, mesmo diante das incertezas quanto ao futuro do país.

Mantendo a filiação do discurso a uma FD da publicidade (a festa da posse é um produto que está sendo anunciado), a SD4 (Tem artista de montão, fazendo

⁴¹ Conforme mencionado em 4.2.6

show pra você, só não chamei o Chitão, Xororó, Elba e KLB), insiste na quantidade de atrações como uma forma de incentivar a participação na festa da posse e estabelece a restrição a três atrações bastante conhecidas do grande público (a dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó, a cantora Elba Ramalho e o grupo KLB). Essa exclusão encontra sua justificativa, nas condições de produção desse discurso: os cantores mencionados integraram a campanha de José Serra, candidato do PSDB, derrotado por Lula nas eleições de 2002.

Pela menção negativa a esses artistas é também acionada a memória discursiva a respeito das eleições e da midiaticização da campanha eleitoral em que a presença de artistas bastante conhecidos nacionalmente era recorrente, principalmente nos programas dos dois candidatos que lideraram o pleito. Essa espetacularização⁴² tem, portanto, sua continuidade também nas comemorações da posse, momento em que se faz necessário, ao lado das formalidades envolvendo as “celebridades” da política, a promoção de uma grande comemoração ao estilo midiático, valendo-se para isso das celebridades do “show bizz”.

Pelas mesmas vias interdiscursivas, a menção às atrações que estarão no palco da festa da posse, são presentificadas as imagens dos “showmícios” que, em época de eleições, atraem um grande número de pessoas que vão assistir ao show, mesmo que não sejam simpatizantes do candidato. Igualmente, na festa posse, essa prática poderia ser implementada por aqueles que, mesmo não estando satisfeitos com a eleição de Lula, poderiam comparecer à Esplanada dos Ministérios, para assistir às apresentações dos artistas.

Por meio da SD5 (Vem ver! Eu “tô” muito otimista, bem que o mercado avisou que tem muita turbulência à vista), são retomados os discursos a respeito dos

⁴² A respeito desse fenômeno já fizemos referência na seção 2.4

problemas econômicos por que o país passava, assinalados no intradiscurso pelo vocábulo mercado, que presentifica uma rede de discursos em que o mercado aparece como um ente dotado de sensações e atitudes típicas dos seres humanos, como é o caso da ação de avisar. Ao mesmo tempo, podem ser associados os discursos que falavam da necessidade de os candidatos não assustarem o mercado, típicos de uma FD da economia capitalista, em que o mercado é o senhor de todas as coisas.

Essa preocupação com o mercado contrasta com o otimismo atribuído ao pelo Presidente a si próprio, o que pode ser remetido aos discursos a respeito da falta de dimensão por parte de Lula a respeito das situações que passaria a administrar a partir do primeiro dia de 2003. Todos esses discursos vinculam-se à grande rede dos discursos portadores de prognósticos negativos para o governo que estava prestes a se iniciar, em função do comportamento do mercado, sempre sujeito a turbulências. Dentre estes podemos citar: problemas como a turbulência que acenava para Lula e sua equipe econômica, a volta da inflação, um dos medos enunciados pela atriz Regina Duarte em sua participação no programa eleitoral de José Serra⁴³, marcada pela frase: “Eu tenho medo”.

A SD 6 (Avisou... Avisou... Avisou... Avisou), reitera o aviso de turbulências por parte do mercado, conforme mencionado na SD 5 e é, em termos de constituição, idêntico ao verso equivalente na música interpretada por Ivete Sangalo. No entanto, enquanto na canção original avisa que vai rolar a festa, na paródia de Maurício Ricardo, interpretada pela caricatura de Lula, o aviso é quanto às dificuldades a serem enfrentadas na área econômica.

Na seqüência, a SD 7 (Mas vai rolar a festa, vai rolar, melhor desse jeito, se

⁴³ Conforme mencionado em 4.2.6

for pra dançar), introduzida pela adversativa “mas”, traz, em termos intradiscursivos, uma reação de despreocupação com o avisos da mercado, sendo mais uma vez atravessado pelos discursos sobre a pouca visão de Lula quanto aos problemas da nação e às complicações que podem se desencadear na área econômica, daí a sua tranqüilidade em entregar-se à festa. Na linearidade do fio intradiscursivo, tem-se o uso do verbo dançar que pode ser entendido enquanto movimento corporal ou como gíria, significando fracasso em determinado empreendimento. Essa polissemia posta em relação aos termos que antecedem o verbo dançar na linearidade do intradiscorso (melhor desse jeito se for pra dançar), a partir de relações parafrásticas, aciona mais uma vez os dizeres sobre a irresponsabilidade ou inseqüência do futuro governanteo que, mesmo correndo o risco de dançar no alcance de seus objetivos, fazendo dançar as esperanças da população, prefere, ainda que efemeramente, ver todos dançando na Esplanada dos Ministérios.

Esses discursos sobre a inexperiência e inseqüência por parte do chefe do governo a ser instaurado no início de 2003, fazem-se presentes também na SD 8 (Mas vai rolar a festa, vai rolar. Eu mal fui eleito pra que me estressar?), em que os dizeres sobre a inseqüência tornam-se constitutivamente ainda mais incisivos e encontram sua justificativa, a despeito dos “avisos” do mercado, no chamado período de lua de mel que um governo experimenta em seus primeiros dias no poder. O Presidente eleito é assim, por via interdiscursiva, representado como alguém que prefere aproveitar o momento da festa e o seu prolongamento no clima pacífico dos primeiros meses de mandato a se preocupar com as ameaças da instabilidade econômica.

Em termos de imagem, esse discurso da lua de mel se materializa no gesto do personagem caricaturado atirar-se sobre a multidão. Esse gesto, típico de muitos

shows de rock, assinala também a empatia do Presidente eleito com o povo que o elegeu e que dá sustentação ao seu otimismo, fazendo presentes os discursos do meio político que se referiam a um clima favorável para o novo governo junto às instâncias políticas, em função do amplo apoio recebido nas urnas. Apoio que, no âmbito dos discursos de que a charge é portadora, minimizaria as preocupações com a economia ou com as manobras políticas.



Figura 36 – Quadro final da charge 1 (QUIRINO, 2002d)

No último quadro da animação, o autor das charges manifesta seus desejos em relação aos tempos vindouros, através da SD 9 (Boa sorte, Lula! Boa sorte, Brasil!). A respeito dessa SD devemos mencionar o deslocamento que a constitui através da separação entre os votos de boa sorte ao Presidente eleito e ao Brasil, que aponta, em vias parafrásticas que o que é bom para Lula não seria, obrigatoriamente, bom para o Brasil.

A SD enunciada pelo chargista, portanto, descarta os vários discursos segundo os quais na eleição de Lula estaria a solução para o Brasil, e instaura, por via parafrástica, o sentido de que é desejável que a boa sorte do Brasil se constitua

como uma meta maior que a boa sorte de Lula, isto é, que o boa sorte de Lula esteja em trazer boa sorte ao Brasil.

A charge materializa, portanto, sob o tema da festa da posse, o clima de instabilidade quanto aos rumos do país após o primeiro dia de 2003; nesse clima encontram-se em relação de tensão a inexperiência administrativa do novo governo, as pressões do mercado, a excessiva confiança no clima ameno dos primeiros dias, a confiança no apoio popular e a euforia gerada pela votação maciça recebida no primeiro turno. Todos esses fatos que integram o amplo e complexo universo das condições de produção do discurso da charge e os discursos que lhe são inerentes, atravessam constitutivamente o fio intradiscursivo do texto verbo-visual⁴⁴ que, enquanto ponto de deriva, propicia que os sentidos sempre sejam outros, conforme procuramos explicitar em nossa análise.

5.2 A ECONOMIA E O RITMO DAS MUDANÇAS

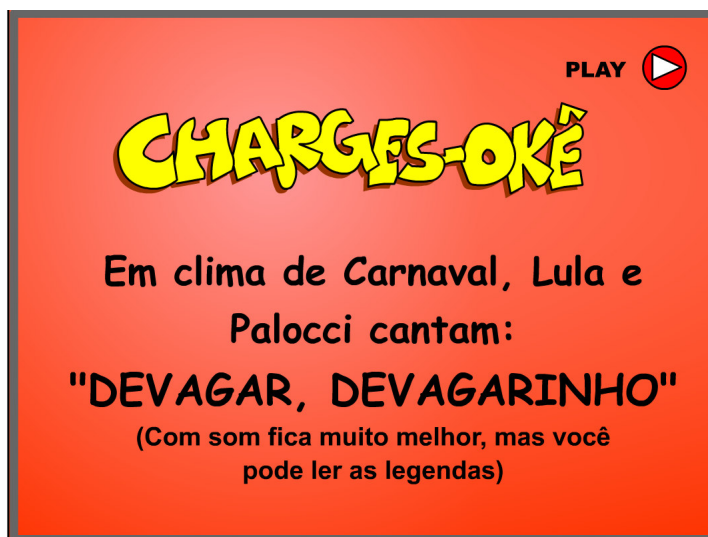


Figura 37 – Abertura da charge 2 (QUIRINO, 2003c)

⁴⁴ Ao nos referirmos à natureza verbo-visual do texto chargístico, estamos considerando som, imagem, movimento e musicalidade que constituem essas produções.

A charge analisada nesta seção foi publicada em 03 de março de 2003, segunda-feira de Carnaval daquele ano, e apresenta os personagens caricaturados do Presidente Lula e do Ministro da Fazenda, Antônio Palocci, cantando uma paródia da música “Devagar, devagarinho” de autoria de Martinho da Vila.



Figura 38 - Quadro inicial da charge 2 (QUIRINO, 2003c)

O quadro inicial da animação em questão apresenta uma caricatura do Presidente da República, trajado com roupas que fazem lembrar a imagem de um sambista: sapatilhas brancas do tipo “alpargatas”, calça branca e camiseta regata cor-de-rosa estampada com uma estrela branca. No que tange à vestimenta do Presidente, além de compor o estereótipo do sambista, chama-nos particularmente a atenção o uso do cor-de-rosa, recorrente em charges de Maurício Ricardo envolvendo personalidades ligadas ao PT, como se pode constatar nas ilustrações a seguir:

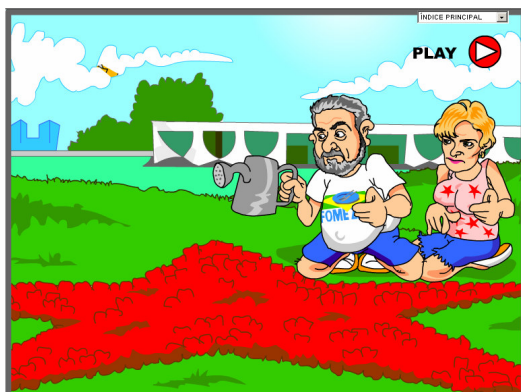


Figura 39 – Estrela tombada (QUIRINO, 2004f)



Figura 40– Lula canta: “Explode Coração” (QUIRINO, 2004g)



Figura 41 – Arraiá do Torto (QUIRINO, 2004h)



Figura 42 – Lula e Kid Abelha: Nada sei. (QUIRINO, 2005r)

No discurso da imagem, o uso do cor-de-rosa nas peças da vestimenta dos personagens (petistas) caricaturados, por via interdiscursiva, presentifica os discursos a respeito do tom moderado que passou a caracterizar o PT, mais intensamente a partir da campanha presidencial de 2002, o que ocasionou a já conhecida designação do então candidato petista: “Lulinha Paz e Amor”. Em termos imagéticos, portanto, o uso do cor-de-rosa aponta para o silenciamento ou, pelo menos, deslocamento do vermelho, símbolo da radicalidade dos movimentos de esquerda. Sendo assim, o cor-de-rosa, considerado como um clareamento do

vermelho, simbolizaria a amenização da radicalidade do Partido dos Trabalhadores, substituída por uma postura moderada.

Ainda com relação a essa primeira imagem, pode-se definir o Palácio da Alvorada, residência oficial da Presidência da República, em cujos jardins Lula estaria sambando. As serpentinas vindo de cima e os confetes na grama assinalam o clima de Carnaval a que a charge se refere. Vê-se também um vaso contendo um cacto que, certamente, não compõe a vegetação original dos jardins do Palácio, mas que presentifica, na imagem, os discursos a respeito das origens nordestinas do Presidente, por ser essa uma espécie vegetal típica das caatingas do sertão nordestino.

Deve-se observar, ainda, que o Presidente segura em sua mão esquerda uma lata, aparentemente, de cerveja, já que é esta a bebida mais difundida no carnaval brasileiro, em função das altas temperaturas típicas do mês de fevereiro, época em que costumeiramente ocorre o carnaval. A veiculação da imagem do Presidente consumindo bebidas alcoólicas, torna presentes os discursos a respeito de seu gosto acentuado pelo álcool e, inclusive, uma insinuada tendência ao alcoolismo, assunto que geraria, inclusive, no ano seguinte, o incidente envolvendo o correspondente no Brasil do jornal *The New York Times*⁴⁵.

Voltando nossa atenção, ao elemento verbal da charge, temos inicialmente, na SD1 (Companheiro brasileiro, essa é pra você), uma dedicatória da música feita pelo Presidente da República a, supostamente, todos os brasileiros. O uso do vocábulo “companheiro” assinala a presença de outros discursos dos tempos em que Lula era sindicalista e também de suas primeiras campanhas em que o uso do termo companheiro era intenso entre os petistas. Dessa forma, o emprego do

⁴⁵ Conforme mencionado em 4.3.4

vocábulo “companheiro” aponta para a busca de uma aproximação, um processo de identificação entre o presidente e o povo, principalmente as classes proletárias, meio social em que foi cunhado o uso de “companheiro”. Sendo assim, a presença desse vocábulo desloca e restringe os potenciais interlocutores do personagem da charge já que não são todos os brasileiros que se identificam com a designação companheiro, mas apenas aqueles vinculados aos processos histórico-ideológicos que envolveram Lula e o PT.

Na seqüência, a SD2 (Sei que os juros tão aumentando, O FMI gostando, pareço o FHC), relaciona-se aos discursos referentes a situação econômica brasileira, à sua política de juros altos como forma de conter a inflação e a sua repercussão junto a opinião pública nacional e internacional. O fato mencionado de que o FMI esteja gostando dessa política põe em contradição a postura atual do governo em relação aos outros discursos proferidos por Lula e pelo PT, em que o FMI era sempre apontado como inimigo dos interesses nacionais e nos quais a defesa do rompimento com o Fundo Monetário Internacional era recorrente, materializado inclusive pelo slogan que circulou no final da década de 1990: “fora FHC e FMI”. Esse mesmo slogan, presente no interdiscurso que constitui a SD, é contradito pela afirmação “pareço o FHC”, intensificando a relação entre FD opostas, uma primeira em que FHC e FMI são considerados inimigos dos interesses nacionais, em que se inscrevem o discurso de Lula e do PT antes das eleições presidenciais e uma FD atual bastante próxima do discurso que caracterizou o governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, agradável ao FMI, mas intensamente criticada pelos partidos de esquerda, inclusive o PT.

Já na SD3 (Tu me escolheu porque eu era a esperança), retoma as condições de produção em Lula foi eleito e os discursos a respeito da esperança

que ele representava, principalmente em termos dos almejados avanços na área social postos à margem pelo governo de FHC. Pode-se a esse respeito rememorar a frase dita por Lula na noite de sua eleição: “a esperança venceu o medo”.

Na continuidade, a SD4 (mas se quer ver a mudança, ouça o que eu digo pra você:) configura-se marcada pela adversativa “mas” assinalando a relação de oposição com a SD3, passando da esperança propagada no período eleitoral e a realidade dos fatos dos primeiros meses de governo e os discursos decorrentes dessa relação contraditória. A SD4 apresenta, então, uma condição introduzida pela conjunção “se”, para que a mudança ocorra, mesmo com o atendimento às exigências do FMI e uma dita semelhança com o governo que o antecedeu, evitando assim que o Presidente recém empossado seja visto no futuro como uma falsa esperança. Essa condição se refere ao desejo de mudança, relacionado interdiscursivamente à SD em questão, apresentada na SD seguinte .

A SD5 (É devagar... É devagar... É devagar, é devagar, devagarinho), é repetição literal dos versos que integram o refrão da música de Martinho da Vila. A partir do deslocamento para o interior da paródia, esses mesmos versos presentificam o interdiscurso a respeito do ritmo das mudanças a serem implementados pelo governo que tomara posse em janeiro daquele ano. Nessa rede interdiscursiva estão presentes tantos os discursos que temiam uma mudança brusca, sem planejamento, que comprometesse a estabilidade econômica, quanto aqueles que ansiavam por uma mudança radical nas políticas econômicas e sociais do governo anterior, desejando, principalmente, ações arrojadas no âmbito social. A todos esses sujeitos do discurso, o caricaturado responde com o refrão de Martinho da Vila, ratificando permanência de sua inscrição na FD moderada que caracterizou a campanha que o elegeu.

Na continuidade da paródia, a SD 6 (Vai, Palocci), coincide com a entrada em cena do personagem caricaturado que representa o Ministro da Fazenda, Antonio Palocci, a partir de um convite do Presidente da República. Essa expressão “Vai, Palocci”, pode ser parafraseada como “Explique para eles (os brasileiros), Palocci”, ou “Confirme, Palocci, o que eu estou dizendo”. Essa relação recupera os discursos, presentes já no início do mandato, de que a política econômica, representada pelo Ministro da Fazenda, seria a causa da excessiva cautela do governo na implementação das mudanças tidas como necessárias ao país.



Figura 43 - Quadro principal da charge 2 (QUIRINO, 2003c)

A presença desses discursos a respeito de Palocci é intensificada pelo discurso da imagem, em que o Ministro da Fazenda aparece tocando um pandeiro vermelho e branco, as mesmas cores da bandeira do PT. Como se sabe, no campo da música, os instrumentos de percussão, como é o caso do pandeiro, são responsáveis pela marcação do ritmo. Sendo assim, são reforçados os discursos que afirmam que o ritmo do governo do PT é determinado pela equipe econômica, personificada por Antonio Palocci. Ritmo sobre o qual se insistirá na SD7 (É

devagar... É devagar... É devagar, é devagar, devagarinho), segunda parte do refrão de Martinho da Vila, cantado na charge por Palocci, presentificando o seu papel preponderante quanto ao ritmo das mudanças.

Na seqüência da paródia, a SD8 (Sei que eu também me desespero. De que adianta o Fome Zero, Com essa baita recessão?), põe inicialmente em oposição o papel do Presidente enquanto catalisador das esperanças da nação e o sentimento de desespero de que o personagem se diz portador. Esse desespero se justificaria pela relação interdiscursiva com os dizeres a respeito da política social do governo, cuja principal meta seria a erradicação da fome e que entra em contradição com os discursos sobre a estabilidade econômica, ou seja, o Fome Zero, programa de inclusão social do Governo Federal, que se torna sem efeito quando os altos juros provocam a recessão e com ela o desemprego e diminuição na renda dos brasileiros.

Dando prosseguimento à paródia, a SD9 (Reúno equipe, chamo pessoal de lesma. A resposta é sempre a mesma quando cobro a solução) apresenta as supostas atitudes tomadas pelo Presidente da República com vistas a acelerar o ritmo das mudanças. Presentifica também a rede interdiscursiva a respeito dos modos ríspidos do Presidente da República, materializados na afirmação de que o mesmo chama de lesma os membros de sua equipe. Sabemos que o termo lesma qualifica pejorativamente, os indivíduos considerados lentos no agir ou no pensar, que não produzem resultados rápidos. Sendo assim, esse não seria um adjetivo adequado no relacionamento entre um Presidente da República e seus colaboradores mais próximos, a menos que a imagem que se faça desse Presidente, seja de um homem simples, sem muita cultura, com baixo nível de instrução, como faz supor essa rede interdiscursiva a respeito do nível sócio-

intelectual de Lula.

A resposta para essa atitude intempestiva do Presidente da República, é apresentada na S10 (É devagar, Lula! É devagar... É devagar, é devagar, devagarinho É devagar... É devagar... É devagar, é devagar, devagarinho). Devemos destacar que, na animação a resposta cobrada pelo presidente na SD anterior é dada por Palocci (É devagar, Lula!), que continua, sozinho, cantando o refrão de Martinho da Vila. Esse fato, acentua a presença do interdiscurso a respeito de que as mudanças sociais seriam travancadas pelo ritmo imposto pela equipe econômica e destaca a superioridade de Palocci em relação aos demais colaboradores do Presidente, já que o ritmo da equipe econômica acaba sendo imposto a todo o governo a despeito do descontentamento de membros do governo e de setores do PT.

A S10 (Sempre o povão reclama que “tá” muito devagar) traz, no plano de sua constituição, discursos que circulam, principalmente, nos meios populares de que o governo não tem primado pela agilidade nas mudanças que o povo, há muito tempo, espera. A menção às queixas do povo, silencia, porém, uma outra rede interdiscursiva segundo a qual, as classes mais abastadas e os investidores internacionais seriam os maiores beneficiados pela política econômica baseada nas altas taxas de juros, em detrimento da situação das classes baixas que têm seu poder aquisitivo reduzido e são constantemente rondadas pelo fantasma do desemprego.

Essa preocupação em manter a estabilidade econômica à custa de juros altos é apresentada na SD11 (Mas, vai que mudo tudo da noite pro dia, Boto o país numa fria? O jeito é se conformar.) que se relaciona com os discursos a respeito dos riscos de uma mudança brusca e impensada, temida principalmente pela classe

empresarial nacional e estrangeira. Nessa mesma SD, a última sentença (O jeito é se conformar), inscreve o discurso na FD moderada que vinha caracterizando o Presidente Lula desde a campanha, já que, na FD histórica do PT, o verbo conformar-se seria constitutivamente interditado, uma vez que a ideologia do Partido remeteria a sujeitos da luta, da revolução, jamais do conformismo. A esse ponto, emergem mais uma vez no fio do intradiscorso, os discursos da crítica a essa tendência moderada do PT que agradaria, em tese, apenas às classes abastadas e seria uma forma de rendição aos interesses burgueses neoliberais.

Por fim, a SD12 (É devagar... É devagar... É devagar, é devagar, devagarinho. *Paciência, galera, paciência*) É devagar... É devagar... É devagar, é devagar, devagarinho), relaciona-se intradiscursivamente à SD anterior que insistia no necessário conformismo, nesse caso, com o ritmo das mudanças. É preciso destacar que, desta feita, Lula e Palocci cantam juntos o refrão, o que parece simbolizar a adesão do Presidente aos argumentos da equipe econômica, materializando o respaldo que o Ministro da Fazenda recebe do Palácio do Planalto. Outro elemento importante é a intervenção do Presidente entre o segundo e o terceiro verso do refrão (*Paciência, galera, paciência*), que aciona a rede interdiscursiva em torno dos apelos informais feitos pelo Presidente, em diversas ocasiões, a fim de que a população seja paciente com relação ao ritmo das mudanças esperadas. Esse pedido de paciência desloca, mais uma vez, a posição histórica do PT, mais diretamente ligada à luta e à ação do que à espera paciente.

5.3 ALIADOS HISTÓRICOS

Nesta seção, seguindo trajeto temático que procuramos estabelecer,

analisaremos charges eletrônicas que se referem a dois grupos historicamente ligados a Lula e ao PT: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST)⁴⁶ e os chamados “radicais”⁴⁷, tendência ideológica pertencente aos quadros do partido do Presidente.

Os dois grupos têm em comum os esforços em torno da eleição de seu “companheiro” e líder político, bem como o fato de terem manifestado discordância e, por vezes, decepção com a postura assumida pelo Presidente que se empenharam em eleger.

5.3.1 O MST

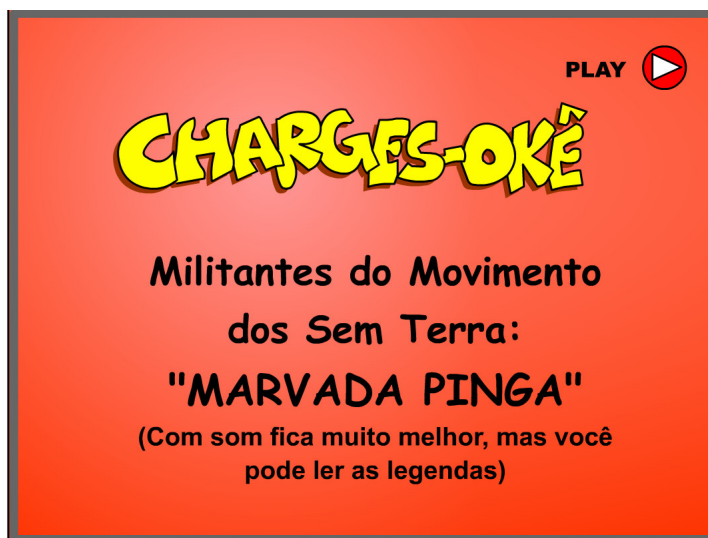


Figura 44 – Abertura da charge 3 (QUIRINO 2003e)

Esta charge eletrônica a respeito da relação do MST com o Presidente Lula, foi publicada no site “charges.com.br” em 16 de julho de 2003 e envolve uma paródia da música “Marvada Pinga”, interpretada Inezita Barroso.

⁴⁶ A respeito das relações do Presidente Lula com o MST ver 4.3.3

⁴⁷ Conforme mencionado em 4.3.2

Devemos destacar o efeito do pré-construído propiciado pela uso da referida música em relação ao estereótipo que se faz do sujeito sem-terra em nossa sociedade, profundamente marcado pela ideologia capitalista e historicamente assinalado pelo latifúndio. Dessa forma, mesmo não se utilizando da letra original, o uso da melodia pelo autor das charges, aciona uma rede de discursos a respeito da índole dos integrantes do movimento, principalmente em uma alusão a possíveis hábitos de alcoolismo, em função de sua situação presumida de “desocupados”.



Figura 45 – Quadro principal da charge 3 (QUIRINO, 2003e)

Em termos de imagem, a animação se desenvolve a partir de um único quadro, em que se pode ver dois homens cujo boné indica seu pertencimento ao MST. Remetendo-nos a alguns elementos das condições imediatas de produção da charge, o uso do boné, embora seja comum entre os militantes do MST inclusive por sua exposição ao sol nos acampamentos, presentifica a polêmica a respeito do boné do MST que o Presidente Lula colocou na sua cabeça ao final de uma audiência no Planalto do Planalto⁴⁸. Esse episódio será mencionado na própria paródia, conforme

⁴⁸ A respeito do episódio do boné, algumas informações são apresentadas na seção 4.3.3

poderemos ver a seguir.

Além disso, a caracterização da dupla, com barba, presentifica a imagem de líderes e militantes de esquerda cuja fisionomia remete a Lula e Fidel Castro. Ainda com relação à aparência física dos personagens a sua pele bastante clara lhes permite serem associados aos colonos descendentes de imigrantes do extremo sul do Brasil, onde o movimento tem suas principais bases e de onde partem muitos militantes para conduzir a articulação do movimento em todo o território nacional. A ascendência européia é ainda mais marcada no personagem da direita em função da cor dos cabelos e da barba e dos olhos azuis.

Quanto à forma física há um contraste notório entre os dois personagens, um alto e magro, e o outro de baixa estatura e gordo. Tal contraste, bastante comum nas duplas sertanejas tradicionais, aciona interdiscurso a respeito das condições de vida dos militantes do MST, principalmente quanto aos seus hábitos alimentares. Nesse sentido a magreza poderia ser associada à desnutrição, ao passo que a suposta obesidade poderia ser decorrente de uma alimentação desequilibrada ou ainda alguma verminose tropical que tenha feito o ventre do personagem crescer.

Cada um dos personagens traz nas mãos um violão que, além de ser utilizado para executar a canção que interpretam, traz a estampa de símbolos da ideologia dos movimentos sociais de esquerda: a foice e o martelo entrecruzados, símbolo do comunismo e a face de Ernesto “Che” Guevara, líder revolucionário latino-americano. Tais imagens presentificam, os discursos relacionados à ideologia marxista e, ao mesmo tempo, os discursos anti-marxistas ou anti-comunistas, em que tais idéias soam como heréticas e como uma ameaça aos direitos historicamente adquiridos pelos detentores do poder político e econômico, entre eles os grandes proprietários de terra.

Próximo aos dois militantes, vê-se uma cerca de arame farpado com os fios cortados. A imagem do arame farpado é portadora de vários discursos a respeito da defesa violenta de um território, já que esse tipo de arame serve igualmente para proteger e ferir, sendo comumente utilizado nas trincheiras de guerra, rememorando a suposta guerra que se estaria travando no campo entre sem-terra e latifundiários. O fato de os fios estarem cortados assinala que alguém avançou por sobre a cerca rompendo-a, o que simbolizaria, na imagem, a violação da propriedade privada, pondo em confronto, por meio da memória discursiva, discursos representativos de diversas posições, que oscilam entre a defesa do “sagrado” direito à propriedade e o “sagrado” direito de utilizar coletivamente a terra para dela retirar o alimento.

Ao fundo, pode-se ver as barracas de lona preta que constituiriam o acampamento em que residem os dois militantes. Devemos destacar no acampamento a presença de uma bandeira do movimento, no topo de um mastro de madeira. Embora não seja a representação fiel do estandarte do movimento, com o qual mantém em comum apenas a cor vermelha (a mesma cor da bandeira do PT⁴⁹), a presença da bandeira hasteada produz um deslocamento em relação ao que se costuma ver no território brasileiro: a bandeira nacional em destaque no alto de um mastro. Esse deslocamento, além de repetir uma cena comum nos acampamentos, assentamentos e instituições ligados ao MST, recupera uma série de discursos a respeito da ameaça comunista que, além de violar a propriedade privada, substituiria o pavilhão verde e amarelo pela bandeira vermelha com a foice e o martelo, discursos estes muito presentes, inclusive, nas insinuações a respeito de Lula em sua primeira campanha presidencial⁵⁰.

Aproximando-nos um pouco mais dos elementos verbais da charge

⁴⁹ A respeito da bandeira do PT, ver a seção 4.2.1

⁵⁰ Fato mencionado na seção 4.2.3

eletrônica em questão, devemos apontar a presença de um tipo específico de paródia, conforme Orlandi (2004), em que o gesto de “pôr ao lado”, implica pôr em relação o jogo de indentidades entre o sujeito e a língua nacional. A esse respeito a autora afirma:

Há migração dos sentidos postos aí em relação à sua identidade, que se deslocam para outros objetos simbólicos (como a música, por exemplo, ou o xamanismo, etc) ou para um discurso em que os traços de relação com a língua irrompem na discursividade, transformando-a. Esse lugares onde irrompe a historicidade lingüística são pontos onde gestos de interpretação trabalham a deriva, o deslocamento, o equívoco, constitutivos dos (outros) sentidos e dos (outros) sujeitos. (ORLANDI, 2004, p. 129)

Essa forma de paródia que põe em relação a identidade e a língua ocorre na charge em questão por meio da formulação do texto parodístico a partir das marcas lingüísticas do dialeto caipira, típico do interior de São Paulo. A respeito dessa forma dialetal afirma Amaral (1982):

Tivemos, até cerca de vinte e cinco a trinta anos atrás, um dialeto bem pronunciado, no território da antiga província de S. Paulo. É de todos sabido que o nosso falar *caipira* - bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível - dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta. As mesmas pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar a essa influência. Foi o que criou aos paulistas, há já bastante tempo, a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios *vícios* de linguagem. Quando se tratou, no Senado do Império, de criar os cursos jurídicos no Brasil, tendo-se proposto São Paulo para sede de um deles, houve quem alegasse contra isto o linguajar dos naturais, que inconvenientemente contaminaria os futuros bacharéis, oriundos de diferentes circunscrições do país...

Esse tratamento historicamente preconceituoso em relação ao dialeto caipira, consoante, a perspectiva teórica de Orlandi (2004), leva-nos a afirmar que a presença desse dialeto no nível de formulação da paródia rememora os dizeres a respeito da visão preconceituosa de que seus falantes têm sido alvo ao longo de nossa história. Ao mesmo tempo, presentifica o estereótipo do caipira brasileiro cuja

representação mais recorrente seria a do Jeca Tatu de Monteiro Lobato, caracterizado como preguiçoso, doente e ignorante.

Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!

Jeca mercador, Jeca lavrador, Jeca filósofo...

Quando comparece às feiras, todo mundo logo adivinha o que ele traz: sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher – cocos de tucum ou jissara, guabirobas, bacuparis, maracujás, jataís, pinhões, orquídeas; ou artefatos de taquara-poca – peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador; ou utensílios de madeira mole – gamelas, pilõesinhos, colheres de pau.

Nada mais.

Seu grande cuidado é espremer todas as conseqüências da lei do menor esforço – e nisto vai longe. (MONTEIRO LOBATO, 1972, p. 145)

Em se tratando do MST, porém, há um deslocamento constitutivo em relação a esse estereótipo: embora possa compartilhar com o Jeca Tatu a pouca instrução e até algumas doenças, diferencia-se por seu discurso e atitudes revolucionárias, o que torna presente outras redes de sentido em que circulam discursos distintos a respeito desses “caipiras”, de um lado o dizer a respeito dos líderes, tidos como guerrilheiros, comunistas e o que se diz dos militantes, considerados como massa de manobra, ignorantes, bem mais próximos de Jeca Tatu.

O caráter preguiçoso do caipira, presenciado na charge em função dialeto em que se estrutura a paródia, é também atribuído ao sujeito sem-terra através de discursos que podem ser parafraseados em torno da questão da propriedade da terra. Nesses discursos, são recorrentes as afirmações de que os militantes do MST não têm o direito de invadir propriedades adquiridas e consolidadas pelo trabalho de seus legítimos proprietários. Tais discursos funcionam a partir de sentidos cristalizados pela sociedade capitalista, como a inalienabilidade do direito de propriedade, não sendo admissível, portanto, que um sem-terra (preguiçoso) possa, em nome da reforma agrária, invadir e tomar posse de um empreendimento que já

se encontra pronto. Nessa lógica, o correto seria que o trabalhador sem-terra, deixasse a preguiça de lado e começasse “do zero” o trabalho em outras terras, de preferência que não tenham donos.

O uso do dialeto caipira, portanto, não cumpre apenas a função de aprimorar a caracterização dos personagens já que, em termos de cobertura midiática, os sem-terra mais famosos, seriam os da região do Pontal do Paranapanema, no interior do Estado de São Paulo, mas também, a partir de relações interdiscursivas, põe em confronto as relações entre sujeitos, língua e sociedade. Nessa perspectiva a vinculação do sujeito a um dialeto que não seja o de maior prestígio social impõe a esse sujeito a condição de marginalidade em relação à sociedade de que é parte, intensificando o caráter dito ilegal de suas ações, principalmente quando se trata de um sujeito identificado como militante de um movimento social de esquerda, como é o caso do MST. Em síntese, a marginalidade do dialeto caipira, instaura um processo de exclusão pela língua que contribui para a cristalização dos discursos estereotipados a respeito da identidade do sujeito falante que dele se utiliza.

Feitas essas reflexões a respeito dos efeitos de sentido decorrentes do uso do dialeto caipira na paródia em questão, continuaremos a sua análise, tomando por base sua segmentação em seqüências discursivas (SD), conforme já fizemos anteriormente.

Na SD1 (Companheiro Lula já foi irmão), temos a oposição discursiva entre dois gestos de designação: companheiro e irmão. Nessa perspectiva, acionam-se as relações interdiscursivas a respeito da nova relação estabelecida entre Lula e o MST, após sua posse como Presidente da República. Enquanto companheiro está relacionado ao discurso da esquerda, em que aqueles que partilham dos mesmos

ideais e interesses tratam-se mutuamente de companheiros, a designação irmão envolve uma memória discursiva a respeito de relações muito mais fortes, que ultrapassariam o plano político-ideológico, alcançando o nível metafísico, inscrevendo-se em uma FD religiosa em que é comum o tratamento mútuo de “irmão”. Ainda com relação ao discurso religioso, deve-se considerar também a forte presença dos movimentos religiosos da chamada linha progressistas, principalmente a “Teologia da Libertação”, na formação do PT (com Frei Betto e Leonardo Boff, principalmente) e do MST (com o bispo D. Tomaz Balduino, da Comissão Pastoral da Terra). Toda essa relação interdiscursiva é presentificada pela designação “irmão”.

Sendo assim, deixar de ser irmão aciona uma rede interdiscursiva a respeito do afastamento de Lula em relação ao MST, aliado histórico do PT, metaforizado pela imagem de alguém que vira as costas para os seus irmãos. Nesse sentido é preciso lembrar que em algumas denominações cristãs, o tratamento “irmão” é negado àqueles que se afastam ou são afastados da entidade religiosa. Apesar desse rompimento ainda não ser total, Lula ainda é tido como companheiro, representando um deslocamento significativo nessa relação, já que, em termos de sentimentos, a ingratidão de um irmão doeria muito mais que a de um companheiro. Em termos parafrásticos, podemos também estabelecer um relação de gradação segundo a qual aquele que era irmão tornou-se apenas companheiro, de forma metafórica, a passagem do quente para o morno. Gradação mais uma vez atravessada pela FD religiosa (cristã) que refuta, conforme o livro bíblico do Apocalipse, as atitudes mornas: “antes fosses frio ou quente”.

Por sua vez, a SD2 (Ele apoiava as invasão⁵¹, Ia com nós pra riba dos

⁵¹ A respeito desse vocábulo trataremos a seguir.

caminhão, Dizia que nós tava com a razão), apresenta ao nível da formulação, as ações praticadas pelo companheiro Lula quando ainda era considerado irmão. A partir dessa enumeração das ações, aciona-se o interdiscurso a respeito da relação de identidade de apoio mútuo entre Lula e MST, segundo os quais Lula compactuava com as ações do MST, ao mesmo tempo em que o MST engajava-se nas lutas do PT, principalmente nos esforços em favor da eleição de Lula. Entretanto esse rememorar, assinalado no fio intradiscursivo pelo uso dos verbos no pretérito imperfeito, já é constituído, atravessado, por novos discursos que falam de uma relação diferente entre os militantes do movimento e o companheiro que chegara ao Palácio do Planalto.

Já a SD3 (Mas isso foi só lá antes da eleição) traz para o nível do intradiscurso a menção ao fato que assinala a mudança das atitudes daquele que já foi irmão: a sua eleição para a Presidência da República. Essa referência, além de assinalar a mudança nas relações discursivas, das quais falaremos a seguir, presentifica o interdiscurso a respeito de uma pretensa ingratidão por parte dos personagens da política que, após a eleição costumam se esquecer daqueles que o ajudaram a eleger, governando segundo seus próprios interesses, lembrando-se da massa de eleitores apenas quando se aproxima da eleição seguinte.

De outro modo, através de um gesto de deslocamento, pode-se também pensar no discurso daqueles que se aliam a grupos políticos, esperando ser beneficiados após a eleição, e têm suas esperanças frustradas por aquele que consegue chegar ao poder e procura desvincular-se de antigos e inconvenientes aliados.

Em ambos os casos, porém, perdura o interdiscurso da ingratidão, a partir do qual a SD3 poderia ser parafraseada como: “antes da eleição, quando precisava

de “nóis”, ele se mostrava favorável à nossa causa; agora, que conquistou o que queria, age como se nunca tivesse precisado de nós.

Já a SD4 (Oi lá!), reconstrói uma interjeição típica da chamada música sertaneja de raiz, presente inclusive na canção “original” interpretada por Inezita Barroso. O uso dessa interjeição, todavia, no âmbito da paródia, opera igualmente com a memória a respeito do sujeito caipira a que, a partir de certos deslocamentos, é associado o sujeito militante do MST.

Das lembranças dos discursos do passado passa-se, na SD5 (Hoje “nóis invade⁵²” ele vem “recramando”, dizia que “nóis adevia de tá” esperando...), para a menção à nova relação de que falamos há pouco. Nessa perspectiva, essa mudança temática do passado para o presente é intradiscursivamente assinalada pelo advérbio “Hoje”. A esta altura os discursos a respeito dos desencontros entre Lula e o MST já haviam se tornado mais intensos.

Voltando as condições de produção, deve-se mencionar os discursos em torno do pedido de paciência de Lula e a impaciência do MST com relação ao ritmo da reforma agrária. Nessa rede interdiscursiva emergem os dizeres a respeito da esperança por parte de Lula e de seus colaboradores quanto a uma espécie de trégua do MST em relação às ocupações de novas áreas, o que acabou não acontecendo, gerando queixas do Presidente da República. Nesse aspecto, as queixas do Presidente mencionadas na paródia, remetem ao interdiscurso relativo ao estranhamento do MST que, em lugar do apoio costumeiro, recebe críticas do companheiro Lula. Esses discursos apontam, portanto, para o deslocamento das posições de Lula e do MST. Enquanto o líder petista assume o lugar de Presidente, inscrevendo-se na FD do sujeito de direito, a quem cabe defender a lei e a ordem, o

⁵² A respeito desse vocábulo trataremos a seguir.

MST, permanece em sua posição de movimento social de esquerda, com o diferencial de pertencer ao grupo que ajudou a eleger um Presidente que, ao contrário do que pensavam os militantes, não governa só para um grupo, o que propicia o interdiscurso da ética e da universalidade a respeito do compromisso do Presidente em governar democraticamente, em favor de todos os brasileiros.

Dando prosseguimento às queixas da dupla do MST em relação ao ex-irmão, a SD6 (Acusa “nóis” de “tá” radicalizando) procede à inscrição dos personagens em uma FD jurídica, marcada pelo verbo acusar (acusa). Nessa perspectiva, a acusação, enquanto efeito de sentido, funciona como ofensa, já que, da posição do sujeito que milita no MST, as atitudes do movimento continuam as mesmas que, anteriormente, eram praticadas com o apoio de Lula. Esse sentimento de ser acusado reforça o interdiscurso do deslocamento de posições entre Lula e o MST, deslocamento que gera também o efeito de contradição visto que os militantes do MST são acusados de radicais. Essa designação poderia não causar maiores controvérsias se pronunciada por um político de direita já que, a partir de uma FD de direita, grande parte das iniciativas dos movimentos sociais de esquerda parecem naturalmente radicais. Todavia, essa designação, ao ser enunciada por Lula, aponta para a sua inscrição em uma FD de direita, o que faz com que esse deslocamento da posição de sujeito do companheiro Lula em relação ao Presidente Lula, acabe por ser associado ao interdiscurso da traição aos princípios ideológicos. Situação que rememora e desloca a imagem interdiscursiva do personagem bíblico Judas. Neste caso não é o aliado revolucionário que trai o seu líder, mas o líder que trai seus aliados revolucionários.

Por sua vez, a SD7 (Põe nosso boné, mas acaba tirando!), rememora um fato inerente às condições imediatas de produção da charge eletrônica em questão,

o conhecido episódio em que Lula colocou na cabeça o boné do MST⁵³. A referência a esse episódio presentifica o interdiscurso a respeito da atitude do Presidente, principalmente aqueles discursos relacionados aos setores da sociedade contrários ao MST e que formularam duras críticas ao Presidente Lula, cuja posição exigiria a interdição de qualquer tomada de posição em relação aos controvertidos interesses que se encontram em jogo nos conflitos agrários do país. Todavia, na paródia em questão, o uso da adversativa “mas” enfraquece a menção ao gesto de Lula em colocar boné, já que acabou tirando. Por via parafrástica, essa SD poderia ser formulada como: “mesmo colocando o nosso boné, Lula não nos oferece mais o seu apoio, ou o mesmo apoio de antes”, diminuindo assim a importância do gesto e presentificando o interdiscurso a respeito da mudança de posição do Presidente e a sua suposta “traição” ao movimento, já que o descontentamento das chamadas “elites”, nas circunstâncias atuais, incomodaria o companheiro Presidente.

Nessa perspectiva, a SD8 (“Tá” tudo “iguarzim” nos “tempo” do Fernando), último verso da segunda estrofe da paródia, representa a síntese da situação atual do MST, a partir da posição dos militantes representados na charge, em relação ao governo federal: nada mudou com relação à situação vivida no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Essa afirmação presentifica a rede interdiscursiva a respeito da animosidade entre o MST e Fernando Henrique, que certa vez teve a fazenda ocupada pelos sem-terra. Em termos interdiscursivos, fazem-se presentes os discursos a respeito da posição capitalista e neoliberal do governo do PSDB, razão das atitudes nada amistosas com relação ao MST durante os oito anos do governo de Fernando Henrique. Essa mesma rede interdiscursiva é agora deslocada para as relações do MST e o governo do PT, partido ao qual

⁵³ Fato mencionado em 4.3.3

sempre esteve aliado, levando à conclusão de que, no âmbito da luta pela terra, não há diferenças significativas entre o governo do PSDB, representante das “elites” e o governo do PT, representante dos trabalhadores.

Essa relação interdiscursiva a respeito de Fernando Henrique Cardoso e do MST, enquanto movimento social de esquerda, rememora o Grito dos Excluídos⁵⁴, “anti-comemoração” ao 7 de setembro, em que teria surgido o slogan “Fora FHC e FMI”, expressando o descontentamento da esquerda brasileira com o governo Fernando Henrique. A partir do enunciado contido na SD8, esse interdiscurso do descontentamento passa também a ter relação com o Presidente Lula, eleito como representante dessa esquerda. Essa relação de deslocamento, por via interdiscursiva, manifesta-se no novo slogan surgido já no primeiro ano do governo Lula: Fora Lula e FMI!. A SD8, portanto, ao colocar Lula e Fernando Henrique em relação de equivalência, desloca algumas relações interdiscursivas anteriormente relacionadas apenas a FHC e que, em função de alterações nas condições de produção do discurso, passam a ser partilhadas também por Lula.

Abrindo a última estrofe da paródia, a SD9 (Eu não vou negar “nóis” é radical), apresenta os próprios militantes do MST se autodenominando como “radical”. Essa designação apresenta um deslocamento de sentidos em relação a esse vocábulo em comparação com a estrofe anterior, quando o ser chamado de radical pelo presidente produzia um efeito de sentido de ofensa, por manifestar um FD exterior ao movimento. Já na SD9, a partir de uma FD interior ao movimento, isto é, autodesignar-se ou designar os seus iguais como radicais pode soar até como elogio, o que não é permitido a um sujeito que esteja fora do movimento, posição em que é colocado o sujeito Presidente da República., ou alguém que já esteve dentro

⁵⁴ A esse respeito ver a seção 4.2.6

do movimento e agora o vê “de fora”.

Antes de passarmos à próxima SD, cabe-nos destacar o uso do vocábulo “invadir” (invasão, invade) nas duas estrofes já analisadas. O uso de invadir ou seus cognatos assinala a inscrição do discurso em uma FD capitalista, segundo a qual a terra teria um proprietário cujo direito de posse seria violado pelo ato de invasão dos militantes do movimento dos sem-terra. O uso de invadir silencia um outro sentido, associado ao vocábulo ocupar. Esse termo, filiado a uma FD socialista, instaura uma outra relação de sentidos, segundo a qual a terra seria um bem coletivo a ser ocupado por aqueles que desejam fazê-la produzir alimentos para a subsistência do grupo. Essas duas FDs manifestam-se também na distinção entre agricultura de subsistência ou agricultura familiar e agronegócio. A primeira, em uma FD socialista, relaciona-se à ocupação da terra, ao passo que o segundo, consoante uma FD capitalista, define a terra como fonte de lucros que advêm da produção, com vistas à exportação. Considerando que, segundo a AD, as palavras são sempre pontos de deriva para outros sentidos, sem relação obrigatória de literalidade e que o equívoco é capaz de revelar uma posição ideológica do sujeito, o uso do verbo invadir na charge, pode revelar a inscrição do autor das animações em uma FD capitalista.

Por sua vez, a SD10 (se num dé as terra nós vai pro pau), relaciona-se ao interdiscurso da violência que caracteriza MST, materializado no intradiscurso pela oração condicional e pela expressão vulgar nós vai pro pau, que metaforiza a luta armada de que esse movimento, muitas vezes, lança mão em suas manifestações, principalmente na ocupação das terras. É importante destacar que, conforme apresentado no fio do intradiscurso, o movimento reivindica “as terra”, em sentido geral, o que recupera o interdiscurso a respeito da distinção entre terras produtivas e improdutivas. A generalização provoca um efeito de sentido segundo o qual o que

importa para o MST é conseguir terras, independente de sua condição produtiva, o que atribui ao movimento uma característica de ação indiscriminada e uso da violência. Esse uso da violência, recuperado por meio do interdiscurso presentifica também a pressão exercida pelo movimento junto à sociedade, acenando com a violência, sempre que suas reivindicações por reforma agrária não forem satisfatoriamente atendidas, acionando discursos a respeito de um suposto poder paralelo constituído pelo MST.

Na SD11 (nóis gosta do Che, do camarada Mao), a menção aos líderes socialistas Ernesto Che Guevara (já rememorado no violão de um dos personagens) e Mão-Tse-Tung, recupera os supostos líderes político-ideológicos do MST e, por via interdiscursiva, presentifica os discursos a respeito da ameaça que o movimento representa enquanto agremiação comunista e, com isso, os discursos já mencionados, a respeito dos riscos de um governo comunista. Essa ameaça se torna possível a partir da cristalização de sentidos decorrentes de uma FD capitalista dominante, que naturaliza sentidos referentes à economia de mercado, o agronegócio, a propriedade privada e silencia outros sentidos que historicamente questionam essa neutralidade.

Na continuidade, a SD12 (pro PT inteiro isso era normal, hoje só o Babá acho “nóis” legal) recupera a rede interdiscursiva a respeito da relação do MST com os radicais do PT⁵⁵ e o tratamento dessa tendência no interior do próprio partido. Em termos de constituição, essa SD é atravessada pelos discursos a respeito da mudança de postura do PT, a partir da campanha presidencial de 2002, mudança que não foi assumida pelo MST nem pelo grupo designado como os “radicais” do

⁵⁵ A esse respeito, algumas informações são apresentadas em 4.3.2

Partido. Assim como o movimento, esses petistas teriam relações históricas com uma postura ideológica de extrema esquerda simbolizada por Mao e Guevara. Deve-se perceber, nesse âmbito, a presença do interdiscurso a respeito da normalidade, que separa o que é normal e o que deve ser considerado anormal. A SD aponta, desse modo, um deslocamento do sujeito sem-terra representado na charge que, mediante a nova postura de Lula, muito mais moderada que no passado, perde a noção de normalidade já que não partilha das mesmas referências ideológicas que o governo do PT, cujas supostas novas referências não podem ser recuperadas mas, considerada a relação intradiscursiva com a SD8, seriam, em tese, as mesmas de Fernando Henrique Cardoso e do PSDB.

Ainda com relação a essa SD, a expressão “PT inteiro” aciona a memória discursiva a respeito da divisão instaurada no partido a partir da posse de Lula, momento em que a grande maioria dos dirigentes do Partido adere à postura moderada, distanciando-se e entrando em choque com as chamadas tendências nas quais a imagem dos grandes nomes do socialismo permanecia ainda muito forte. Não estando mais em relação de identidade com o PT inteiro, o MST, conforme o fio intradiscursivo da SD, manteria ainda um sentimento de pertença recíproca com os chamados radicais do PT, representados pelo Deputado João Batista Araújo, o Babá, do Estado do Pará.

Deve-se recordar que, a essa época, os chamados radicais do PT ainda não haviam sido expulsos do partido, fato que altera, certamente, essa relação de identidade entre o PT e o MST, instaurando outros sentidos dos quais não trataremos diretamente neste trabalho, mas que se manifestam em termos de constituição na análise da animação a seguir.

5.3.2 Os Radicais do PT

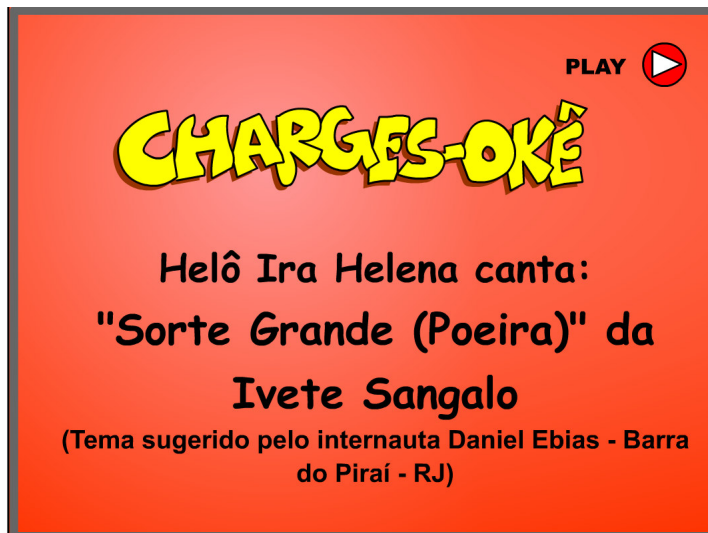


Figura 46 - Abertura da charge 4 (QUIRINO, 2004b)

A charge em questão foi veiculada em 06 de março de 2004 e faz alusão a dois fatos de ampla repercussão no início do segundo ano do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva:

a) a expulsão do Partido dos Trabalhadores da Senadora Heloisa Helena (Alagoas) e outros parlamentares pertencentes à chamada ala dos “radicais do PT”,⁵⁶;

b) divulgação do escândalo envolvendo o assessor da Casa Civil, Waldomiro Diniz, quando era presidente do serviço de loterias do Rio de Janeiro (Loterj)⁵⁷.

No quadro de abertura, faz-se presente o primeiro elemento de designação da charge mencionada. Trata-se do nome dado ao seu personagem central: “Helô-Ira Helena”. Ao mesmo tempo em que se vale de recursos fonéticos para

⁵⁶ Conforme 4.3.2

⁵⁷ Conforme 4.3.5

estabelecer a identificação com a Senadora Heloísa Helena, o chargista substituiu o primeiro nome da senadora pelos vocábulos “Helô” e “Ira”, em um gesto de designação derrisória. O primeiro é o apelido familiar atribuído à maioria das “Heloísas” e “Ira” aponta para o sentimento de que, em tese, estaria tomada a senadora alagoana, diante do tratamento recebido do partido que ajudara a fundar e cujo comportamento contraditório afetava diretamente a capacidade de indignação que parece caracterizar a Senadora. Esse sentimento seria, desse modo, a razão do tom agressivo da paródia cantada pelo personagem caricaturado na charge em análise. A designação “Helô-Ira Helena”, portanto, evoca o sentimento de revolta da ex-petista diante do tratamento que recebeu, o que a levaria, em sua propalada radicalidade, a denunciar com maior intensidade o comportamento contraditório do partido que a expulsou.

Soma-se a essa rede interdiscursiva o título da música parodiada: “Sorte Grande”. Apesar de o chargista valer-se apenas da sonoridade da canção interpretada pela baiana Ivete Sangalo, o sintagma “Sorte Grande” presentifica a formação discursiva própria dos jogos de azar, tais como os bingos, nos quais tirar a sorte grande corresponde a ser beneficiado com um prêmio de grande valor material. Na música de Ivete Sangalo, a “sorte grande” refere-se a uma “paixão verdadeira”. Na charge de Maurício Ricardo, a “sorte grande” de “Helô-Ira Helena” é estar fora de um partido envolvido em situações delicadas perante a opinião pública nacional, dado o tradicional lugar anteriormente ocupado por este mesmo partido no cenário político do Brasil.



Figura 47 – Quadro principal da charge 5

Como ocorre na maioria das charges-okê, a animação compreende um cenário fixo em que somente o personagem principal apresenta movimentos. Na charge em questão, como se pode ver abaixo, tem-se a carroceria de madeira de um caminhão, sobre a qual é apresentada a caricatura da Senadora Heloísa Helena. Como se sabe, a imagem da carroceria do caminhão é muito forte na política brasileira. Faz lembrar o lugar em que, nos comícios do interior, o palanque costuma ser montado. Além disso, também as manifestações sindicais nos grandes centros industriais, até mesmo antes da fundação do PT, sempre se deram em palanques improvisados nas carrocerias de caminhões. O próprio presidente Lula ficou internacionalmente conhecido por liderar multidões de trabalhadores nas famosas assembléias do estádio de Vila Euclides⁵⁸, sempre de cima de uma carroceria.

Presas a essa mesma carroceria, vêm-se duas armações de ferro, o que permite afirmar que a carroceria em questão poderia ser coberta por uma lona, servindo, assim para transportar pessoas. Esse tipo de estrutura faz recordar os

⁵⁸ Conforme 4.1.2

paus-de-arara que serviram de transporte a inúmeros retirantes que migravam para o Centro-Sul do país (inclusive a família de Dona Lindu⁵⁹), além dos incontáveis trabalhadores rurais que diariamente se arriscam pelas madrugadas do interior do Brasil.

Presas a essa mesma armação está uma faixa, cujo texto, de difícil visibilidade, parece ser: “PELA CPI DOS BINGOS”. Sob esse prisma, o texto constitui-se em uma alusão à proposta de um CPI que investigasse os escândalos envolvendo o ex-assessor da Casa Civil, iniciativa que não se concretizou imediatamente em função de manobras do governo e de sua base aliada no Congresso Nacional⁶⁰. Essa mesma frase aciona, de forma interdiscursiva, uma série de enunciados ligados aos slogans políticos iniciados com as preposições pelo ou pela. Como por exemplo: “Pelo fim da corrupção vote...”, “Pela não-violência vote...”. Tal faixa é escrita em letras vermelhas sobre um fundo branco. O vermelho, conforme temos destacado, é a cor característica dos movimentos ligados ao socialismo, nos quais Heloísa Helena sempre militou. Vermelho e branco são também as cores do PT⁶¹, ex-partido da Senadora. Exigir a CPI dos bingos, portanto, segundo a formação discursiva representada pela faixa, seria um dever de todos os militantes da esquerda, inclusive do Partido dos Trabalhadores, que usou de todos os meios para impedi-la.

Sendo assim, a imagem da carroceria do caminhão e da faixa presentificam os compromissos políticos e ideológicos da Senadora Heloísa Helena com os movimentos de esquerda e com as suas próprias origens. Ao contrário do que

⁵⁹ Conforme 4.1.1

⁶⁰ Conforme 4.3.5

⁶¹ Conforme 4.2.1

ocorre na política midiaticizada, não se tem um grande palco, com sofisticados equipamentos de som e luz, nem a presença de grandes nomes da música. Tem-se uma mulher, sozinha, sobre a carroceria de um caminhão, a partir de um patamar não muito alto, suficiente apenas para ser vista por todos, evocando a sua relação de proximidade com a massa que a elegeu.

Ao fundo, vê-se o prédio do Congresso Nacional, local de trabalho da senadora alagoana e palco de seus principais embates com os governistas, antes e depois da posse de Lula. O fato de a cena se passar em Brasília reforça a possibilidade de identificação do personagem caricaturado. Ao mesmo tempo, torna presente uma série de discursos a respeito daquela cidade, enquanto Capital Federal, palco de grandes decisões e cenário de inúmeros escândalos envolvendo vários governantes.

Também ao fundo, oculto pela faixa, encontra-se um grande sol, elemento que simboliza o partido fundado por Heloisa Helena após a sua expulsão do PT, o P-SOL (Partido Solidariedade e Liberdade). Em termos interdiscursivos, remete também ao “sol da liberdade” evocado pelo Hino Nacional, cujos raios fúlgidos são ofuscados pela corrupção e pelo cerceamento das possibilidades de manifestação do pensamento, praticado pelo PT em relação a Heloisa Helena e aos “radicais”.

Ainda em termos de imagem, devemos mencionar o elemento central da charge, a caricatura da Senadora Heloísa Helena. Sem muito exagero, a Senadora é representada a partir dos elementos visuais que a fazem reconhecida: os óculos, o rabo-de-cavalo e a calça jeans com camiseta branca. O efeito derrisório da caricatura em questão se dá, nessa perspectiva, principalmente pela movimentação dos quadris, que faz lembrar as cantoras de axé (estilo pelo qual é conhecida a cantora Ivete Sangalo) e não, propriamente, a parlamentar de Alagoas que,

excetuando-se, as situações de acirrado debate ideológico, costuma pautar-se pela discrição e pelo decoro.

Passando ao elemento verbal da referida charge, procuramos separá-lo em seqüências discursivas, de modo a facilitar o processo de análise, preocupando-nos, entretanto, em manter o caráter global dos efeitos de sentido dela emanados.

Desse modo, a SD1 (Quando me expulsaram do partido que eu amava, foi como se eu levasse um tiro), insere-se na formação discursiva das relações amorosas, marcada principalmente pela modo como é designado o PT: o partido que eu amava. A sensação da senadora ao ser expulsa do Partidos dos Trabalhadores, seria, nesse caso, a mesma de uma mulher que foi traída em uma relação amorosa. Separada de seu objeto de amor, o personagem seria tomado pelo sentimento de “ira” evocada por sua própria designação (Helô-Ira). O conceito de traição é intensificado pelo vocábulo tiro associado à dor sentida pela senadora traída pelo partido a que sempre fora fiel.

A SD2 (mas me sinto aliviada estando fora da bancada, depois do caso Waldomiro), presentifica uma reversão na situação da Senadora, para quem é mais confortável ser oposição em um momento em que os valores historicamente propagados pelo PT começam a ser maculados por suspeitas de corrupção envolvendo pessoas ligadas aos seus altos dirigentes. O texto da paródia, contudo, menciona o alívio em estar “fora da bancada”, isto é, por não representar mais o partido no Congresso Nacional. Considerando as relações parafrásticas que envolvem o enunciado em questão, observa-se a constituição de um deslocamento que torna diferente aquilo que, à primeira vista, poderia parecer sinônimo. Isto é, estar fora da bancada é diferente de estar fora do Partido. Mesmo vivendo a dor da expulsão, a Senadora caricaturada sente-se aliviada por não estar mais ligada ao

governo, nem ser obrigada a votar segundo as orientações do Palácio do Planalto. Há, portanto, um deslocamento entre ser do partido (compactuar com ideais maiores) e ser da bancada (compactuar com os interesses políticos do governo), principalmente quando ser da bancada significa, em relação às condições de produção já mencionadas, fazer vistas grossas a um suposto escândalo de corrupção, o caso Waldomiro. Assim, é melhor ser identificada como alguém que já entrou em conflito com o partido antes dos pretensos escândalos, podendo ser reconhecida como totalmente imune a tais denúncias.

Na SD3 (Não tenho que explicar pra população sobre o FMI, retração do PIB, compra de avião, nem abafar CPI), são listados fatos que, segundo a formação discursiva original do PT (antes de 2002), seriam considerados inadmissíveis a um ocupante do mais alto cargo da República: relações amistosas com o Fundo Monetário Internacional (FMI), diminuição no volume de riquezas geradas pelo país, o alto investimento na aquisição de um novo avião para a Presidência da República e o abafamento da CPI dos bingos. Conforme comentamos no capítulo 4, segundo o discurso por que sempre foi caracterizado, o Partido dos Trabalhadores sempre se demonstrou extremamente contrário ao pagamento da dívida externa e do cumprimento, em nível nacional, das metas impostas pelo FMI. Contudo, desde o início do governo, as metas do FMI foram fielmente seguidas pela equipe econômica, contradizendo o antigo bordão: “Fora, FMI!”, presente no eixo da constituição do discurso da charge. Concomitantemente, a retração do PIB apresenta-se como sinônimo de redução do crescimento econômico, ao contrário do que Lula prometera em campanha, acionando os vários discursos sobre o sucesso/insucesso da política econômica implementada por Antônio Palocci, marcada por significativa cautela.

Outro elemento aludido pela paródia é a compra de um novo avião para as viagens presidenciais, o chamado “Aerolula”, que veio substituir o antigo “Sucatão”. Para um governo pretensamente comprometido com a erradicação da pobreza, a aquisição da aeronave, soou como uma despesa supérflua. A menção a esse fato, presentifica, na referida paródia, o interdiscurso a respeito do que poderia ter sido feito com o dinheiro investido no novo avião de Lula, fato que exigiria grandes explicações por parte do PT. Explicações das quais a Senadora se desobrigou com a sua expulsão.

No final da mesma seqüência, é apresentado um fato que tem relação direta com o assunto da charge: a CPI dos bingos. Conforme já mencionado, uma das grandes críticas do partido de Lula ao governo do seu antecessor foi a atitude protecionista de Fernando Henrique Cardoso em acionar a sua base aliada para evitar a instalação de CPIs que fossem politicamente inoportunas. No caso de Waldomiro Diniz, foi o PT quem se movimentou para impedir a instauração de uma CPI, desconstruindo toda uma formação discursiva, fato destacado pela charge que, particularmente, através do termo abafar, aponta, no nível da constituição do discurso, para uma rede discursiva a respeito das velhas e novas atitudes do PT.

Já na SD4 (Se um bandido infiltrado consegue deixar queimado o filme da equipe inteira), pode-se perceber, inicialmente, uma tentativa da posição-sujeito assumida pelo chargista em não se colocar como leviano e preservar, de certa forma, o PT, já que, nesse momento, a corrupção parecia ser algo pontual. Waldomiro Diniz é designado como “bandido infiltrado”. Apesar do peso da designação “bandido”, que presentifica a formação discursiva da radicalidade, peculiar à Senadora Heloísa Helena, que não costuma usar “meios-termos”, esse bandido é qualificado como infiltrado, isto é, não é alguém que pertença

naturalmente ao Partido, mas um elemento que penetrou nas fileiras da agremiação, sem ser convidado, com intenções excusas. Por outro lado, a situação de infiltração é contradita pela gravidade das conseqüências causadas na equipe do Presidente da República. Um bandido infiltrado em meio a um grupo teoricamente inocente não poderia “queimar o filme” de todo um governo, o que parece sugerir o envolvimento de pessoas próximas de Lula no caso Waldomiro: do contrário, a repercussão do caso teria se encerrado com a demissão do então assessor de José Dirceu. Deve-se atentar também para a gíria “queimar o filme” que acena para uma aproximação do chargista com o seu potencial público, através de um mecanismo de antecipação. Imaginando ser seu público interlocutor composto por um número significativo de adolescentes e jovens, o chargista sente-se à vontade para utilizar esse termo, cujo sentido é partilhado por seu público.

A SD5 (dá muito mais tesão, ficar na oposição, na boa, mostrando a sujeira), relaciona-se interdiscursivamente com uma série de dizeres a respeito da satisfação da Senadora caricaturada em ver em situação constrangedora o partido que sempre amou e pelo qual foi traída. Ultrapassando a formação discursiva do amor-paixão, a SD filia-se à FD do erotismo, sinalizada pelo vocábulo “tesão”. A presença dessa FD intensifica o conceito de traição amorosa elevando ao aspecto libidinoso o prazer sentido pela Senadora em poder estar na oposição mostrando a sujeira do partido, o que nos permite classificar a SD5 como uma metáfora sexual, conforme classificação de Bonnafous (2002), em relação ao conceito de derrisão citado no primeiro capítulo.

Essa mudança da FD do amor para a FD do erotismo torna-se igualmente significativa quando pensamos na relação histórica existente nos primórdios do PT e as alas progressistas da Igreja Católica, principalmente com o movimento conhecido

como Teologia da Libertação. Essa relação é constitutiva da formação discursiva com que Heloísa Helena, enquanto militante do PT sempre se identificou. A permanência da Senadora de Alagoas nessa mesma rede de filiações, à revelia da cúpula de seu Partido, cujo discurso foi abrandado a partir da Campanha Presidencial de 2002⁶², caracteriza um processo de deslocamento, assinalado, na charge em questão, pela alternância da FD do amor para a FD erótica, isto é, a um Partido que se afastou, inclusive, dos princípios do cristianismo de esquerda que assinalaram a sua fundação, não mais se faz referência a partir da posição relacionada ao amor cristão, mas a partir de um deslocamento na direção de uma FD própria do amor profano, erótico, movido não mais por nobres aspirações, mas pelo “tesão” mundano, lugar a partir do qual a vingança torna-se naturalmente aceitável.

Deve-se também assinalar que a expressão “mostrar a sujeira”, por mecanismos parafrásticos, torna possível a afirmação de que há alguém que pretende esconder a sujeira, acionando a imagem discursiva da sujeira posta debaixo do tapete, o qual alguém (a Senadora, neste caso), propositalmente, levanta.

Por fim, a SD 6 (sujeira, sujeira, mostrando a sujeira), repete o final da SD anterior e funciona como refrão a paródia contemplada na charge-okê, com a função de reforçar e fazer memorizar o termo sujeira. Esse termo entra em oposição com o refrão original: poeira. Enquanto a poeira não representa, em princípio, algo muito grave, a sujeira, aponta para a intensidade do fenômeno, caracterizado por uma maior representação quantitativa e qualitativa do material em questão. Além disso, enquanto refrão, essa seqüência será, em tese, aquela a ser mais facilmente

⁶² Conforme 4.2.6

memorizada pelo interlocutor.

Desse modo, por meio das relações estabelecidas pela memória discursiva, mesmo quando estiver ouvindo a música original de Ivete Sangalo, o leitor-navegador deverá se lembrar da paródia e da situação atribuída a Heloísa Helena: a militante traída que mostra a sujeira que seu ex-partido quer esconder. Sob essa mesma ótica, os pronunciamentos de Heloísa Helena tendem a ser encarados como tentativas de evidenciar a sujeira do governo Lula.

Mal sabia o chargista que, pouco mais de um ano após a publicação dessa charge, o país começaria a conhecer uma sujeira mais densa e fétida que, já nessa época, se acumulava sob os tapetes do Palácio do Planalto e do Congresso Nacional e que, mais uma vez, a Senadora Heloísa Helena teria que se levantar como a voz da oposição a apontar a sujeira e exigir as explicações de que a nação é merecedora.

5.3.3 Citações⁶³

A charge a seguir foi veiculada no site “charges.com.br” em 06 de agosto de 2004, momento histórico em que acabava de vir a público, a reportagem da Revista Veja, acerca de contas no exterior sob a titularidade do Presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, e do Presidente do Banco Central Cássio Casseb, cuja origem seria a conta de um doleiro investigada pela CPI do Banestado (VEJA ONLINE, 2004).

Todavia, conforme procuraremos demonstrar em nossa análise, a charge retoma um longo período da história política de Lula e do Brasil e os discursos que

⁶³ O título desta seção é idêntico ao da charge analisada

são constitutivos a esse período, enfatizando, de modo particular, a mudança no discurso e nas atitudes do ex-sindicalista, principalmente a partir da sua eleição.

Por se tratar de um texto verbo-visual estruturado em citações, parece-nos interessante evocar o conceito de “heterogeneidade mostrada” proposto por Authier-Revuz (1982), para quem o sujeito, em sua ilusão de ser princípio e origem do que diz, procura delimitar em seu discurso os enunciados que provêm de outrem, criando a ilusão (necessária) de que em todos os outros momentos da enunciação, o sujeito que enuncia seja a fonte de seu dizer.

Além disso, devemos recordar também que as escolhas que o sujeito faz no nível da formulação do discurso são sempre decorrentes de uma posição sócio-ideológica prévia, que se insere em uma formação discursiva e produz enunciados que significam por sua relação com o interdiscurso.

Sendo assim, podemos dizer que o sujeito-citante “seleciona” suas citações a partir de condições de produção próprias, a partir das coerções da posição que ocupa na enunciação.

Nesse caso, apesar de se tratar do mesmo, ao mudar a posição-sujeito, as palavras sofrem um processo de deslocamento, passando a ser, constitutivamente, outras, em função das mudanças da posição sócio-ideológica do sujeito, de suas escolhas, e do contexto sócio-histórico da enunciação, estabelecendo relações interdiscursivas próprias, a partir da memória do mesmo e do outro.

Para fins de análise, abordaremos cada uma das citações individualmente, referenciando-as pela consoante “C” e pelo ano a que se referem, e colocando-as em relação com a imagem que lhes é pertinente.



Figura 48 – Lula em 1975⁶⁴ (QUIRINO, 2004d)

No caso da C1975, assim como ocorrerá nas demais citações, o ano a que se refere é apresentado na parte superior da imagem, à esquerda. Este primeiro quadro, procura reproduzir a aparência de Lula em 1975, ano em que assumiu a Presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo⁶⁵. A primeira citação é atribuída a Ernesto “Che” Guevara, cuja face se encontra estampada na camiseta do sindicalista. A referência aos tempos do sindicalismo pode também ser percebida pelos panfletos nas mãos do personagem, o que remete ao discurso panfletário, comum nos tempos da ditadura e através do qual foram veiculadas muitas das informações do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo.

Pode-se perceber, também, na imagem, que o personagem se encontra ao nível do chão, o que caracteriza as manifestações junto a um número reduzido de pessoas, diferente de manifestações maiores que exigiriam um plano mais elevado em relação aos expectadores.

O enunciado “Abaixo a ditadura!”, aciona desse modo todos os discursos

⁶⁴ Embora a numeração não esteja explicitada, esta será considerada a charge 5.

⁶⁵ Conforme mencionado em 4.1.2

vinculados aos movimentos de esquerda que lutaram contra a repressão imposta pelo regime militar, em favor da livre manifestação do pensamento. Nesse âmbito, a referência ao revolucionário Ernesto Che Guevara intensifica o sentido de liberdade que constitui o discurso da charge, em função de seu engajamento nas lutas pela implantação do socialismo na América Latina. Além disso, ao citar as palavras de Guevara, o sujeito citante demonstra sua filiação a uma FD própria assinalada pela radicalidade e pelo espírito de luta. Ainda por esse viés interdiscursivo, podem ser rememorados os discursos recentes do próprio Lula a favor do controle da imprensa, posição exatamente oposta àquela defendida nos tempos em que se utilizava das palavras de ordem do “Che”.

Na segunda citação, C1980, pode ser visualizada a imagem de um Lula barbudo, sobre a carroceria de um caminhão, segurando um megafone e um placa em que se lê “greve geral”, tendo a sua frente espectadores e ao fundo os contornos de uma grande cidade, possivelmente São Paulo ou região metropolitana. Nesse aspecto, a carroceria do caminhão rememora as históricas assembléias presididas por Lula, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, no estádio de Vila Euclides⁶⁶, assinala também a presença de um número maior de espectadores, conforme atestam os dados históricos a respeito dessas assembléias. Essa mesma carroceria presentifica também as origens nordestinas de Lula⁶⁷ e de muitos dos operários das indústrias metalúrgicas por ele liderados, migrantes que chegaram a São Paulo na carroceria de um pau-de-arara e movimentaram, com sua força, o crescimento industrial do Centro-Sul do país.

⁶⁶ Conforme mencionado em 4.1.2

⁶⁷ Conforme mencionado em 4.1.1



Figura 49 – Lula em 1980 (QUIRINO, 2004d)

Com relação ao megafone, trata-se de um instrumento bastante utilizado pelos manifestantes de várias épocas, principalmente nos tempos da ditadura. Fotos apresentadas por Markun (2004) mostram o sindicalista empunhando um microfone. Todavia, o uso do megafone, enquanto operador da memória discursiva, torna presentes os discursos dos vários movimentos sociais em favor de uma sociedade justa e democrática. Quanto ao cartaz “Greve Geral”, parece tratar-se de uma alusão à greve conclamada por Lula, em 1980, e que lhe rendeu a prisão pelo DOPS e a intervenção no Sindicato.

No que se refere à roupa usada pelo sindicalista, deve-se destacar a camiseta SMABC (Sindicato dos Metalúrgicos do ABC⁶⁸). Apesar de Lula ser, à época, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, o uso do ABC parece facilitar a recuperação da região geográfica em que Lula liderava a luta dos operários, naquela época. Assim, interessa muito mais ao chargista dar uma

⁶⁸ Referência aos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, conhecidos pela forte presença da indústria metalúrgica na região metropolitana de São Paulo.

informação geral, que lhe pareça mais inteligível por parte do leitor do que ser fiel aos rigores historiográficos.

Deve-se destacar também o uso do boné vermelho com uma estampa branca, cores que, posteriormente, comporiam a bandeira do Partido dos Trabalhadores. Nessa época, como ainda não havia a estrela do Partido, o chargista utilizou-se da imagem de uma mão segurando uma chave mecânica, em um gesto que simbolizaria a luta da classe metalúrgica.

A citação contida na charge (“O sindicalismo é a solução!”) é atribuída a Lech Valessa, líder do Sindicato Solidariedade, da Polônia, que, tal como Lula, chegou democraticamente à Presidência do seu país. Nessa perspectiva, a citação rememora os discursos mais acirrados do atual Presidente da República, em favor do fortalecimento do sindicalismo e das reivindicações da classe trabalhadora. Ao mesmo tempo, constituem essa memória os discursos a respeito das atuais posturas de Lula com relação aos desejos dos trabalhadores, tendo como referências maiores a Reforma da Previdência, módicos aumentos do salário mínimo e o baixo índice de reposição concedido ao funcionalismo público, caracterizando um rompimento de sua FD sindicalista dos anos 70-80 em relação a uma FD mais próxima do capitalismo de mercado, que prima pelo equilíbrio fiscal e pela redução dos gastos públicos, em detrimento do apoio às solicitações dos trabalhadores. Sendo assim, nessa rede interdiscursiva, tem-se um deslocamento do sujeito em relação aos princípios do sindicalismo, outrora tido como solução, que se desenvolve paralelamente à memória dos exaltados discursos do passado.

Ainda em termos de interdiscurso, a menção a Valessa traz consigo, de forma constitutiva, os discursos a respeito da comparação estabelecida entre Lula e o sindicalista polonês que se tornara presidente, tanto no que concerne à trajetória

de ambos, quanto ao destino de seus governos. Nessa rede interdiscursiva, fazem-se presentes discursos cujas projeções apontam para o fato de Lula, a exemplo de Valessa, não conseguir propiciar à classe trabalhadora os avanços que se esperaria de um presidente de origem sindicalista. Entre esses vários discursos, tomamos como ilustração o dizer de Porfírio (2005): “Quando saiu do governo, um tanto consternado com a própria performance, Valessa deu uma declaração penitente: “Não adianta ganharmos as eleições porque não conseguimos mudar as políticas públicas.” Será este o destino também de Lula?”.

Na seqüência da charge, a C1984 (Nosso partido é a nossa força!), é apresentada a partir de imagem que representa Lula novamente sobre a carroceria do caminhão⁶⁹, porém não apenas como sindicalista, mas também como líder político do recém-fundado Partido dos Trabalhadores⁷⁰, e engajado em favor da campanha pelas “Diretas Já!”⁷¹, conforme se pode depreender da estampa em sua camiseta.

⁶⁹ Por já termos tratado da simbologia da carroceria do caminhão em 5.3.3 não aprofundaremos nossas reflexões nesse momento. O observador mais atento perceberá tratar-se da mesma carroceria em que aparece na charge sobre a Senadora Heloísa Helena. Esse recurso, eventualmente utilizado pelo chargista, costuma sofrer críticas por parte de seus leitores-navegadores.

⁷⁰ A respeito das circunstâncias de fundação do PT, ver seção 4.2.1.

⁷¹ Esse movimento é mencionado com mais detalhes em 4.2.2.



Figura 50 – Lula em 1984 (QUIRINO, 2004d)

Essa imagem, aliada ao texto da C1984, aciona a memória discursiva a respeito do surgimento do PT e do seu fortalecimento em nível nacional, apesar da derrota de Lula nas eleições de 1982⁷², além de seu engajamento em favor do restabelecimento imediato das eleições diretas para Presidente da República. Nesse aspecto, a referência a esse movimento, recupera os fatos e discursos que mobilizaram o país a partir de 1983, bem como os dizeres a respeito da derrota da emenda Dante de Oliveira⁷³.

Simultaneamente, a atribuição da C1984 a Luís Carlos Prestes provoca um deslocamento em relação ao dêitico “nosso partido”, que significa o Partidão (Partido Comunista) para Prestes e o PT, no caso de Lula. Esse deslocamento não apaga, porém, as relações entre os dois partidos, já que muitos dos primeiros militantes do PT vinham de movimentos comunistas. Essa vertente, inclusive, sempre esteve historicamente presente nas fileiras do PT. Além disso, a menção ao “Cavaleiro da Esperança”, aciona a rede de discursos a respeito do espírito de luta

⁷² Conforme mencionado em 4.2.2

⁷³ idem

do líder comunista e suas iniciativas em favor da implantação do regime no país, principalmente a sua famosa Coluna. Essa relação de Prestes com o comunismo presentifica também no discurso uma série de outros discursos a respeito do caráter e intenções dos comunistas, cristalizados, entre outras formas, na afirmação folocórica de que “Comunista come criancinha”. Essa crença a respeito dos comunistas constitui muitos discursos que historicamente sempre Lula e o PT como uma ameaça comunista, inclusive na campanha presidencial de 1989⁷⁴.

Ainda com relação a esses discursos a respeito da presença da ideologia comunista na constituição do Partido dos Trabalhadores, a expressão “Nosso Partido é a nossa força”, asocia-se igualmente à rede interdiscursiva a respeito dos chamados “radicais” do PT, que viram recair sobre si, após as eleições de 2002, a força e o rigor do Partido que ajudaram a fundar e a fortalecer, em nome do fortalecimento do governo com o qual tanto sonharam e pelo qual tanto lutaram.



Figura 51 – Lula em 2003 (QUIRINO, 2004d)

⁷⁴ Conforme mencionado em 4.2.3

Por sua vez, a C2003, representa Luís Inácio Lula da Silva no dia de sua posse⁷⁵ como Presidente da República, fato referenciado pela vista parcial da Praça dos Três Poderes, ao fundo, e pelo uso da faixa presidencial. A imagem representa um Lula grisalho e com expressões mais suaves, para a qual contribuem a barba e o cabelo mais aparados. Essa atenuação na aparência do Presidente remete também aos discursos sobre os gestos e o falar mais moderados que teriam lhe assegurado a vitória nas eleições de 2002. Vitória que não foi alcançada quando a imagem de Lula era mais próxima daquela veiculada no quadro da C1984.

O enunciado “Eu sou o povo pela primeira vez no poder”, associado à posse de Lula, aponta para vários discursos a respeito da dominação exercida pelas elites no cenário político nacional. Remete também aos dizeres a respeito do papel histórico de Lula enquanto catalisador da esperança do povo pobre, sem voz e sem vez, do qual ele sempre se colocou como representante, daí a autodesignação “eu sou o povo no poder” e a insistência em dizer ser essa a primeira vez que tal fato se concretiza, o que, por via parafrástica pode ser entendido como a afirmação de que, o povo nunca esteve no poder antes, ou, aqueles que antes estiveram no poder não representavam efetivamente o povo.

Todavia, a publicação da charge um ano e oito meses após a posse do representante do povo, aciona igualmente outros discursos a respeito de suas ações na Presidência, que nem sempre agradaram às camadas populares, principalmente quando essas medidas visavam ao fortalecimento da economia de mercado, através

⁷⁵ Conforme mencionado em 4.3.1

da manutenção das altas taxas de juros, o aumento do superávit em detrimento de investimentos na área social e o cumprimento das metas impostas pelo FMI.

Simultaneamente, a atribuição do enunciado a Fidel Castro, aciona uma outra rede de discursos que, desta feita, desloca Lula para uma situação negativa em relação às chamadas “elites” do capitalismo, vinculadas aos interesses dos Estados Unidos, de quem Cuba é visto como adversário declarado.

Além disso, os discursos inerentes a essa relação pouco amistosa entre Cuba e os Estados Unidos encontram-se intimamente ligados às preocupações do governo de Washington com a situação da América Latina, principalmente no que se refere à eleição de líderes de esquerda como Lula no Brasil e Hugo Chavez na Venezuela. Este último é visto com cautela ainda maior em função de sua posição declaradamente anti-Estados Unidos.

Todos esses discursos, mutuamente constitutivos, integram uma rede complexa da memória discursiva consubstanciada for falares de diversas tendências a respeito da eleição e posse de Lula.



Figura 52 - Lula em 2004 (QUIRINO, 2004d)

Por sua vez a C2004 (Essa CPI é um absurdo, só pra desestabilizar o governo!), apresenta um deslocamento bastante significativo tanto no que concerne ao conteúdo da citação quanto à personalidade citada.

Nessa perspectiva, a memória a respeito da história de Lula e seu engajamento junto aos movimentos sociais e políticos de esquerda são silenciados e ganha cena a preocupação de um Presidente em “abafar” uma CPI que lhe poderia trazer prejuízos políticos. Essa atitude rememorada na charge, aciona a rede interdiscursiva a respeito das críticas feitas por Lula e pelo PT quando o ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso se empenhava em evitar algumas CPIs ditas de cunho político⁷⁶, principalmente àquela que pretendia investigar a compra de votos de deputados para a aprovar a emenda constitucional da reeleição.

Os discursos a respeito dessa atitude de FHC, considerando as condições de produção da charge, acionam também os discursos a respeito da CPI dos Bingos, proposta pela oposição ao governo Lula para apurar as denúncias envolvendo Waldomiro Diniz⁷⁷, a que a charge se refere diretamente, promovendo uma aproximação simbólica entre Lula e Fernando Henrique. Essa aproximação presentifica a rede de discursos a respeito da desvinculação de Lula ao discurso que sempre o caracterizou e da pequena diferença existente entre as suas atitudes de ambos.

Falar como Fernando Henrique, nessa perspectiva, significa deslocar o Presidente Lula do lugar de representante do povo (Eu sou o povo no poder) para o lugar de representante das elites, posição atribuída pelo PT a Fernando Henrique

⁷⁶ Conforme mencionado em 4.2.5

⁷⁷ Conforme mencionado em 4.3.5

Cardoso. Esse deslocamento se manifesta , em termos imagéticos, pela mudança no local de ambientação da cena da charge, que, anteriormente, ocorria em espaço aberto e, a partir da C2004, é representada no ambiente interno do Palácio do Planalto, isto é, no interior das instâncias do Poder. Tal alteração de ambientes torna-se bastante significativa, portanto, por simbolizar a mudança no discurso de Lula, que após a sua posse, consolida sua postura mais moderada, semelhante à de FHC, assinalando a diferença entre a posição de Lula “fora’ do Palácio do Planalto e a de Lula “dentro” do Palácio do Planalto.

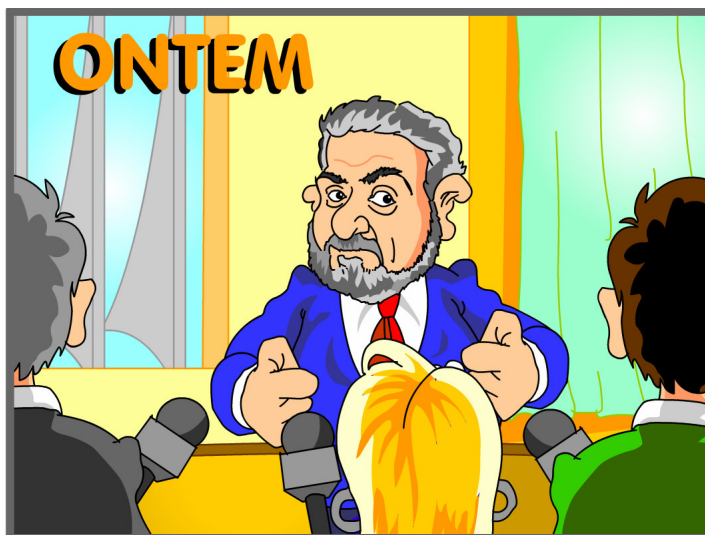


Figura 53 – Lula em agosto de 2004 (QUIRINO, 2004d)

Por fim, a última citação (Meirelles e Casseb, isso é futrica! Essas contas no exterior nunca existiram!”, como diria o Paulo Maluf.), intitulada com o dêitico ontem, referindo-se a 05 de agosto de 2004, materializa, na seqüência intradiscursiva da charge, o deslocamento extremamente acentuado entre o Lula operário, sindicalista e fundador do PT e o Presidente da República. Esse deslocamento se dá através do gesto de designação como futrica em relação a um fato apurado pela CPI do Banestado, na tentativa de desqualificar as evidências de remessa de dólares para o

exterior por parte do Presidente do Banco do Central e do Presidente do Banco do Brasil.

Esse fato coloca o Presidente Lula em uma posição ainda mais delicada que aquela que o associara ao seu antecessor, já que em virtude da menção às contas no exterior, sua atitude é remetida ao político paulista Paulo Maluf, que insiste em negar a existência comprovada de contas milionárias de sua titularidade no exterior. Daí a expressão “como diria o Paulo Maluf”, que aciona a rede de discursos a respeito da suposta corrupção e das mentiras que Maluf procurava inventar para livrar-se das denúncias. Nessa perspectiva interdiscursiva, fazem-se presentes os discursos a respeito da conduta rigorosamente ética do PT e das duras críticas que o Partido sempre fez em relação aos vários casos de corrupção que já vitimaram o país.

Esse grave paradoxo se materializa, no discurso imagético, pelas lágrimas derramadas pelo Presidente, após reconhecer a relação de seu discurso com aqueles que sempre caracterizaram Paulo Maluf⁷⁸ e a que Lula e o PT, antes da posse, sempre se opuseram.

Conforme procuramos demonstrar em nossa análise, as personalidades citadas estão em relação direta com a mudança no discurso e nas atitudes de Lula. Assim, tem-se, até a sua posse como Presidente, a referência a líderes de esquerda como Che Guevara, Lech Valessa, Luís Carlos Prestes e Fidel Castro, ao passo que após a posse, além da mudança no conteúdo da citação, anteriormente relacionados aos ideais revolucionários socialistas, ocorre a convocação de outros sujeitos

⁷⁸ É importante destacar que Paulo Maluf foi, até o momento, o único político a processar Maurício Ricardo em função do conteúdo de suas charges, conforme relatado pelo chargista em entrevista contida no anexo deste trabalho.

citados: o Presidente Fernando Henrique Cardoso, representante do neoliberalismo e Paulo Maluf, personificando a corrupção. Assim, descontrói-se, por via interdiscursiva, a imagem de Lula, símbolo do socialismo e da ética, que passa a incorporar o neoliberalismo e a mentira diante da corrupção.

Por fim, deve-se ainda destacar que, conforme postula a teoria da Análise do Discurso, as condições de produção determinam os efeitos de sentido decorrentes do discurso. Por força dessas condições de produção os vários recortes de discurso citado enquanto efeitos do pré-construído não provocam a cristalização de seu sentido primeiro, mas promovem o deslocamento de sentido, em função da atualidade das condições sócio-históricas de sua citação, propiciando outros efeitos que não estabelecem, obrigatoriamente, algum tipo de relação de sentido com o efeito produzido em sua primeira enunciação. Desse modo, pode-se confirmar que citar é sempre deslocar, propiciando o surgimento do outro no mesmo.

5.4 O MENSALÃO

Nessa última seqüência, são analisadas duas charges produzidas ao longo do ano de 2005 e que têm em comum a temática do suposto esquema de pagamento de propinas a parlamentares da base aliada do Governo Federal, que ficou conhecido como mensalão.

Embora muitas outras charges tenham sido produzidas por Maurício Ricardo procuramos, em nosso trajeto temático, procuramos recuperar alguns dos principais personagens relacionados ao fato. Essas charges atestam ainda a incompletude das investigações, conforme se configuravam à época de nossa pesquisa.

5.4.1 A CPI e seus personagens

A figura a seguir constitui o quadro de abertura da charge publicada por Maurício Ricardo em 15 de setembro de 2005, um dia após a cassação do Deputado Roberto Jefferson pelo plenário da Câmara dos Deputados. A ilustração mostra a capa de um CD musical que supostamente conteria a trilha sonora do Big Brother Brasília. O chargista reconstrói desse modo uma situação típica do meio publicitário a propaganda comercial de um CD que contém a trilha sonora de uma produção midiática, geralmente um programa musical, uma novela, um seriado, um filme, ou uma minissérie.



Figura 54 – Abertura da charge 6 (QUIRINO, 2005i)

Nesse tipo de coletânea musical, é comum que estejam reunidas as músicas que, dentro do programa, estejam vinculadas aos seus diversos personagens. Na capa do CD, é comum figurar um dos personagens de destaque da trama (produções ficcionais) ou do programa em questão. Outro elemento característico dessas capas é a logomarca que caracteriza a produção e a sátira aos

produtos “piratas”, vendidos pelos camelôs e aos próprios vendedores ambulantes, principalmente a falta de domínio da linguagem padrão, conforme podemos perceber em outras “trilhas sonoras” produzidas pelo “charges.com.br”:

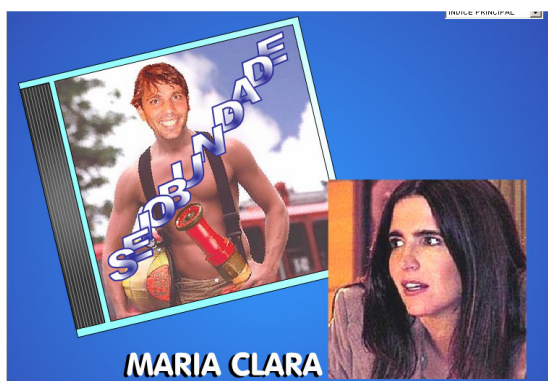


Figura 55 – Trilha sonora de “Seiobundade”⁷⁹
(QUIRINO, 2004)



Figura 56 – Trilha sonora de “Seiobundade” (final)
(QUIRINO, 2004)



Figura 57 – Trilha sonora de “Senhora do Intestino”⁸⁰
(QUIRINO, 2005)



Figura 58– Trilha sonora de “Senhora do Intestino” (final)
(QUIRINO, 2005)

⁷⁹ Referência à novela Celebridade, da Rede Globo de Televisão.

⁸⁰ Referência à novela Senhora do Intestino, da Rede Globo de Televisão.



Figura 59 – Trilha sonora da “A Meleca”⁸¹
(QUIRINO, 2005)



Figura 60 – Trilha sonora da “A Meleca” (Final)
(QUIRINO, 2005)



Figura 61 – Trilha sonora da “A Meleca” - 2
(QUIRINO, 2005)



Figura 62 – Trilha sonora da “A Meleca” - 2 (Final)
(QUIRINO, 2005)

Todas essas características são retomadas pelo chargista ao construir a capa de seu CD fictício. A logomarca escolhida é uma réplica daquela que identifica o Big Brother Brasil, versão brasileira de um *reallity show* produzido na Holanda. Nessa perspectiva a designação *Big Brother Brasília*, configura-se a partir de um deslocamento do título original do programa, propiciado pela noticiosa audiência que as emissoras vinculadas ao Congresso Nacional (TV Câmara e TV Senado) têm alcançado, desde o início da apuração pelas Comissões Parlamentares de Inquérito

⁸¹ Referência à novela “América”, da Rede Globo de Televisão.

das denúncias desencadeadas pelo Deputado Roberto Jefferson⁸² a respeito de um suposto esquema de pagamento de propinas a parlamentares da base aliada do Governo⁸³. A partir dos referidos veículos de comunicação, tornou-se possível ao eleitor, a qualquer momento do dia, inteirar-se do que se passa no plenário ou nas várias comissões da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal.

Essa visibilidade jamais pensada das rotinas do Congresso Nacional é comparada, pelo chargista, a um *reallity show*, mais especificamente o “Big Brother Brasil”, em que os participantes são os próprios membros de uma das “casas” do Poder Legislativo. É como se por meio emissoras de televisão ligadas ao nosso parlamento, fosse possível atender aos conhecidos convites feitos pelo jornalista Pedro Bial, apresentador do “Big Brother Brasil”: “vamos dar mais uma espiadinha” ou “entre e olhe à vontade”.

A designação “Big Brother Brasília” aponta também para o fenômeno de midiaticização da política brasileira⁸⁴. Da mesma maneira que não se pode pensar que os participantes de um *reallity show* estejam agindo de forma natural, a despeito da visibilidade alcançada por suas atitudes transmitidas a um grande número de espectadores, não se pode imaginar que a veiculação das sessões parlamentares não interfiram no dizer e no fazer dos membros do Poder Legislativo. Assim, na produção do chargista, alguns dos personagens do BBB⁸⁵, ganharam uma música própria.

É importante destacar que, diferentemente do que ocorre com as charges-

⁸² Pode-se mencionar o depoimento do ex-parlamentar ao Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, em junho de 2005, como o primeiro “campeão de audiência” das emissoras do Congresso Nacional.

⁸³ Conforme mencionado em 4.3.6

⁸⁴ Conforme mencionado em 2.3

⁸⁵ Sigla original do Big Brother Brasil, que pode ser deslocada para Big Brother Brasília.

okê, nesta charge não são utilizadas paródias musicais, mas sim a música “original”, daí a inscrição na parte superior da capa do CD: trilha sonora original. Isto supõe também a existência de um sujeito que se responsabiliza pela seleção das músicas e a atribuição das mesmas aos seus respectivos personagens. Da mesma forma que o consumidor assume a suposta transparência e neutralidade da trilha sonora, sem se questionar a respeito de quem e em que condições atribui a música a cada personagem ou situação. Também nesta charge, a existência do sujeito é dissimulada a partir do estabelecimento de um efeito de linearidade, relação unívoca entre a música e o personagem, apagando a posição ideológica do sujeito que associa um elemento ao outro.

A capa do referido CD apresenta ainda a imagem do Presidente Luís Inácio Lula da Silva em uma seqüência de três fotos, popularmente conhecidas como “os três macaquinhos”, de origem supostamente chinesa, representados na figura a seguir:



Figura 63 – Os três macaquinhos chineses⁸⁶

A imagem dos três macaquinhos rememora a máxima atribuída a eles: “não vejo, não falo, não escuto”, parafraseada pelo dito popular “Sou cego, surdo e

⁸⁶ Imagem disponível em < <http://www.laranjamecanica.pt/images/macacos.jpg>>

mudo”. Na capa do CD ocorre, pela imagem, um deslocamento de sentidos em que os dizeres relacionados aos macaquinhos são transferidos para o Presidente da República, relacionando-se interdiscursivamente a sua posição em relação aos rumores de corrupção em seu governo. Isto é, enquanto operador da memória social, as imagens do Presidente da República na capa do CD, com as trilhas sonoras do Big Brother Brasília, constitui um processo derrisório em que o Presidente é comparado aos símios, ao mesmo tempo em que se estabelece, pela própria imagem, a partir das relações interdiscursivas, um comentário a respeito do fato aludido pela imagem: a propalada inércia de Lula em relação à série de denúncias que tem atingido o seu governo.

A relação da imagem de Lula e os três macaquinhos, integra todas as seqüências da charge, o que intensifica a crítica ao Presidente, pois vincula o seu suposto desconhecimento a cada um dos fatos remorados pela vinculação de uma música a alguns personagens do meio político nacional.

A partir desse primeiro quadro, a charge prossegue, simulando um comercial de CD musical, apresentando os personagens da “trama” e suas respectivas trilhas sonoras. Sendo assim, em função das peculiaridades desta charge, em que não há uma paródia, mas uma sucessão de músicas “originais”, nossa análise procurará se ancorar nos trechos das músicas que constituem a charge e nos efeitos de sentido que deles decorrem.

O primeiro personagem a ser apresentado é o Deputado Osmar Serraglio, relator da CPI dos Correios na Câmara dos Deputados. A ele é atribuído um trecho da canção “Toda forma de poder”, de autoria de Humberto Gessinger e executada pelo grupo musical “Engenheiros do Hawaí”: “eu presto atenção no que eles dizem mas eles não dizem nada...”



Figura 64 – Big Brother Brasília: Deputado Osmar Serraglio (QUIRINO, 2005i)

Sendo assim, o excerto dedicado pelo chargista ao relator da CPI dos Correios⁸⁷ presentifica a rede interdiscursiva concernente aos depoimentos tomados no âmbito da referida comissão. Pelas lentes da TV Câmara, um grande número de brasileiros pôde assistir a muitos desses depoimentos em que os suspeitos procuravam isentar-se de sua pretensa culpa ou desvincular-se de acusações enunciadas por pessoas cujo depoimento antecederia ao seu. Nesse contexto, a tarefa do relator torna-se extremamente delicada, pois a ele compete registrar de forma escrita tais depoimentos e, ao final do processo, relacioná-la às provas documentais e apresentar seu relatório ao plenário da Casa e ao povo brasileiro.

Referindo-se a uma CPI em que se procurou comprovar, dissimular ou ardorosamente refutar as suspeitas de corrupção envolvendo nomes ligados à direção do Partido dos Trabalhadores e ao Palácio do Planalto, o trecho recortado da música presentifica as informações desencontradas e as supostas tentativas de ocultar os fatos, por parte dos diversos depoentes da CPI.

⁸⁷ Alguns desses depoimentos são mencionados na seção 4.3.6

Na estrutura da sentença, isto é, no fio intradiscursivo, deve-se destacar o uso do pronome pessoal “Eles”, índice de indeterminação do sujeito que assinala um gesto de generalização uma vez que pode significar alguns ou todos aqueles que já foram ouvidos pela CPI. Além disso o uso da adversativa “mas”, materializa a contradição entre a atitude do relator (prestar atenção) e a dos depoentes (dizer nada). Esse dizer nada, usado de forma metoforizada, a partir dos possíveis sentidos elencados anteriormente, acentua-se quando se considera que os potenciais eleitores de alguns dos depoentes ou dos mencionados em seus depoimentos, assistem à cena por seus aparelhos de televisão. Nesse âmbito, é mais interessante não dizer nada que comprometer a si ou a algum aliado.

Após o tema do relator da CPI dos Correios, é apresentada a música que se refere a Delúbio Soares, ex-tesoureiro do Partido dos Trabalhadores. Sua trilha sonora é constituída por um trecho da música “Sangue Latino” de João Ricardo e Paulinho Mendonça: “Jurei mentiras e sigo sozinho, assumo os pecados”.

Pensando inicialmente em termos intradiscursivos, há uma diferença desse texto com relação ao excerto atribuído a Osmar Serraglio. Desta feita, em vez de um sujeito indeterminado, temos um sujeito simples, ainda que elíptico, com marcas de primeira pessoa do singular. Ao contrário da terceira pessoa do plural, quando os referentes podem ser alguns ou todos de um grupo, a primeira pessoa do singular, aponta para o sujeito designado pelo pronome pessoal “eu”.



Figura 65 – Big Brother Brasília: Delúbio Soares (QUIRINO, 2005i)

Pensando na relação da charge com suas condições sócio-históricas de produção, somos remetidos ao papel atribuído a Delúbio Soares, no âmbito do suposto escândalo de corrupção envolvendo o PT e o governo do Presidente Lula. Os depoimentos de Delúbio, nas várias instâncias investigativas da Câmara dos Deputados, sempre causaram muita polêmica, por sua constante negativa da existência da corrupção no governo e do pretense pagamento de mensalão aos Deputados da base aliada⁸⁸. Enquanto tesoureiro do Partido, Delúbio seria o responsável pela entrega das malas de dinheiro aos líderes do Partido para pagamento da propina combinada a alguns deputados. Conforme as investigações da CPI foram avançando, a posição de Delúbio foi ficando cada vez mais delicada, principalmente a partir da menção de suas relações com o publicitário Marcos Valério nos conhecidos empréstimos bancários concedidos ao PT e avalizados pelo empresário mineiro. Ao mesmo tempo, Delúbio procurava convencer a todos de que o dinheiro do PT vinha de empréstimos legais, feitos junto a instituições bancárias oficiais.

⁸⁸ Fato mencionado em 4.3.6

Essas condições de produção envolvem ainda o isolamento de Delúbio em relação aos demais personagens da crise e sua saída da Executiva do PT, juntamente com José Genoíno e Sílvio Pereira, presidente e secretário do Partido, após o escândalo dos “dólares na cueca”. Pouco a pouco, o ex-tesoureiro passou a ser apontado como o único responsável pelas relações do PT com Marcos Valério, tese reforçada pelas afirmações de José Genoíno de que, apesar de ter assinado os contratos com os bancos, desconhecia a existência dos empréstimos.

Essas condições de produção propiciam a presentificação das relações interdiscursivas com relação à imagem pública de Delúbio Soares: aquele que mentiu e assumiu sozinho as possíveis falcatruas existentes no interior do Partido dos Trabalhadores. Nesse âmbito, percebe-se no trecho da música a presença de uma FD religiosa, marcada pelo vocábulo pecados. Ao mesmo tempo, temos o verbo jurar (jurei) presente tanto na FD religiosa quanto na FD jurídica, a partir de um processo de deslocamento da forma-sujeito da religião, para a forma sujeito de direito⁸⁹.

Em um primeiro momento temos uma relação de causa e efeito (jurei mentiras e sigo sozinho) em que a solidão seria o preço a ser pago por Delúbio em função de suas mentiras, presentificando os discursos sobre pecado/castigo (FD religiosa), crime/punição (FD jurídica).

Em seguida, a sentença (assumo os pecados), intensifica a aproximação com o discurso religioso e o silenciamento da FD jurídica. Nesse aspecto, ao contrário do crime cuja pena se pagaria neste mundo, o pecado estaria relacionado ao mundo espiritual, a uma outra dimensão, um outro plano. Ao mesmo tempo, enquanto o crime, no âmbito jurídico, deve sempre implicar em punição, o pecado,

⁸⁹ Conforme Haroche (1992)

no âmbito da religião, principalmente na tradição judaico-cristã, é passível de ser perdoado pela “Infinita Misericórdia Divina”, de modo que o pecador pode livrar-se da pena.

Além disso, o ato de “assumir os pecados” pode criar um efeito de aproximação com as figuras messiânicas das várias regiões, aquele que toma sobre seus ombros os pecados de toda a sociedade. Há, porém, um deslocamento, que deve ser destacado nessa associação, pois, o Messias se caracteriza por sua completa inocência em relação ao crime que assume, diferentemente daquilo que supostamente estaria ocorrendo com o ex-tesoureiro do PT.

Desse modo, não podendo ser plenamente associado ao Messias, a trilha sonora aproxima Delúbio da figura popular do “salvador da pátria”, aquele que entra em cena para, por meios nem sempre lícitos, solucionar o problema de um determinado grupo. Nesse âmbito, após jurar mentiras e experimentar o isolamento, Delúbio estaria salvando a pátria do PT e, possivelmente, do próprio Presidente da República, ao assumir, sozinho, as relações do PT com o seu “amigo” Marcos Valério. Há, portanto, uma oscilação constitutiva em torno da figura de Delúbio Soares: simultaneamente pecador/criminoso e Salvador da Pátria.

O terceiro personagem do BBB a ser “homenageado” na trilha sonora proposta por Maurício Ricardo é o ex-presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti. Ameaçado de cassação na época de publicação da charge⁹⁰, Severino insistia em permanecer no cargo, apesar do conselho de alguns aliados para que optasse pela renúncia, o que acabou acontecendo.

⁹⁰ Conforme mencionado em 4.3.6



Figura 66 – Big Brother Brasília: Ex-Deputado Severino Cavalcanti (QUIRINO, 2005i)

O ex-parlamentar é homenageado com um trecho da marchinha de carnaval “Daqui não saio”, composta em 1950, por Paquito e Romeu Gentil. Composta inicialmente para marcar a resistência das pessoas ameaçadas de despejo, a partir da entrada em vigor da Lei do Inquilinato, o refrão da marchinha é utilizado para presentificar os discursos sobre a intransigência do ex-Deputado em desocupar não um lugar físico, mas um lugar institucional: sua vaga e a Presidência da Câmara dos Deputados.

Apesar das denúncias envolvendo a cobrança de propina do empresário que detém a concessão do restaurante da Câmara dos Deputados por parte de Severino⁹¹, havia rumores de que o ex-deputado sairia ileso da cassação em vista de seu comportamento favorável a uma pena mais branda aos deputados que tivessem comprovada sua responsabilidade nos escândalos envolvendo o PT e o Palácio do Planalto. Além disso, o próprio Presidente da República estaria se mobilizando para auxiliar o “companheiro Severino”.

⁹¹ Conforme mencionado em 4.3.6

Esses fatos fazem-se presentes na charge por via interdiscursiva, e reforçam o tom arrogante assumido pelo refrão dedicado a Severino, para quem a impunidade parece estar garantida. Desse modo, o sair, pode significar a renúncia e o tirar pode ser relacionado à cassação. Isto é, Severino, além de não pretender renunciar, tem certeza de que não será cassado. Todavia, o Carnaval⁹² de Severino teve fim e ele se auto-destronou, com um discurso em que, não só anunciou sua renúncia, mas prometeu voltar.

Já a trilha sonora atribuída ao ex-Deputado Roberto Jefferson é constituída pela segunda estrofe da música Queixa, de Caetano Veloso: “Dessa coisa que mete medo, pela sua grandeza. Não sou o único culpado. Disso eu tenho a certeza”.

No que se refere aos aspectos estruturais do intradiscurso, há novamente um sujeito na primeira pessoa do singular, propiciando, como na canção anterior, um efeito de aproximação com o personagem “homenageado” pela trilha.



Figura 67 – Big Brother Brasília: Ex-Deputado Roberto Jefferson (QUIRINO, 2005i)

⁹² O carnaval, enquanto manifestação popular da Idade Média, é tratado por Bakhtin em Problemas da Poética de Dostoiévski.

Em se tratando do trecho apresentado na charge, temos a menção inicial a uma “coisa” que mete medo pela sua grandeza. Considerando ter sido o ex-Deputado, o autor das denúncias a respeito do suposto esquema do mensalão⁹³, essa a referência a essa “coisa” presentifica os vários discursos a respeito dos atos de corrupção praticados pelos dirigentes do PT e por integrantes do Governo Lula. Ao formular suas denúncias, Jefferson colocou em situação constrangedora muitas pessoas ligadas ao partido e ao governo, as quais estariam envolvidas em um esquema de corrupção, designado na charge como “essa coisa que mete medo pelo sua grandeza”.

A respeito dessa “coisa”, a música retrata alguém que diz ter certeza de não ser o único culpado, o que põe em relação os discursos que apontavam para o grande número de envolvidos nos escândalos de corrupção, fato mencionado pelo próprio Roberto Jefferson, em tom de ameaça, ao Deputado José Dirceu⁹⁴. Isto é, embora Roberto Jefferson tenha sido também o primeiro político a ser mencionado no esquema de corrupção nos Correios, havia muitas outras pessoas envolvidas, conforme as investigações foram apontando e cujos discursos permeiam os sentidos desse trecho deslocado da canção de Caetano Veloso.

Desse modo, essa certeza de não ser o único culpado impeliria o ex-deputado a produzir suas denúncias. Já que fora o primeiro a ter o nome ligado aos esquemas de corrupção, o fato de apontar outros culpados (em termos parafrásticos, não sou o único culpado poderia ser enunciado como “existem outros culpados) seria inclusive uma forma de compartilhar o peso da culpa com essas

⁹³ Conforme mencionado em 4.3.6

⁹⁴ Conforme mencionado em 4.3.6

outras pessoas, a partir da inscrição do enunciado em uma FD jurídica.

A penúltima canção da trilha sonora do BBB é destinada ao ex-deputado e ex-ministro da Casa Civil, José Dirceu. Trata-se do refrão da música “Evidências”, interpretada por Chitãozinho e Xororó: “vou negando as aparências, disfarçando as evidências, mas pra que viver mentindo se eu não posso enganar meu coração?”.



Figura 68 – Big Brother Brasília: Deputado José Dirceu (QUIRINO, 2005i)

No excerto da música, também em primeira pessoa do singular, é apresentado um personagem que diz “negar as aparências” e “disfarçar as evidências”. Ao ser associado ao ex-ministro, o refrão torna presentes toda uma rede de discursos a respeito das acusações feitas contra José Dirceu e suas constantes negativas. Exemplo desse fato seria a sua afirmação de que saía do governo com as “mãos limpas”⁹⁵.

Devemos destacar que à época da produção da charge, o pedido de cassação de José Dirceu ainda não havia sido votado no plenário da Câmara dos Deputados, o que havia era uma série de “evidências” que José Dirceu sempre

⁹⁵ Conforme mencionado em 4.3.6

insistiu em negar, de forma veemente.

A segunda parte da canção apresenta um questionamento do personagem sobre si mesmo em que ele se pergunta sobre a razão de suas mentiras já que não seria capaz de enganar seu coração. Em termos parafrásticos, se poderia dizer que mesmo negando e disfarçando, o ex-deputado não teria condições de enganar a si próprio (seu coração), devendo ainda ser destacado que o personagem da música atribuída a José Dirceu reconhece a sua culpa em relação aos fatos, o que presentifica dizeres a respeito da inegável culpa do ex-deputado em relação às acusações que lhe foram feitas e o qualifica como mentiroso.

Podemos perceber também um processo derrisório bastante acentuado em relação ao ex-deputado, a começar pelo uso de uma canção sertaneja romântica, o que rememora outras situações em que Dirceu foi satirizado em função de seu sotaque de caipira. Além disso, a canção instaura um efeito de comentário⁹⁶ que poderia ser formulado como: “a quem ele quer enganar, se não consegue enganar a si próprio?”.

A última canção do disco idealizado por Maurício Ricardo tem por personagem o presidente Luís Inácio Lula da Silva. Trata-se de um trecho da canção “Resposta”, composta por Samuel Rosa e Nando Reis, executada pelo grupo musical Skank: “Sem mais, eu fico onde estou, prefiro continuar distante”

⁹⁶ Baronas (2005) vincula esse comentário ao conceito de heterogeneidade dissimulada.



Figura 69 – Big Brother Brasília:Presidente Lula (QUIRINO, 2005i)

Inicialmente, podemos assinalar o uso da locução “sem mais”, utilizada para manifestar o fato de que alguém não tem nada mais a dizer, que não pretende dizer mais nada ou não lhe resta mais o que dizer. Nesse âmbito, não tendo mais o que dizer, o personagem da trilha sonora, relacionado ao Presidente da República, fica onde está. Este fato se relaciona por via interdiscursiva às críticas feitas à pretensa inércia do Presidente ante os fatos graves envolvendo seus colaboradores e a direção do seu Partido. Devemos destacar a relação parafrástica existente entre “inércia” e “ficar onde se está”.

Além disso, o ato de preferir continuar distante pode tanto rememorar as críticas referentes às constantes viagens do Presidente ao exterior, que não foram interrompidas nem em tempos de crise, configurando uma paráfrase da distância física. Ao mesmo tempo, essa distância pode ser entendida do ponto de vista moral, em que estar distante, significa não se envolver, omitir-se em relação aos fatos. Ambos os posicionamentos têm recebido críticas de vários setores da sociedade, o que impele o chargista a assumir essas vozes e construir, criativamente, suas charges a respeito do assunto.

Por fim, o locutor da propaganda anuncia o preço do produto, afirmando custar menos que um mensalinho. Nessa perspectiva o termo “mensalinho” aciona o interdiscurso a respeito dos atos de corrupção praticados pelos ex-Presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcante, de valor “menor” em relação ao que suposto “mensalão” pretensamente recebido pelos Deputados. Ao mesmo tempo, são acionados os discursos que mencionam o baixo poder aquisitivo da população brasileira que só pode comprar objetos que custem barato (menos que um mensalinho) e as intensas práticas de “pirataria” desenvolvidas no país, já que o CD pode ser encontrado em um camelô, barraca em que geralmente se comercializa produtos falsos e/u contrabandeados.



Figura 70 – Quadro final da charge 6 (QUIRINO, 2005i)

Conforme se pode perceber, as músicas utilizadas para compor a trilha sonora da charge em questão, apesar de manterem o texto original, através de um gesto de deslocamento, assumem outros sentidos quando relacionadas a personagens ligadas ao suposto esquema de corrupção já denunciado. Isto é, as mesmas palavras assumem um outro sentido quando postas em relação com os personagens mencionados. Tal fato atesta que as palavras são sempre ponto de

deriva para sentidos outros e que esses efeitos de sentido se constroem a partir do diálogo interdiscursivo com os dizeres que circulam socialmente,

Esse interdiscurso, ao inserir o enunciado em novas condições de produção, possibilita os efeitos de sentido pertinentes aos textos, tornando-os diferentes de seu mesmo, através das relações entre história e memória.

5.4.2 Evidências negadas

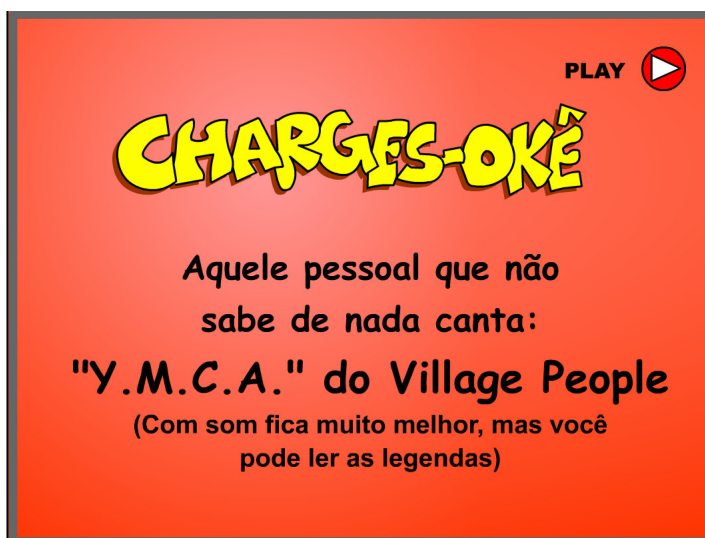


Figura 71 – Abertura da charge 7 (QUIRINO, 2005j)

A última charge a ser analisada foi publicada em 31 de julho de 2005, no auge, portanto, das denúncias que surpreenderam a nação, a partir das primeiras declarações do então Deputado Roberto Jefferson.

Como costuma acontecer nas “charges-okê”, o primeiro gesto de designação ocorre no quadro de abertura da animação, quando se nomeia o personagem-cantor da paródia. Neste caso, fica marcado na abertura que a charge eletrônica envolverá mais de uma personalidade, pois a designação se dá de forma coletiva: “aquele pessoal que não sabe de nada”.

Consideradas as condições sócio-históricas de produção da charge em questão, não se torna muito difícil relacionar “aquele pessoal que não sabe de nada”, ao Presidente da República e aos dirigentes do PT. Isto se dá através das relações com outros discursos segundo os quais Lula e seus colaboradores mais próximos não teriam conhecimento das irregularidades que vinham sendo descobertas pela CPI dos Correios e pelo Conselho de Ética da Câmara dos Deputados.

Tendo em vista que, quando da publicação da charge, essa versão era defendida com bastante intensidade, ao mesmo tempo em que novos elementos eram trazidos a público, tornavam a negativa cada vez mais insustentável, o uso do termo “aquele pessoal” aponta para a banalização das personalidades em questão, a quem o público da charge não teria dificuldades em reconhecer, já que suas posições eram recorrentes em diversos discursos que circulavam na ocasião. Desse modo, “aquele pessoal”, enquanto efeito do pré-construído, pode ser entendido por meio de relações parafrásticas como “aqueles que todos conhecem”, “aqueles que todos sabem quem são”.

Em termos de imagens, a animação é composta de três quadros principais, que procuraremos apresentar a partir de sua relação com as seqüências discursivas que serão analisadas.

O primeiro desses quadros apresenta as caricaturas de José Genoíno (ex-presidente do PT), do Presidente Lula e do ex-ministro José Dirceu, que aparecem fantasiados com certos trajes e situados em um cenário que lembra as apresentações do grupo “Village People” cuja música (Y.M.C.A.) serviu de base para a paródia que compõe a charge.



Figura 72 – Quadro principal da charge 8 (QUIRINO, 2005j)

Além do caráter derrisório próprio da caricatura, a associação imagética dos personagens em questão do grupo musical “Village People” acentua o processo de derrisão, devido à ampla associação que se faz dessa banda com o público *gay*, relação nada agradável para os homens públicos, em uma sociedade marcada por uma forte tradição patriarcal, como é o caso do Brasil. Pode-se dizer, portanto, que o chargista, em sua crítica, insere-se em uma formação discursiva machista, segundo a qual qualquer tipo de relação com o homossexualismo serve para desqualificar o sujeito de que se fala.

Deve-se também destacar que o período de maior sucesso da música parodiada (anos 70) coincide com os tempos de juventude e de militância dos personagens caricaturados. Esse fato traz ao discurso a memória as lutas passadas de Lula, Dirceu e Genoíno no período da ditadura militar e da própria fundação do PT⁹⁷. Essa história, ao mesmo tempo em que é evocada, é também desconstruída

⁹⁷ Conforme 4.1.2

em função das relações interdiscursivas do momento de produção da charge, em que estes, que outrora eram vistos como paladinos da liderança e da justiça, começam a ter suas biografias maculadas por graves denúncias de corrupção.

No que concerne ao texto da paródia veiculada pela charge em questão, a crítica derrisória se desenvolve a partir dos argumentos que, segundo Lula e os dirigentes do PT, atestariam sua isenção a respeito das acusações de que têm sido alvo. Com vista à possibilidade de obter maior clareza, segmentamos a referida paródia em seqüências discursivas.

A SD1 (Não sei de mensalão! Juro! Não sei dessa corrupção!), relaciona-se, por meio da interdiscursividade, aos primeiros argumentos apresentados pelo Presidente da República e seus colaboradores, isto é, eles desconheciam a existência de atos de corrupção no governo. Ao utilizarem a expressão “juro”, os personagens assegurariam a veracidade da afirmação à força de sua palavra, remetendo a uma FD jurídica, segundo a qual um juramento, pela sua seriedade, é sempre verdadeiro. Já em uma FD religiosa, vinculada ao cristianismo, o “jurar” humano pode ser entendido como latência de mentira, já que nos Evangelhos se proíbe o juramento pelo céu, ou pelo templo e recomenda-se apenas que o “sim seja sim e que o não seja não”. Isto é, quem diz a verdade não precisa jurar. Todavia, na FD do senso comum, a expressão “juro” tem valor de interjeição, e serve para enfatizar a veracidade daquilo que se está relatando.

Por sua vez, a SD2 (Já ordenei ampla investigação, pois no PT não tem ladrão. Se tem, é alguém que nos traiu.), relaciona-se aos discursos sobre a ética pela qual o PT sempre foi reconhecido. Esse passado de luta pela justiça e pela moralidade que o partido travou ao longo de vinte e cinco anos de existência, garantiria, então, a inocência de seus líderes. Na representação feita pelo chargista,

essa certeza de inocência por parte dos caricaturados é acentuada pelo fato de já ter sido determinada uma ampla investigação. Contudo, essa SD já aponta para a possibilidade de que fatos ou documentos venham, no futuro, desconstruir esse argumento, de modo que aqueles que juram inocência também cantam: “se tem, é alguém que nos traiu”, trazendo ao eixo da formulação a memória de discursos que já circulavam pelo país, segundo os quais, um grande número de documentos comprovariam as irregularidades cometidas pelo Partido dos Trabalhadores⁹⁸. A essa época já se começava a dizer que Delúbio Soares e Sílvio Pereira teriam tecido acordos e alianças ilícitas, sem a anuência e o conhecimento do Palácio do Planalto e do presidente do partido. Delúbio e Sílvio seriam, portanto, os traidores do PT.

A SD3 (Juro! Se tem, sei que o Lula não viu. Ele não vem quase nunca ao Brasil. Se alguém nos acusou mentiu), relaciona-se aos discursos a respeito da isenção do Presidente da República em relação às irregularidades cometidas pelos dirigentes do seu partido. Essa posição, foi mantida inicialmente pelo ex-deputado Roberto Jefferson.⁹⁹ Ao mesmo tempo, manifesta-se no fio do discurso, toda a uma rede interdiscursiva a respeito das críticas que são feitas às viagens do Presidente Lula, marcadas pela expressão “Ele não vem quase nunca ao Brasil” Essa mesma SD assinala os dizeres do tipo “não é presidente quem governa”, conclusão empiricamente direta da afirmação de que ele passa muito tempo fora do país. Desse modo, a SD3 formula, na charge, uma crítica bastante presente nos meios sociais: o fato de o Presidente, em tese, não ter conhecimento dos fatos ligados às denúncias proferidas por Roberto Jefferson e apuradas pelas CPIs é tão grave quanto ter sabido delas. Um Presidente que não toma conhecimento daquilo que acontece ao seu redor, seria, conforme tais discursos, um Presidente que não

⁹⁸ Conforme 4.3.6

⁹⁹ idem

governa. Em termos lingüísticos, essa situação se intensifica pelo uso da condicional (se), que cria no fio do discurso uma suposta relação lógica do tipo “se x , então y”, que construída de outra forma poderia ser: “se o Lula não viu”, “se ele não vem quase nunca ao Brasil”, então quem nos acusou mentiu, relação que se intensifica pela repetição do advérbio de negação (não), que desloca a relação lógica para “se não x, então não y”.

Ao final dessa SD, é apresentada uma sentença que parece querer impor-se como conclusão diante dos argumentos veiculados anteriormente: todas as acusações feitas pelo PT só podem ser falsas. Recurso que assinala o tom de ironia do sujeito chargista, que constrói a tese de que seriam inocentes Lula, Genoíno e Dirceu, a partir de argumentos ainda mais graves que, em vez de isentá-los, compromete-os ainda mais. Ocorre, desse modo, uma desconstrução da FD da ciência, segundo a qual os argumentos reforçam e atestam a veracidade da tese.

A essa altura, é apresentado um quadro com a inusitada caricatura de José Adalberto Vieira¹⁰⁰, assessor do irmão de José Genoíno, trajando uma cueca branca na qual se encontra estampada, na parte de trás, o símbolo do PT. Enfiadas nessa cueca encontram-se várias notas de dólares.

Essa imagem reforça a desconstrução da tese da ignorância Presidente da República e de seus colaboradores a respeito da corrupção praticada pelo PT. Nessa perspectiva, ao trazer para a charge a caricatura do assessor parlamentar preso com dólares na cueca, o chargista constrói o discurso da evidência, acionando a rede interdiscursiva derivada de várias posições segundo as quais, diante de fatos tão contundentes, não haveria sentido para a insistência do governo em negar a sua responsabilidade.

¹⁰⁰ Mencionado em 4.3.6



Figura 73 – Dólares na cueca (QUIRINO, 2005j)

A SD 4 (Nem sei que mais não sei, sei que eu não sei, Nem sei que mais não sei, só sei, sei que eu não sei), constitui-se no refrão da paródia de Y.M.C.A., preservando quase que integralmente a sonoridade da versão original em inglês. Tal SD, enquanto refrão, cumpre o papel que lhe é peculiar: repetir o elemento principal da canção, neste caso a tese de que Lula, Genoíno e Dirceu não tinham conhecimento dos atos ilícitos do PT. Esse efeito se dá, no nível da formulação, através da repetição da negativa “não sei”, intensificada de forma satírica por expressões como “nem sei mais que não sei” ou “só sei que não sei”, que se relacionam interdiscursivamente com a insistência nos discursos de Lula e de seus aliados de que, efetivamente, não sabiam de nada. Em termos lingüísticos, a maneira como o enunciado encontra-se formulado, ocorre a neutralização da negação, o que deveria gerar o efeito de isenção da responsabilidade, neutralizando a culpa que é colocada em evidência.

A SD5 (Nem nada sobre o careca, nem dólar na cueca), remonta às denúncias do publicitário Marcos Valério (designado a partir da associação com a

sua calvície) e ao já mencionado fato da prisão do assessor do irmão de Genoíno, intensificando, assim, por vias interdiscursivas, a crítica à postura de Lula e dos demais caricaturados em tentar manter-se às margens dos fatos, como se esses não lhes dissessem respeito.

Já a SD6 (Sou petista e petista não peca), insere-se em uma FD religiosa e encontra-se associada ao interdiscurso político-religioso predominante na Idade Média a respeito da infalibilidade do clero. Representado pelo chargista nessa posição, estes ilustres representantes do PT estariam se valendo da ilusão de que os valores por que sempre foram reconhecidos atestariam, mais uma vez a sua inocência, da mesma forma que no período medieval as pretensas virtudes dos clérigos os impediriam de errar. Essa mesma rede interdiscursiva presentifica também os regimes socialistas de Cuba, da China e aqueles já extintos do Leste Europeu, segundo os quais alguns desmandos do Partido se justificariam por sua suposta preocupação com o bem da coletividade.

Após a SD7, repetição da SD4, a que já nos referimos, volta à cena, a caricatura do assessor parlamentar, desta vez dançando em frente aos “vocalistas” e cantando a SD8 (Minha cueca legal tem menos em real que uma mala do universal), que finaliza a paródia.

Essa SD, além de presentificar mais uma vez o escândalo dos dólares na cueca, acrescenta um outro fato posterior à prisão de José Adalberto Vieira: a apreensão de inúmeras malas repletas de dinheiro em poder de pastores da Igreja Universal do Reino de Deus., no domingo, dia 10 de julho, um dia após a prisão do assessor parlamentar. Essa menção presentifica a relação do PT com referida entidade religiosa que se dá através do PL, partido do vice-presidente, José Alencar. Parlamentares do Partido Liberal foram acusados por Roberto Jefferson de

receberem o chamado “mensalão”. Inclusive, o presidente do PL, Waldemar da Costa Neto, trocou agressões verbais com Jefferson, na sessão em que o presidente do PTB depunha, no Conselho de Ética da Câmara¹⁰¹.



Figura 74 – Quadro final da charge 7 (QUIRINO, 2005j)

A alusão ao dinheiro da Igreja Universal, traz, portanto, para o intradiscurso, a memória das relações de seus pastores, membros do PL e o suposto esquema do mensalão, cujo pagamento também se daria através de malas de dinheiro. Ao mesmo tempo, aciona-se uma série de discursos sobre a mal explicada origem do dinheiro da entidade religiosa, que alegou ser fruto da doação dos fiéis, isentando-se assim de ter que comprovar a origem dos altos valores contidos nas malas.

Por fim, a SD9 (Que vergonha do G8) pronunciada pelo Presidente da República caricaturado, presentifica o discurso sobre as relações de Lula com os países ricos. O Presidente, estaria assim mais preocupado com a repercussão de

¹⁰¹ Conforme 4.3.6

sua imagem no exterior, no grupo dos países ricos, do que junto a seus eleitores.

Enquanto elemento constitutivo da formulação das charges, deve-se destacar também a tensão estabelecida entre os vocábulos jurar e pecar, inerentes ao discurso jurídico e ao discurso religioso. Quanto ao verbo jurar, pode-se perceber o seu deslocamento de uma FD para outra, já que o juramento encontra-se primordialmente ligado ao discurso religioso, o que pode ser atestado em várias fórmulas religiosas. Com a transição da forma-sujeito religiosa para a forma-sujeito de direito de que nos fala Harroche (1992), o verbo jurar passa a ser amplamente utilizado nas fórmulas jurídicas, havendo inclusive uma aproximação bastante interessante no âmbito dos julgamentos em que o depoente deve jurar (ato jurídico) sobre a Bíblia Sagrada (ato religioso).

Essa aproximação entre o jurídico e o religioso se dá também na relação jurar-pecar, em que os sujeitos satirizados utilizam um termo próprio do discurso jurídico (jurar) para negar a sua culpa (pecar), culpa que se procura neutralizar através da insistência no uso do não.

A charge em questão, portanto, instaura um processo discursivo em que os elementos do discurso religioso e do discurso jurídico são utilizados para atestar a fictícia inocência dos personagens caricaturados para justamente propiciar o efeito contrário: evidenciar a sua culpa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procuramos refletir a respeito do processo de produção de sentido em um objeto discursivo que tem alcançado a preferência de muitos leitores-navegadores na internet: as charges eletrônicas, em especial aquelas produzidas pelo cartunista Maurício Ricardo, em função de sua visibilidade em âmbito nacional, que inclui a conquista de vários prêmios e a alta qualidade de suas animações, tanto em termos estéticos quanto de conteúdo.

Considerando as peculiaridades da recente história política do Brasil, recortamos, do acervo de charges disponíveis no arquivo durante o período de construção do trabalho, aquelas que fizessem referência ao governo do Presidente Lula.

Com vistas ao cumprimento dos objetivos propostos pela pesquisa, dedicamo-nos a aprofundar nossas concepções sob uma tripla perspectiva: a teoria do discurso, a natureza das charges e a recente história política do Brasil.

No âmbito da teoria do discurso, com base nos estudos de Pêcheux, procuramos situar a AD em sua postura crítica em relação ao estruturalismo saussureano e em seu diálogo com a Psicanálise e o Materialismo Histórico. Nessa perspectiva, procuramos destacar as principais pressupostos teóricos da AD, enfatizando os princípios de negação da transparência da linguagem e da univocidade do sentido. Para tanto, com Pêcheux e Orlandi, ratificamos que o sentido pode sempre ser outro e que a palavra é sempre ponto de deriva para sentidos não estabilizados que são produzidos sempre a partir de uma exterioridade que é constitutiva do discurso.

Dando atenção especial ao conceito de interdiscurso, procuramos refletir a

respeito dos processos discursivos sob a dupla realidade da consituição (interdiscurso) e da formulação (intradiscurso), destacando que o enunciado, já na sua formulação, é constituído por uma memória que lhe é heterogênea e decorrente de uma postura ideologicamente marcada do sujeito que enuncia.

Auxiliados pela reflexões de Eduardo Guimarães, sob a perspectiva teórica da Semântica Histórica da Enunciação, que também insiste na crítica ao corte saussureano e dá grande importância ao conceito de interdiscurso, e sem nos abster dos pressupostos formulados por Pêcheux, procuramos pensar os processos discursivos de designação, enquanto gestos simbólicos de interpretação constitutiva do sujeito que nomeia.

Por meio de uma aproximação com Orlandi, foi-nos possível, a partir da distinção entre discurso e texto e tendo em vista a constituição do duplo dispositivo teórico e analítico da AD, compreender melhor a tarefa do analista do discurso, ou seja, nossa própria tarefa no decorrer deste trabalho. Com essa pesquisadora compreendemos de forma um pouco mais clara a complexa relação entre o real da língua e o simbólico da interpretação.

Dada a peculiaridade de nosso objeto de análise, necessitamos pensar teoricamente alguns elementos relacionados ao humor político o que nos permitiu, sem nos afastar de nossas opções teóricas, estabelecer diálogos bastante proveitosos com Courtine, Bonnafous e Baronas.

Ainda por exigência das charges eletrônicas, tivemos a oportunidade de encontrar em Pêcheux, Davalon e Orlandi, elementos norteadores para uma formulação mais aprofundada de uma teoria que propicie um análise discursiva da imagem, tarefa em que tivemos também a agradável companhia de Gregolin, que já nos acompanhara em outros momentos do percurso teórico.

Necessitando também conhecer mais profundamente nosso objeto de análise, procuramos delinear as principais funções desse texto de circulação social, contando, inclusive, com o auxílio de chargistas de renome nacional. Compreendendo um pouco melhor a natureza da charge jornalística, tivemos também a possibilidade de pensar nos deslocamentos inerentes à sua mudança de portador material: do jornal para a internet. Nessa tarefa pudemos constatar que, apesar de alguns deslocamentos significativos, a charge da internet ainda mantém em comum com a sua correlata do meio jornalístico a função de crítica político-social.

Em função do aspecto de novidade do nosso objeto de análise, dedicamos também à apresentação do autor das charges e do processo de produção das animações e à descrição detalhada do ambiente virtual em que as charges são publicadas. Essa tarefa exigiu que mantivéssemos um contato mais próximo e, apesar de breve, bastante agradável com o jornalista Maurício Ricardo, “pai” de nossas animações.

No que se refere ao levantamento dos elementos da recente história política do Brasil, fomos surpreendidos pelo próprio desenrolar da história, já que, quando da proposição da pesquisa, tínhamos apenas o panorama de um governo que acabara de passar de sua primeira metade e que vinha se caracterizando pela mudança em sua formação discursiva, aproximando-se, em muito, daquele que o antecederia. Enquanto nos preparávamos para relatar esse panorama, sem a meta de trilharmos os caminhos da ciência política, principiando por uma breve remissão à biografia do Presidente, personagem de grande parte das charges políticas, fomos surpreendidos pelas denúncias do Deputado Roberto Jefferson, ignorando, àquela época que passaríamos a dedicar parte de nosso tempo coletando informações a

respeito do processo de investigação dessa primeira denúncia e daquelas que a sucederam nas CPIs e no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados.

Essas novas condições de produção exigiram, entre outras coisas, que reconfigurássemos, por várias vezes o nosso *corpus*, até chegarmos à seleção de charges que integra este trabalho, procurando nos pautar por um trajeto temático que principia na posse de Lula, passa por alguns dos principais momentos do seu governo e termina nas denúncias do mensalão.

Em nossas análise, a partir da duplo dispositivo teórico e analítico da AD, pudemos confirmar a existência de uma memória discursiva, exterior ao enunciado e que determina os efeitos de sentido que dele decorrem a partir de suas condições sócio-históricas de produção. Em outras palavras, os efeitos de sentido de uma charge eletrônica se dão sempre em função da história e da memória que a constituem.

Foi possível perceber também o importante papel da imagem como operador da memória social, responsável pela recuperação de discursos que, embora não formulados, determinam os efeitos de sentido do objeto discursivo. Assim, texto e imagem não podem ser dissociados em uma abordagem discursiva da charge, pois juntos, no nível da formulação, constituem os pontos de deriva para a constituição dos sentidos. No processo de análise surpreendeu-nos a riqueza de possibilidades disponibilizadas pela imagem.

Reiterando o trajeto que relatamos até aqui, podemos afirmar, em resposta à questão formulada no início deste trabalho, que os efeitos de sentido das charges eletrônicas se dão a partir da relação entre as suas condições imediatas de produção (historicidade) e o interdiscurso (memória discursiva) que, enquanto elementos constitutivos, atravessam o objeto discursivo em seu nível de formulação

de natureza verbo-visual. Nesse sentido, texto e imagem são pontos de deriva para a produção de novos sentidos, a partir da posição ideológica de um sujeito que desenvolve uma crítica que provoca riso, sem abrir mão do aumento da visibilidade do site, em função das coerções da mídia capitalista.

Essa constatação, posta em relação com os nossos objetivos, desafia-nos a pensar na perspectiva do leitor-navegador que aporta diariamente no site e nas condições de produção de leitura dessas charges, gerando o interesse em abordarmos também a questão do efeito-leitor. Tarefa que poderemos assumir em um outro momento.

Por fim, cumpre-nos destacar, no nível ilusório que a consciência nos permite alcançar, o grande crescimento propiciado por esse trabalho de pesquisa, enquanto possibilidade de ampliação dos horizontes intelectuais e como exercício de um novo olhar sobre as charges que acompanham nosso cotidiano desde 2000.

A superfície da consciência nos permite enunciar ainda a certeza da imperfeição e das incompletudes dessas nossas reflexões; todavia, preferimos continuar acreditando que o sentido nunca é fechado em si mesmo, propiciando sempre novos gestos de leitura.

Se no momento ainda não nos foi possível olhar com profundidade teórica para o efeito-leitor do discurso, não podemos deixar de lembrar que em nosso deslizar por esse oceano de pontos de deriva, passamos por muitos desses leitores-navegadores assíduos das charges de Maurício Ricardo e sujeitos da “realidade” histórica do Brasil. Com relação a esses sujeitos, entendemos ter prestado nossa contribuição ao procurar instaurar um olhar discursivo com relação a essas produções humorísticas e opinativas que cotidianamente (re)apresentam os fatos que diretamente atingem a todos os brasileiros, representadas pela produção de

nosso chargista, ainda que não restrita a ela.

Esse olhar discursivo, parece-nos um convite a esses navegadores a mirar com mais atenção essas produções, reconhecendo seu aspecto histórico-ideológico, sem deixar de apreciar o inegável aspecto lúdico, aprendendo a reconhecer os elementos simbólicos do discurso que conferem a esses textos verbo-visuais a sua ilusória evidência de sentidos.

Nossa deriva aproximou-nos também dos portos da educação, dos quais se tem exigido a formação de cidadãos críticos e de leitores competentes. Reconhecemos que a teoria em que nos engajamos não busca educar ou ensinar a ler, mas o olhar discursivo, inevitavelmente, contribui, reiteramos, para a implementação dessas novas posturas necessárias à transformação das estruturas de nossa sociedade.

Nesse nosso gesto de estar à deriva no complexo oceano dos sentidos, tendo como âncora a inconsistente materialidade do texto, arriscamo-nos também no entrecruzar da rota dos estudiosos da ciência política com os quais, sem estabelecermos laços de pertencimento, dividimos mares, permutamos sinais e dos quais poderemos receber, no futuro, saudações amistosas ou protestos pelo atrevimento.

Passamos também, em nossa deriva pelos portos da História, a partir dos quais avizinhamo-nos dos historiadores e, principalmente, mantivemos contato com a euforia e a dor de tantos brasileiros com quem comemoramos e lamentamos o atual Governo da República, compartilhando da incerteza que circunda esses cidadãos, que não produzem documentos referenciais, mas movem as rodas do tempo e da história do cotidiano e, na maioria das vezes alienam seu pensar, seu falar, seu ouvir e seu dizer aos aparelhos da mídia impressa, radiofônica, televisa e

eletrônica, que criam as janelas pelas quais ilusoriamente essa massa imagina poder enxergar a realidade.

Nesse deslizar, nosso olhar foi, portanto, o de testemunha inquieta, que tem ao seu dispor as lentes invisíveis e conscientemente imperceptíveis dos subsídios teóricos; um olhar inicialmente desejoso de apenas contemplar que, com o tempo, foi movido pelo desejo de conhecer e, atingido pelas dores do mundo, não pôde fugir dos riscos de interpretar, nem deixar de sonhar que a História, a Política e o Brasil venham a ser diferentes, produzindo sentidos que nos levam a repetir com Fernando Pessoa:

Valeu a pena? Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador

Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,

Mas nele é que espelhou o céu.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. (Trad. João Paisano). Lisboa: Horizonte, 1977.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 4ed. São Paulo: Hucitec, 1982. Disponível on-line em <<http://www.biblio.com.br/Templates/AmadeuAmaral/modialetocaipira.htm>>. Acesso em 22.jan.2006.

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogenéite montrée et hétérogenéite constitutive: éléments pour une approach da l'autre dans le discours. **DRLAV Revue de linguistique**. Paris, Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, 26, 1982.

BARONAS, R. L. Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada. **Polifonia**. Cuiabá, n. 10, p. 99-111, 2005.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. 4ed. Campinas: Pontes, 1995.

BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen. In: GREGOLIN, M.R. et al (org). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

BRITTO, P. D. **Gestos do silêncio: a censura e a resistência no Discurso pasquiniano**. 2005. 85f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

CABRAL, O. O que será que ele sabe?. **Veja**. São Paulo: Abril, ano 38, n. 22, mai. 2005a.

_____. Nocaute. **Veja**. São Paulo: Abril, ano 38, n. 25, jun. 2005b.

_____. Dólar na Cueca. **Veja**. São Paulo: Abril, ano 38, n. 28, jul. 2005c.

_____. A dupla solidão de Palocci. São Paulo: Abril, ano 39, n. 47, 23.nov.2005d

CARNEIRO, M.; LINHARES, J.; OYAMA, T. O negociação do Lulinha. **Veja**. São Paulo: Abril, ano 38, n. 28, jul. 2005.

CHARRAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. (Coord. Trad. Fabiana Komesu). São Paulo: Contexto, 2004.

COURTINE, J.J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, M.R. et al (org). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

DAVALON, J. A imagem, uma arte da memória? In: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. (Trad. José Horta Nunes). Campinas: Pontes, 1999.

DUALIBI, J. Coleção de Crimes. **Veja on-line**. 2005. Disponível em <http://veja.abril.com.br/261005/popup_brasil01.html>. Acesso em 26.out.2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Escândalo do Mensalão/ Palocci na mira.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1711200502.htm>>. Acesso em 17.nov.2005.

FOLHA ON LINE. Caso do mensalão teve início com denúncia de Roberto Jefferson. **Folha on line.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u70018.shtml>>. Acesso em 04-07-2005.

_____. Saiba mais sobre Marcos Valério, o empresário acusado por Roberto Jefferson. **Folha on line.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u70424.shtml>>. Acesso em 08-07-2005.

_____. Plenário da câmara aprova cassação de Roberto Jefferson. **Folha on line.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u72362.shtml>>. Acesso em 21-07-2005.

FRANÇA, R. Ação entre velhos amigos. São Paulo: Abril, ano 38, n. 27, jun. 2005.
GOMES, E. Collor surge como fator novo em 1989. In: ESTADÃO. **Eleições 2002:** História. Disponível em <http://www.estadao.com.br/ext/eleicoes2002>. Acesso em 29-06-2005.

GLOBO.COM. Entrevista exclusiva com o Presidente Lula ao Fantástico. **Últimas edições fantástico.** 2006. Disponível em <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1099392-4005-397500-0-01012006,00.html>>. Acesso em 15.jan.2005.

GRAIEB, C. Vai ser preciso segurar. **Veja.** Disponível em <http://veja.abril.com.br/231002/p_038.html>. Acesso em 20-06-2005.

GREGOLIN, M. R. Recitação de mitos: a história nas lentes da mídia. In: GREGOLIN, M.R (org.) **Filigranas do discurso:** as vozes da história. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2000.

_____. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso:** diálogos e duelos. São Carlos, Claraluz, 2004.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido:** um estudo históricos e enunciativo da linguagem. 2 ed. Campinas: Pontes, 2002.

HADDAD, G. *Ethos* prévio e *Ethos* discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso:** a construção do ethos. (Trad. Dílson Ferreira da Cruz, Fernanda Komesu e Sírio Possenti). São Paulo: Contexto, 2005.

HARROCHE, C. **Fazer dizer, querer dizer.** (Trad. Eni Pulcinelli Orlandi). São Paulo: Hucitec, 1992.

HECK, S. **Lula e o boné do MST.** Disponível em <<http://www.campo.org.br/texto21.htm>>. Acesso em 01-07-2005.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** (Trad. Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha). 3ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Gênese dos Discursos.** (Trad. Sírio Possenti). Curitiba: Criar, 2005.

_____. *Ethos*, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. (Trad. Dílson Ferreira da Cruz, Fernanda Komesu e Sírio Possenti). São Paulo: Contexto, 2005.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da Análise do Discurso na França. In: ORLANDI, E.P. (org.) **Gestos de leitura**: uma história do discurso. (Trad. Betênia Mariani et al). Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

_____. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. (Trad. Eni P. Orlandi). Campinas: Pontes, 2003.

MARKUN, P. **O sapo e o príncipe**: personagens, fatos e fábulas do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MARTINS, S. O humor é a melhor vingança. **Veja**. São Paulo: Abril, ano 38, n. 29, jun. 2005.

MEIRELES, A; KRIEGER, G. Bicho na campanha. **Época**. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/EPOCA/0,6993,ETP678141>>

MONTEIRO LOBATO, J. B. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1972.

MUSSALIN, F. Análise do Discurso. In: BENTES, A.C; MUSSALIN, F. **Introdução à Lingüística**: domínios e fronteiras. vol 2. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, M.L.S. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J. C. **Letras & Comunicação**: uma parceria para o ensino de língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLTRAMARI, A. Os "cassáveis". **Veja on-line**. 2005. Disponível em <http://veja.abril.com.br/070905/p_062.html>. Acesso em 07.set.2005.

ORLANDI, E.P. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4 ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

OYAMA, T. Vinte anos na oposição. **Veja**. São Paulo: Abril. 30.out.2002. Disponível on-line em <http://veja.abril.com.br/301002/p_036.html>. Acesso em 20-06-2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. (Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al). 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. (Trad. José Horta Nunes). Campinas: Pontes, 1999.

PEREIRA, C.; CARNEIRO, M. Um irmão problema. **Veja**. São Paulo: Abril. 12 out. 2005. Disponível em <http://veja.abril.com.br/121005/p_058.html>. Acesso em 04-11-2005.

POLICARPO JUNIOR. O homem-chave do PT. **Veja on line**. Disponível em <http://veja.abril.com.br/180505/p_054.html>. Acesso em 20-06-2005.

PORFÍRIO, P. Com tais opositores, não precisa aliados. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, 29.jul.2005. Disponível on-line em <<http://www.tribuna.inf.br/anteriores/2005/julho/29/coluna.asp?coluna=porfirio>>. Acesso em 21.jan.2006.

SIQUERI, M. Formação Discursiva e texto imagético: possibilidades. **II Sead**. Porto Alegre, 2005. Disponível em <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead/doc/marcelosiqueri.pdf>>. Acesso em 14.jan.2006.

TEIXEIRA, O. **Perfil**: Luís Inácio Lula da Silva. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/eleicoes>>. Acesso em 19-06-2005.

_____. **Um outro Brasil com Lula**. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/eleicoes>>. Acesso em 26-06-2005.

ROMUALDO, E.C. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia. Maringá: Eduem, 2000.

QUIRINO, M.R. Semana de Férias. **Charges.com.br**. 2001. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/editorial.php?ideditorial=15>>. Acesso em 01-08-2005.

_____. Vivendo por conta. **Charges.com.br**. 2001. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/editorial.php?ideditorial=8>>. Acesso em 20-06-2005.

_____. O importante é ser feliz. **Charges.com.br**. 2001. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/editorial.php?ideditorial=21>>. Acesso em 01-03-2005.

_____. Charges.com.br vai pro globo.com. **Charges.com.br**. 2001. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/editorial.php?ideditorial=22>>. Acesso em 10-02-2005.

_____. Ganhamos o info 2001. **Charges.com.br**. 2001b. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/editorial.php?ideditorial=23>>. Acesso em 25-07-2005.

_____. Rumo ao ibest. **Charges.com.br**. 2001. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/editorial.php?ideditorial=21>>. Acesso em 01-08-2005.

_____. Estamos entre os cinco mais do ibest. **Charges.com.br**. 2001. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/editorial.php?ideditorial=21>>. Acesso em 31-07-2005.

_____. Yes! Somos top 10. **Charges.com.br**. 2001. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/editorial.php?ideditorial=21>>. Acesso em 31-07-2005.

_____. Presidenciáveis cantam "Summernights". **Charges.com.br**. 2002a. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1508&modo=som>>. Acesso em 07.out.2002.

_____. Toby entrevista Retina Duarte. **Charges.com.br**. 2002b. Disponível on-line em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1026&modo=som>>

_____. Ganhamos o prêmio info 2002. **Charges.com.br**. 2002a. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/editorial.php?ideditorial=44>>. Acesso em 03-08-2005.

_____. Tem que ter assunto. **Charges.com.br**. 2002c. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/editorial.php?ideditorial=25>>. Acesso em 02-08-2005.

_____. Lula canta "Festa". **Charges.com.br**. 2002d. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=2529&modo=som>>. Acesso em 31.dez.2002.

_____. Helopitty Helena canta "Máscara". **Charges.com.br**. 2003a. Disponível on-line em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1238&modo=som>>.

Acesso em 19.dez.2003.

- _____. Ministro Palocci canta “Partida de Futebol”. **Charges.com.br**. 2003b. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=3004&modo=som>>. Acesso em 30.abr.2003.
- _____. Em clima de carnaval, Lula e Palocci cantam “Devagar, devagarinho”. **Charges.com.br**. 2003c. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=3010&modo=som>>. Acesso em 02.abr.2003
- _____. Lula e Osvaldo, o trabalhador: Soldados. **Charges.com.br**. 2003d. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=2004&modo=som>>. Acesso em 20.abr.2003.
- _____. Militantes do Movimento dos Sem-Terra: Marvada Pinga. **Charges.com.br**. 2003e. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1607&modo=som>>. Acesso em 16.jul.2003.
- _____. Babá e Heloísa Helena, os Radicalistas: Velha Infância. 2003f. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1607&modo=som>>. Acesso em 06.mai.2003.
- _____. Lula canta “Enquanto houver sol”. 2004a. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1362&modo=som>>. Acesso em 26.abr. 2004.
- _____. Helô Ira Helena canta “Sorte Grande (Poeira) da Ivete Sangalo”. 2004b. **Charges.com.br**. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1312&modo=som>>. Acesso em 06.mar.2004.
- _____. Seca Pacotinho canta “O Penetra”. **Charges.com.br** 2004c. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1378&modo=som>>. Acesso em 31.mai.2004.
- _____. Citações. **Charges.com.br**. 2004d. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1462&modo=som>>. Acesso em 06.ag.2004.
- _____. Lula, que quer criar um conselho para fiscalizar a imprensa, canta: “Não diga nada”. **Charges.com.br**. 2004e. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1482&modo=som>>. Acesso em 26.ag.2005.
- _____. Estrela tombada. **Charges.com.br**. 2004f. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/2004/04/19/brasil-estrela-tombada>>. Acesso em 19.abr.2004.
- _____. Lula canta; Explode Coração (Peguei um Ita no Norte). **Charges.com.br**. 2004g. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/2004/02/21/lula-canta-explode-coracao/>> Acesso em 21.fev.2004.
- _____. Turma do Arraiá do Torto canta: “Sonho de papel”. **Charges.com.br**. 2004h. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/2004/06/16/turma-do-arraia-do-torto-sonhos-de-papel/>> Acesso em 16.jun.2004.
- _____. Bate-papo com Maurício Ricardo. **Bate-Papo Uol**. Disponível em <<http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/frames.jhtm?url=http://bp.tc.uol.com.br/convidados/arquivo/quadhumor/ult1757u50.jhtm>>. Acesso em 04.ag. 2005.
- _____. Clássicos – Toby entrevista “ET de Varginha”. **Charges.com.br**. 2005a. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1796&modo=som>>. Acesso em 23.jul.2005.
- _____. Toby entrevista “Bandido”. **Charges.com.br**. 2005b. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1845&modo=som>>. Acesso em 10.set.2005
- _____. Toby entrevista. **Charges.com.br**. 2005c. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/tobby.php>>. Acesso em 01.out.2005.
- _____. Cotidiano – Star wars. **Charges.com.br**. 2005d. Disponível em: <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1766&modo=som>>. Acesso em 23.jun.2005.

- _____. Lula canta Guantanamera, clássico da música latina. **Charges.com.br**. 2005e. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1806&modo=som>>. Acesso em 20.ago.2005.
- _____. Severino Cavalcante canta: “Severina Xique-Xique, do Genival Lacerda. **Charges.com.br**. 2005f. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1646&modo=som>>. Acesso em 18.fev.2005.
- _____. Aldo Cabelo canta “Uma vez mais”, do Ivo Pessoa. **Charges.com.br**. 2005g. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1873&modo=som>>. Acesso em 06.out.2005.
- _____. Brasil e corruptos infiltrados no governo cantam “Televisão”, dos Titãs. **Charges.com.br**. 2005h. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1737&modo=som>>. Acesso em 25.mai.2005.
- _____. Big Brother Brasília. **Charges.com.br**. 2005i. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1850&modo=som>>. Acesso em 15.set.2005.
- _____. Aquele pessoal que não sabe de nada canta “Y.M.C.A.”. **Charges.com.br**. 2005j. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/vercharge.php?idcharge=1786&modo=som>>. Acesso em 13.jul.2005.
- _____. Duas vezes prêmio Info. **Charges.com.br**. 2005l. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/editorial.html>>. Acesso em 20.dez.2005.
- _____. Banda Colapso canta “A Lua me traiu”. 2005m. **Charges.com.br**. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/2005/10/20/banda-colapso-a-lua-me-traiu/>>. Acesso em 30.nov.2005.
- _____. Trilha sonora de Seibundade. 2005n. **Charges.com.br**. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/2004/02/27/televisao-trilha-de-seibundade/>>. Acesso em 20.jan.2006.
- _____. Trilha sonora de Senhora do Intestino. **Charges.com.br**. 2005o. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/2004/12/06/novela-trilha-de-senhora-do-intestino>>. Acesso em 20.jan.2005.
- _____. Trilha sonora de A Meleca. **Charges.com.br**. 2005p. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/2005/05/28/televisao-trilha-sonora-de-ameleca/>>. Acesso em 20.jan.2005.
- _____. Trilha sonora de A Meleca 2.. **Charges.com.br**. 2005q. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/2005/07/04/cd-trilha-sonora-de-ameleca-2/>>. Acesso em 20.jan.2005.
- _____. Kib Abelha e Lula: Nada sei. **Charges.com.br**. 2005r. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/2005/08/17/kid-abelha-e-lula-nada-sei/>>. Acesso em 17.ago.2005.
- _____. Aprendiz de Feiticeiro. **Charges.com.br**. 2006a. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/2006/01/11/cotidiano-aprendiz-de-feiticeiro/>>
- _____. E-mails comentados. **Charges.com.br**. 2006b. Disponível em <<http://charges.uol.com.br/comentarios.php?PgAtual=2>>

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

UOL. **Sobre o UOL**. 2005a. Disponível em <<http://sobre.uol.com.br>>. Acesso em 02.jan.2006.

_____. Álvaro Dias levanta suspeitas sobre contrato entre Caixa e BMG. **UOL últimas notícias**. 2005. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/reuters/2005/11/18/ult27u52379.jhtm>>. Acesso em 19.nov.2005b.

_____. **UOL Humor**. 2006a. Disponível em <<http://humor.uol.com.br/>>. Acesso em 14.jan.2006.

_____. **UOL Jornais**. 2006b. Disponível em <http://jornais.uol.com.br>. Acesso em 15.jan.2006.

VALENTE, A. Entrevista com Ique e Aoreira. In: AZEREDO, J.C. **Letras & comunicação: uma parceria para o ensino de Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.

VEJA. O discurso light do PT me irrita. **Veja**. Disponível em <http://veja.abril.com.br/231002/p_038.html> Acesso em 19-06-2005

VEJA ON-LINE. Governo dos petistas terá sete homens fortes. **Eleições 2002**. Disponível em <<http://vejaonline.com.br/notitia/servelet.newstorm.net>>. Acesso em 18.jun.2005.

_____. A acusação sobre o uso de doleiros. **Notícias diárias**. 2004. Disponível em <<http://vejaonline.abril.com.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=1&textCode=101813¤tDate=1091732460000>>. Acesso em 21.jan.2006.

WIKIPEDIA. **Luís Inácio Lula da Silva**. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em 18-06-2005.

ANEXO A
ENTREVISTA COM MAURÍCIO RICARDO

De: Charges.com.br
Para: Amarildo Pinheiro Magalhães
Data: 09/08/2005 12:31
Assunto: Re: Mestrando desesperado

Mensagem

Minhas respostas. Desculpe a demora!

1. Onde e quando você nasceu?

Duque de Caxias, RJ, mas vivo em Uberlândia MG desde os sete anos de idade.

2. Onde você cursou "jornalismo"?

Não cursei. Sou jornalista profissional, com matrícula no Ministério do Trabalho e tudo, porque não havia o curso de Comunicação Social em Uberlândia quando me iniciei na carreira. Fiz três anos de Artes Plásticas, um de Direito e seis meses de História, sem completar nenhum dos cursos, na Universidade Federal de Uberlândia.

3. Em que empresas trabalhou como jornalista, que funções e em que período?

No Jornal Primeira Hora (já extinto) como cartunista, entre 1981 e 1988. E no Jornal Correio, o único diário de Uberlândia, sempre como cartunista mas ocupando as seguintes funções: Repórter, Editor de Cultura, Editor-Chefe, Coordenador de Redação, Coordenador Geral (Redação, Publicidade e Circulação), entre 1989 e 2001. Fui também âncora e produtor de um programa jornalístico na afiliada local da Rede Globo, TV Integração.

4. Você já foi filiado, militou ou tem ligações próximas com algum partido político? Qual?

Não. Mas trabalhei como Produtor Gráfico (fazendo ilustrações e artes de impressos) na Assessoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Uberlândia, durante dois governos diferentes e adversários: um do PMDB e outro do PFL.

5. Tem simpatia por algum partido político ou ideologia?

Não. Acho os rótulos ideológicos muito limitadores. Especialmente neste momento da vida pública brasileira.

6. Como você se classifica política e ideologicamente?

Um democrata, que ainda acredita nas transformações sociais através de instituições fortes, leis eficientes e da competência e da boa índole dos homens públicos.

7. Você fazia charges antes de criar do "charges"?

Estava no Jornal Correio, como Executivo, cheio de estresse.

8. Como surgiu a idéia da Internet?

Sou internauta desde que conheci a rede, em 1996 ou 97, se não me engano. Desde então fui amadurecendo a idéia de usa-la para manifestar minha arte, a princípio como hobby, depois acreditando que poderia se tornar um meio de subsistência.

9. Na sua opinião o site de apenas a função de divertir? Por quê?

Não apenas, mas esta é – sem dúvida – sua função prioritária. Não sacrifico a diversão pelo “engajamento”. Acho fascinante poder falar de política mas também de novelas, esportes e abobrinhas. Tenho entretanto minhas convicções éticas, que manifesto até de forma intuitiva, então não raramente as charges acabam, sendo veículo de reflexões mais... digamos... “sérias”.

10. Que tipo de reações negativas você já recebeu em relação as suas charges, principalmente dos políticos?

Fui processado pelo Paulo Maluf, o que muito me honra (rs). Ele não ganhou. Era uma charge em que eu, de forma não muito sutil, afirmava que ele é ladrão.

11. Com o que você mais se preocupa ao criar uma charge: o texto ou a imagem? Por quê?

Ambos são muito importantes. Mas o roteiro ou o argumento são mais importantes. Uma boa arte sem conteúdo é um bolo oco só com glacê por fora.

12. As charges têm sempre de manifestar a sua opinião ou você se preocupa mais com aquilo que o internauta gostaria de ver?

Não nego que me preocupo muito com os temas que – acredito – o internauta quer

ver. É um dos segredos da audiência do site e acho fantástico o desafio de tentar captar o que se passa no “inconsciente coletivo” da população. Mas como as charges são criadas por mim, claro que elas manifestam minha opinião, mesmo quando seja uma opinião irônica, sarcástica ou simplesmente boba.

13. Quais as etapas de criação de uma charge?

Começa pela escolha do tema. Depois vem a criação do roteiro, a gravação do áudio, os desenhos e animação.

14. Algumas vezes você modifica o nome das personalidades retratadas em suas charges. Que critérios você usa para criar o novo nome?

Não tenho critérios. A troca de nomes sequer é pra evitar processos, como supõem alguns. É só um jeito de lembrar que aquele personagem desenhado é a minha versão da celebridade real, não a celebridade em si.

15. No processo de criação das charges, você tem em mente algum perfil específico de internauta? Qual?

Não. O site é visitado por pessoas de todas as idades e gêneros. Meu esforço é só no sentido de que todas as mensagens consigam atingir um público amplo. Detesto ser ininteligível. Prefiro que digam “não gostei” do que “não entendi”.

16. Que fatores determinaram a sua escolha pelos portais em que o seu site já foi hospedado?

Liberdade de trabalho, boa qualidade de hospedagem e dinheiro, não necessariamente nesta ordem.

17. Você já sofreu algum tipo de pressão ou tentativa de censura dos portais em que passou? Quando? Como?

Não. Jamais. Nem na Globo.com, onde fazia charges sobre outras emissoras que não a Globo e tinha a mesma linha em relação à política.

18. O seu contrato com o uol prevê algum tipo de controle do conteúdo por parte do portal?

Não.

19. Como você avalia o Governo de Lula até o momento?

Frustrante. Se por um lado achei positivo o tato que Lula teve, num primeiro momento, para lidar com as questões econômicas, por outro achei que ele poderia ter ousado mais após a transição. Aí vieram os deslizamentos éticos e todo o resto ficou menor: pra mim a corrupção ou a conivência com ela é imperdoável. Principalmente vindo de uma facção que sempre empunhou a moralidade como sua principal bandeira.

20. Em termos de sensações, sentimentos, você nota alguma diferença entre ter feito as charges sobre o FHC e as charges que faz sobre o Lula?

Não, sinceramente. Como já disse, não sou simpatizante de nenhuma facção e digo isso com toda a sinceridade. Crio humor em cima de fatos e da minha percepção deles.

21. Você tem conhecimento de outras pesquisas científicas que estejam sendo desenvolvidas a respeito de suas charges? Quais?

Não. Elas já foram objetos de pelo menos um trabalho de mestrado em jornalismo, pelo que me lembro e foram citadas em algumas outras pesquisas mais amplas sobre humor e Internet.

22. Existe a possibilidade de você me autorizar, por escrito (no papel), a publicar recortes de imagens e/ou o texto integral de suas charges em publicações estritamente científicas (periódicos, comunicações, anais de eventos)? Como?

Autorizo. Você tem minha palavra, que vale mais que papel assinado. Não me faça assinar papel e ir ao correio, por favor! Hehehe.

ANEXO B
CORPUS SELECCIONADO

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)